

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

CAMILA DO VALE ALMEIDA

A vivência do luto na adolescência:
uma compreensão fenomenológica-hermenêutica

Maringá-PR
2023

CAMILA DO VALE ALMEIDA

A vivência do luto na adolescência:
uma compreensão fenomenológica-hermenêutica

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Área de concentração: Constituição do Sujeito e Historicidade.

Linha de pesquisa: Subjetividade e Práticas Sociais na Contemporaneidade.

Orientadora: Profa. Dra. Lucia Cecilia da Silva

Maringá-PR
2023

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
(Biblioteca Central - UEM, Maringá - PR, Brasil)

A447v

Almeida, Camila do Vale

A vivência do luto na adolescência : uma compreensão fenomenológica-hermenêutica /
Camila do Vale Almeida. -- Maringá, PR, 2023.
142 f.

Orientadora: Profa. Dra. Lucia Cecilia da Silva.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências
Humanas, Letras e Artes, Departamento de Psicologia, Programa de Pós-Graduação em
Psicologia, 2023.

1. Luto - Adolescência. 2. Luto - Aspectos psicológicos. 3. Morte. 4. Fenomenologia. I.
Silva, Lucia Cecilia da, orient. II. Universidade Estadual de Maringá. Centro de Ciências
Humanas, Letras e Artes. Departamento de Psicologia. Programa de Pós-Graduação em
Psicologia. III. Título.


CDD 23.ed. 155.937


CAMILA DO VALE ALMEIDA


"A vivência do luto na adolescência: uma compreensão fenomenológica-hermenêutica"

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia.

COMISSÃO JULGADORA


Prof. Dra. Lucia Cecilia da Silva
(Orientadora-Presidente)


Prof. Dra. Sylvia Mara Pires de Freitas
Primeira Examinadora


Prof. Dra. Mariele Rodrigues Correa
Segunda Examinadora

Aprovado em: 15 de dezembro de 2023.
Defesa realizada na sala de video do Bloco 118.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Nelio e Adriana: a primeira coisa que eu fiz quando cheguei em casa após a aprovação no mestrado foi me sentar com vocês na cama e agradecer. Endosso o que disse naquele dia: “Isso não seria possível sem vocês e seu apoio”. Vocês são minha paz, meu lugar de descanso, onde deito a cabeça em seus colos e dou as melhores risadas.

À minha irmã, Naiara, com quem encerrei um ciclo importantíssimo. Neste último ano de mestrado, foi também o ano que nos tornamos mais próximas que nunca, moramos juntas mais uma vez e foi possível tonalizar nossa irmandade com muita parceria e amor. Obrigada por me ajudar a limpar a casa e fazer comidas tão gostosas.

Ao meu namorado, Hugo: o ano em que eu iniciei o mestrado foi também o ano em que te conheci. Você me acompanhou durante todo o trajeto e foi, sem dúvida, meu maior incentivador. Agradeço pela paciência, pelo carinho, pelo apoio. Não sei o que seriam esses anos sem o seu amor, sem as boas e altas risadas que você me arranca, sem sua energia que me tira do meu eixo mais lento e me coloca em ação. Ainda bem que você existe!

À Giovana e Laise, que me acompanharam e dividiram o lar comigo durante os cinco anos de faculdade, e são até os dias de hoje minhas irmãs de alma. Vocês presenciaram esse processo desde quando “tudo era mato”. O amor de vocês segue comigo mesmo à distância!

Aos meus amigos, que me deram sempre um lugar para onde voltar. Obrigada pelos churrasquinhos que tiravam minha mente das preocupações acadêmicas e me permitiam descansar para que eu voltasse renovada. Vocês, para mim, são sinônimo de energia, de amor e cumplicidade.

À minha orientadora, Lucia Cecilia da Silva, ou, como a chamamos, Lucinha, que confiou em mim mesmo quando eu mesma não confiava, e tamanha importância teve este ato para mim, para que eu confiasse em mim mesma! Agradeço a sua doçura, paciência e tamanha sabedoria. Foi um grande privilégio ser sua orientanda.

Aos professores que passaram pela minha vida, que compartilharam seu conhecimento. Obrigada pelo seu ofício, tão precioso. Vocês são inspiração para mim ao se dedicarem à educação.

À Prof.^a Dr.^a Sylvia Mara Pires de Freitas e Prof.^a Dr.^a Mariele Rodrigues Correa, que toparam fazer parte da minha banca, tendo assim um papel importantíssimo na construção dessa dissertação tão especial para mim. As orientações certeiras e sensíveis que vocês me confiaram durante a qualificação foram essenciais.

A todos os participantes do GEFEX: gratidão por serem uma companhia maravilhosa, com muita sabedoria, conhecimento e risadas compartilhadas. Com vocês pude fazer o que mais gosto: debater e viajar um pouco na maionese da filosofia e da psicologia.

Às famílias Do Vale e Almeida: obrigada por serem ponto de apoio, referência e incentivo. Vocês me constituem enquanto ser humano e andam sempre comigo.

Aos entrevistados, que confiaram em mim, aceitaram fazer parte desta pesquisa e compartilharam comigo o luto vivido pela perda de pessoas que vocês tanto amavam. Sem vocês e suas histórias preciosas, esta dissertação não existiria.

E por fim, mas não menos importante, ao meu avô Manoel, ou melhor, ao seu Mané, com quem eu compreendi a importância da educação, da leitura, dos estudos, do conhecimento. Você era meu farol que eu não sabia que tinha, até não ter mais. Você segue vivo em nossos corações e, se hoje nossos peitos doem pela sua partida, é porque te amamos muito.

Almeida, C. V. (2023). *A vivência do luto na adolescência: uma compreensão fenomenológica-hermenêutica*. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Universidade Estadual de Maringá, Maringá-PR.

RESUMO

As concepções de morte e adolescência estão ligadas ao nosso contexto sociocultural: a morte como macabra, algo que deve ser mantido distante, e a adolescência enquanto período de crises e rebeldia. Sobre o luto na adolescência, é corrente aceitá-lo atravessado por questões consideradas intrínsecas a esse período da vida, como o luto pelo corpo infantil, pela separação dos pais, entre outros. Acredita-se também que, se a adolescência é uma fase de instabilidade e crise, então perder alguém que se ama neste período seria definitivamente mais crítico que em outros tempos da vida. O incômodo com os estereótipos em relação à adolescência e a ideia de que o luto deve, eventualmente, ser curado, motivaram esta pesquisa. O objetivo foi compreender a vivência do luto na adolescência na perspectiva da fenomenologia-hermenêutica. Para cumprir esse objetivo, foi realizada uma reflexão por meio de uma revisão bibliográfica sobre a morte e o luto, buscando compreendê-los a partir do horizonte-histórico atual, principalmente do contexto brasileiro. Da mesma forma, realizou-se um estudo sobre concepções vigentes sobre a adolescência e foi apresentada uma compreensão fenomenológica da mesma. Com os participantes da pesquisa, foram realizadas entrevistas abertas, com a questão norteadora “Como foi para você vivenciar a morte de seu ente querido durante a sua adolescência?”. Por meio da técnica *snowball*, foi alcançado o número de oito entrevistados, sendo quatro deles ainda adolescentes à época da entrevista, e os outros quatro jovens adultos, mas que vivenciaram a perda de alguém durante a adolescência. A análise das entrevistas resultou em unidades de significado que revelaram aspectos da vivência do luto na adolescência, que nomeamos: 1. Modos de experienciar a notícia da morte do ente querido; 2. A percepção de si como adolescente enlutado; 3. Ressignificando a própria vida, a morte e sua relação com as pessoas; 4. As perdas para além da perda do ente querido; 5. Rede de apoio; 6. Modos de lidar com a ausência da pessoa amada presentificando-a; 7 Cuidados e autocuidados; e 8. Não há uma superação do luto. O estudo revelou que a morte na adolescência está muito mais presente do que geralmente se admite, e que vivenciar o luto influencia mais o modo de ser adolescente do que a adolescência influencia o modo de ser enlutado. Quando se perde alguém que se ama, fica-se um pouco mais sozinhos no mundo. E isso não é diferente para os adolescentes. Eles precisam, bem como qualquer adulto, lidar com a vida que continua acontecendo mesmo após aquela grande falta. Mesmo com uma ausência se fazendo presente.

Palavras-chave: Luto; Adolescência; Fenomenologia; Psicologia.

Almeida, C. V. (2023). *The experience of grief in the adolescence: a phenomenological-hermeneutic comprehension*. Master's dissertation. Psychology's Post-Graduation Program. State University of Maringá. Maringá-PR.

ABSTRACT

The concepts of death and adolescence are linked to our sociocultural context: death as macabre, something that must be kept distant, and adolescence as a period of crisis and rebellion. Regarding mourning in adolescence, it is common to accept it crossed by issues considered intrinsic to this period of life, such as mourning for the child's body, the separation of parents, among others. It is also believed that, if adolescence is a phase of instability and crisis, then losing someone you love during this period would definitely be more critical than at other times in life. The discomfort with those stereotypes regarding adolescence and the idea that grief must eventually be cured was the reasons that motivated this research. Our objective was to understand the experience of grief in adolescence from the perspective of phenomenology-hermeneutics. To achieve this objective, a reflection was carried out through a bibliographical review on death and mourning, seeking to understand them from the current historical horizon, mainly in the Brazilian context. Likewise, a study was carried out on current conceptions about adolescence and a phenomenological understanding of it was presented. Open interviews were performed with the research participants, with the guiding question: "what was it like for you to experience the death of your loved one during your adolescence?". Using the snowball technique, the number of eight interviewees was reached, four of which were still teenagers at the time of the interview, and the other four were young adults, but who experienced their loss during their adolescence. The analysis of the interviews resulted in units of meaning that revealed aspects of the experience of grief in adolescence, which we named: 1. Ways of experiencing the news of the death of a loved one; 2. The perception of oneself as a bereaved teenager; 3. Giving new meaning to life, death and your relationship with people; 4. Losses beyond the loss of a loved one; 5. Support network; 6. Ways to deal with the absence of a loved one by making them present; 7. Care and self-care; 8. There is no overcoming of grief. The study revealed that losses by death in adolescence are much more common than is generally admitted and that experiencing grief influences the way of being a teenager more than adolescence influences the way of being bereaved. When you lose someone you love, you become a little more alone in the world. And this is no different for teenagers. They need, like any adult, to deal with the life that continues to happen even after that great absence. Even with an absence being present.

Keywords: Grief; Adolescence; Phenomenology; Psychology;

Sumário

Introdução	11
1 Sobre a Morte	19
2 Sobre o Luto	26
3 Sobre a Adolescência	35
3.1 Adolescência e puberdade.....	36
3.2 Adolescência é transição?	38
3.3 Adolescência é crise?	42
3.4 O que pode ser a adolescência, então?.....	46
3.5 A angústia	48
3.6 A descoberta da individualidade.....	49
3.7 O não-pertencimento, as possibilidades e a responsabilidade das escolhas	53
3.8 A adolescência e o ser-para-morte.....	55
4 Método e Procedimentos	58
4.1 O encontro com o tema.....	58
4.2 Pesquisa qualitativa.....	59
4.3 Método fenomenológico de pesquisa.....	60
4.4 Método fenomenológico-hermenêutico	61
4.5 Procedimentos.....	63
4.6 Os participantes.....	63
4.7 Conhecendo os entrevistados	64
4.7.1 Beth (Beth Carvalho)	65
4.7.2 Cássia (Cássia Eller)	67
4.7.3 Erasmo (Erasmo Carlos)	70
4.7.4 Gilberto (Gilberto Gil)	72
4.7.5 Jorge (Jorge Ben Jor)	73
4.7.6 Milton (Milton Nascimento)	75
4.7.7 Pitty (Priscilla Novaes)	77
4.7.8 Raul (Raul Seixas).....	80
5 As Unidades de Significado e as Vivências	84
5.1 O choque e a negação diante da notícia da morte do ente querido	85
5.2 A necessidade de se sentirem fortes diante da perda: a não expressão da dor e a exigência de ser o apoio da família.....	87

5.3 Ressignificando a própria vida, a morte, a temporalidade e sua relação com as pessoas: a valorização do outro, e o cuidado consigo	90
5.4 A morte como negação ao enlutado da relação cotidiana e de realização de projetos futuros com o ente morto	93
5.5 O apoio como uma rede de amparo e como rede impositiva e limitadora.....	96
5.6 A presentificação da ausência da pessoa amada	98
5.7 A espiritualidade e a psicoterapia como meios de conforto ao luto	100
5.8 A impossibilidade de uma superação do luto	103
6 A Vivência do Luto na Adolescência	105
7 Considerações Finais	122
Referências	126
Anexos	135
Anexo A – Parecer Consubstanciado do Comitê de Ética em Pesquisa	135
Anexo B – Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE).....	138
Anexo C – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).....	141

Introdução

Os fenômenos da morte e da adolescência fazem parte do imaginário sociocultural e são apropriados e representados conforme o contexto, o grupo e a época. Na história da civilização ocidental, a morte é o “sujeito ausente do discurso” (Torres, 1983, p. 1) e o elemento “ausente do campo da consciência” (Morin, 1951/1970, p. 60), afastada do processo do viver como garantia da dilatação do tempo em vida. E a adolescência é uma identidade miticamente posta e determinada como crítica e problemática, sobre a qual pairam desconfianças e temores. (Dias, 2011, p. 274)

Dou início à minha dissertação com esta citação de Dias (2011), pois, contraditoriamente, ela nos expõe que a adolescência e a morte não são tão afastadas quanto pensamos. Pelo contrário, ambos os conceitos estão ligados ao contexto sócio-histórico e cultural de uma sociedade, sendo que, na conjuntura brasileira do século XXI, pensamos na morte como algo distante, macabro e, sobre a adolescência, como algo pré-determinado, uma fase de crises e rebeldia, como concebem estudos de apelos deterministas.

Pensar que os adolescentes não lembram que a morte existe, que eles não a compreendem ou, até mesmo, que eles a desafiam com atitudes de risco, pode ser um grande engano. Ora, minha própria experiência pessoal já contradiz tal expectativa, visto que, na minha adolescência, era persistente e intenso meu medo da morte, chegando ao medo de dormir durante a noite pelo receio de algumas horas de inconsciência. Esta pesquisa não trata exclusivamente de pessoas, de qualquer faixa etária, que vivenciou o luto pelo falecimento de alguém na adolescência, mas do luto vivido por adolescentes. A escolha por este foco deve-se as evidências do quão presente a morte se mostra no cotidiano dos jovens brasileiros atualmente, por isso a relevância de falar sobre a morte neste período da vida.

Malta et al. (2021) descortinam alguns dados sobre a mortalidade de adolescentes e adultos jovens no Brasil entre os anos de 1990 e 2019. Os autores trazem dados da Organização Mundial de Saúde (OMS) que estimam que mais de 1,5 milhões de jovens entre as idades de 15 e 24 anos tenham morrido no mundo em 2019, o que daria mais de cinco mil mortes por dia ao longo de um ano. Os autores revelam que as principais causas de morte entre jovens de 10 a 24 anos são externas, como acidentes automobilísticos, homicídio e suicídio, ou seja, que não são causas naturais. Há o destaque para algumas causas que aumentam em demasia ao longo dos anos – por exemplo, para as mulheres, o suicídio passou da sexta posição, entre as causas de morte, para a quarta; já entre os homens, a execução policial passou da 77ª posição para a sexta, sendo a grande maioria de adolescentes e jovens negros.

Thaís Passos, na elaboração da cartilha *Letalidade infanto-juvenil: dados da violência e políticas públicas existentes*, do Ministério dos Direitos Humanos (Brasil, 2018), diz que muitos estudos mostram o aumento drástico da letalidade por assassinato entre jovens negros de baixa escolaridade. Waiselfisz (2012) destaca que, apesar deste aumento entre jovens negros, o movimento é contrário entre os jovens brancos, onde a taxa de letalidade por homicídio tende a diminuir.

Permanecendo na questão do sofrimento do adolescente, outros dados alarmantes são os referentes às taxas de suicídio nesse período vital. Segundo notícia divulgada pela OMS em 2021, o suicídio foi a quarta maior causa de morte de jovens entre 19 e 25 anos no ano de 2019¹. De acordo com uma pesquisa publicada pelo Ministério da Saúde (Brasil, 2021), a taxa de mortalidade por suicídio entre os adolescentes sofreu um aumento entre os anos de 2010 e 2019, passando de um número de 606 óbitos para 1.022. A mesma pesquisa reforça o aumento significativo também dos números de suicídio entre jovens menores de 14 anos.

Outro ponto de destaque quando falamos em morte na adolescência são os casos de ataques às escolas, como aconteceu nas cidades de Suzano (2019), Medianeira (2018), Goiânia (2017) e Realengo (2011)². Foram casos impactantes que resultaram na morte de muitos adolescentes, e de outros que sobreviveram, mas ficaram extremamente abalados emocionalmente. Casos como esses, onde um ou mais indivíduos entram em uma escola com o objetivo de assassinar o máximo de estudantes possível, transmitem de forma completamente exposta e trágica na mídia, para todo o país e, principalmente, para a população nas redondezas de onde acontecem, que os jovens do nosso país não estão alheios à morte.

Porém, mesmo em casos drásticos, como ataques às escolas, acidentes automobilísticos, assassinatos e suicídios, é comum vermos os adultos buscarem motivos para, de alguma forma, culpabilizar o adolescente morto. Por exemplo, é comum ouvirmos, principalmente de pais ou mães, que “se ela não estivesse envolvida com aquele rapaz, não teria morrido”. A tradução para isto poderia ser: “como a minha filha não está envolvida com ninguém assim, ela não vai morrer”, ou, no caso daqueles que não têm filhos, “adolescentes que se cuidam não se envolvem em situações como esta”. Negar que a morte acontece também para jovens e adolescentes pode ser uma forma de alguns adultos protegerem os próprios sentimentos, não acessarem seus próprios medos, e com isso reforçarem a ideia de que as pessoas morrem porque falham, e não porque são finitas. Mas as estatísticas nos mostram que não há mais como negar e, se

¹ Para ler a reportagem da OMS na íntegra, acesse: <https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/suicide>

² Para saber mais sobre os ataques a escolas brasileiras, acesse: <https://g1.globo.com/sp/mogi-das-cruzes-suzano/noticia/2019/03/13/episodios-de-ataques-em-escolas-no-brasil.ghtml>

consideramos o círculo social como grande parte da vida do adolescente, podemos pensar que, se as mortes aumentam, assim também acontece com o número de pessoas enlutadas.

Rodriguez e Kovács (2005) dizem que, assim como as crianças, os adolescentes são tratados como desconhecedores da morte e, portanto, quando alguém afetivamente importante para eles morre, os adultos tendem a se calar com receio de traumatizá-los ou de pensarem que eles não entenderiam ou até mesmo que sofreriam em demasia e não saberiam como lidar com o ocorrido. Já Domingos e Maluf (2003) mostram que, de acordo com a perspectiva desenvolvimentista, o luto na adolescência carregaria algumas características específicas pelos supostos acontecimentos específicos dessa fase, como o luto pela separação dos pais e pela perda do corpo infantil.

No trabalho de Meles (2014), a autora coloca que a morte de alguém que o adolescente ama pode ser mais crítica que em outras etapas da vida “exatamente por este período ser de desequilíbrio e instabilidade” (p. 26), algo que será discutido nesta dissertação, visto que eu e minha orientadora não concordamos com a autora. Todavia, Meles (2014) também coloca a importância de os adolescentes poderem ter espaço para expressar seu sofrimento após uma perda significativa, o que entendemos como ponto de vista válido. De acordo com Mota (2008), os adolescentes enfrentariam os mesmos sentimentos que os adultos em um período de luto, como a angústia e a tristeza, mas também veriam “ameaçada sua sensação de segurança e experimentam um desconfortável desamparo, condições que concorrem para que eles fiquem ainda mais assolados por uma intensa confusão geral” (p. 72-73). Essas são posições conhecidas de estudiosos sobre o luto na adolescência, a maioria atrelando sentimentos e confusões à fase dita de crises e turbulências. Contudo, nesta dissertação procuro lançar outro olhar para o luto nesse período da vida.

É curioso como, no cotidiano, nós raramente nos perguntamos como ficam os outros adolescentes que faziam parte da vida daquele que morreu; como ficam os outros jovens que o conheciam; como eles sentem essa morte; qual vazão aquela pessoa deixou para eles. Quais espaços se abrem para que esses adolescentes em luto sejam ouvidos sem represália? Kovács (2012) diz que a maioria dos educadores pensa ser função dos pais abordarem o luto com seus filhos, mas em contrapartida, Rodriguez (2010) observa que os pais exigem o mesmo da escola. Então, quem de fato faz essa função? Quem deveria fazer? Seria realmente ou um ou outro, ou seria um trabalho para todos os adultos abrirem mais espaço para a expressão do adolescente? Domingos e Maluf (2003) realizaram uma pesquisa com escolares enlutados entre os 13 e os 18 anos de idade e, de acordo com falas dos próprios adolescentes pesquisados, tanto pais quanto professores se mostraram pouco eficazes no suporte para o luto.

Aos 15 anos sofri a perda de um amigo que um dia fora muito próximo, poucos anos mais velho que eu, por um acidente de moto. Descobri o que havia acontecido no caminho para a escola e, em meio ao choque, segui meu caminho, não voltei para casa. Foi um sentimento escandaloso o que eu vivi naquela manhã: chorei em todas as aulas, sem ao menos tentar esconder, e até os dias atuais me perturba pensar em como ninguém ao menos chegou perto de mim, com a exceção de duas amigas muito próximas. Nem mesmo os professores, ao me ver chorar repetidamente, sabiam o que fazer. Eu recebia olhares indagadores e cheios de confusão, o que na época para mim foi motivo de raiva, mas hoje compreendo como poucas pessoas sabem lidar com o luto e com o adolescente. Quando somamos os dois, aliás, penso que a situação se agrava. Caso fosse um adulto chorando aquele dia, publicamente, talvez houvesse muita preocupação e atenção, mas quando é um adolescente a sociedade parece automaticamente normalizar o sofrimento.

Eu nunca havia parado para refletir sobre essa experiência até meu último ano de graduação em Psicologia na Unesp de Assis, quando cursei uma matéria denominada *Envelhecimento, Finitude e Subjetividade*. Nesta matéria, ministrada pela Prof.^a Dr.^a Mariele Rodrigues Correa, abordamos vários assuntos relacionados à morte e ao luto de forma muito sensível e que, para mim, foram reflexões profundas. Pensei sobre o meu medo da morte, sobre o não-falar; refleti sobre como nos distanciamos tão radicalmente da única certeza que temos na vida, que é a morte, e, conseqüentemente, o luto, pois como diria Parkes (1998) “a dor do luto é tanto parte da vida quanto a alegria de viver; é talvez, o preço que pagamos pelo amor, o preço do compromisso” (p. 22).

Discutir sobre o luto e a morte dessa forma, com outras pessoas tão sensíveis e abertas, ajudou-me a ressignificar muitos aspectos da experiência que vivi e despertou meu interesse para continuar lendo, estudando e refletindo sobre o tema. Somando isto ao meu desejo de entrar para a área acadêmica, o qual construí a partir de minha relação com meu avô, que recentemente deixou de estar entre nós fisicamente, candidatei-me ao mestrado com a minha agora orientadora Prof.^a Dr.^a Lucia Cecilia da Silva, ou como a chamamos, Lucinha. Foi então que dei início às buscas de referências bibliográficas, artigos, livros, entre outras possibilidades, para que pudesse fundamentar minha pesquisa. O que me alarmou foi o fato de ter encontrado poucos estudos sobre o luto na adolescência. Além disso, as produções encontradas apreendiam este período da vida de forma desenvolvimentista e determinante, naturalizando as crises e o sofrimento dos adolescentes.

Diante do exposto, meu objetivo com esta pesquisa é compreender a vivência do luto na adolescência na perspectiva fenomenológica-hermenêutica, como já adianto no título. O termo

vivência, aqui, é compreendido como a reflexão pessoal que realizamos a partir de uma experiência. Minayo (2012) diz que embora diferentes indivíduos possam passar por uma mesma experiência, a vivência, ou seja, a reflexão pessoal sobre a experiência, será diferente para cada um, será única, influenciada pelo contexto histórico, cultural, econômico, e pela própria subjetividade do sujeito. Minayo (2012) nos explica isso muito bem, baseando-se no conceito de experiência de Heidegger:

O sentido da experiência é a compreensão: o ser humano compreende a si mesmo e ao seu significado no mundo da vida. Por ser constitutiva da existência humana, a experiência alimenta a reflexão e se expressa na linguagem. Mas, a linguagem não traz a experiência pura, pois vem organizada pelo sujeito por meio da reflexão e da interpretação num movimento em que o narrado e o vivido por si estão entranhados na e pela cultura, precedendo à narrativa e ao narrador. Já a vivência é o produto da reflexão pessoal sobre a experiência. (Minayo, 2012, p. 622)

Ou seja, como diria Heidegger (2003, p. 102), “vivenciar diz sempre: reatar, a saber, a vida e o vivido a um sujeito. Vivência evoca a correlação de objetivo e subjetivo.”.

A vivência, portanto, surge com a reflexão pessoal sobre uma experiência, e o nosso objetivo é compreender esta vivência a partir daquilo que adolescentes possam nos relatar sobre o seu enlutamento e talvez encontrar elementos em comum, mas também as diversidades entre os discursos. Carneiro (2017, p. 88) diz que “há um quê de universal no luto, mas apenas na medida em que o universal oferece ao sujeito as opções de resposta diante da morte”, e isso nos faz refletir: como se configura este universal e como ele se apresenta aos adolescentes?

Para responder a esta pergunta e cumprir o objetivo geral, foi necessário perseguir dois objetivos específicos: primeiramente, realizei um levantamento bibliográfico para compreender o horizonte histórico atual onde apreendemos a morte, o luto e a própria adolescência, separadamente. A partir disso, busquei compreender a vivência do processo de luto dos adolescentes entrevistados inseridos neste horizonte histórico.

A revisão bibliográfica foi apresentada no capítulo I, no qual apresentei como a morte é concebida no horizonte histórico da sociedade brasileira. Sendo a morte motivo de medo e angústia, principalmente por conta de seu caráter misterioso – o pós-morte –, é compreensível que diferentes culturas e religiões tenham tentado explicá-la de diferentes formas ao longo dos anos. Não só culturas e religiões, mas também artistas, cientistas, filósofos, como, por exemplo, o filósofo Heidegger (2001), que compreende a realidade humana como Ser-aí em direção ao ser-para-morte, um ser que já está condenado pela possibilidade de morrer a qualquer momento,

o fim inegável para todos nós. Porém, o filósofo vê também na morte uma possibilidade de transcender, de encarar a própria vida e seu caráter temporal costurado pela finitude.

Neste capítulo, portanto, busquei trazer algumas das principais e mais conhecidas noções acerca da morte, a começar pelas religiões, como as cristãs, o espiritismo e a umbanda. Refleti também sobre o conceito elaborado por Philippe Ariès (2003), a morte interdita. Esta, portanto, não pode ser considerada de forma monolítica, pois devemos considerar a necropolítica, noção trazida por Mbembe (2018), que mostra como algumas mortes são escancaradas, violentas e gritantes, mas que as relações de poder e grande parte da sociedade escolhe não ver. Por fim, ainda neste capítulo, intitulado *Sobre a morte*, veremos como a nossa cultura passa a usar a morte para fomentar a comercialização, almejando lucros com cerimônias fúnebres, com o apelo à violência e morte em filmes e séries, entre outros.

No segundo capítulo, o mesmo movimento é feito com a noção de luto, a começar por aquela utilizada nesta pesquisa, a fenomenológica-existencial compreensiva, utilizada também por Freitas (2013). Nesta perspectiva, será levado em conta que a vivência do luto é única, diferente para cada um, pois é dependente do sentido da relação que se vai junto com a morte do ente querido. Aqui, não se espera que o luto tenha cura, que para ele tenha remédio; elaborá-lo significa ser capaz de ressignificar uma relação que agora não tem mais possibilidade de ser atualizada. Mas, além dos aspectos individuais, é considerado também o horizonte histórico do indivíduo enlutado.

Para compreender isto, fiz uma apreciação em termos históricos do luto na cultura, principalmente a brasileira, atualmente, onde a demonstração de luto pode ser repreendida, mas, em contrapartida, as cerimônias tendem a ser cada vez mais elaboradas. Contudo, mais uma vez, é preciso levar em conta que este luto em silêncio não é o único no nosso contexto, visto que algumas mortes violentas pela necropolítica têm como consequência lutos gritantes, mas que a sociedade opta por não ouvir, nos levando a ponderar as funções políticas do luto. Por fim, considere novamente a comercialização e medicalização do luto, seu aspecto de lucratividade, além da manifestação dos sentimentos dos enlutados por meio da internet, principalmente de adolescentes e jovens adultos.

Já no terceiro capítulo, busquei fazer este mesmo fluxo com a ideia de adolescência no mundo e no Brasil ao longo dos anos, quais são as ideias deterministas, e como podemos discutilas, além de apresentar brevemente uma relação entre a morte e a adolescência. Primeiramente, apresentei sem demora a construção histórica do conceito de adolescência, porque e como surge. Em seguida, debrucei-me um pouco sobre as teorias já existentes e mais utilizadas como referência para falar sobre a adolescência, expus a *tríade determinista*, assim denominada não

porque de fato determina a adolescência e o que ela é, mas sim porque são pilares no discurso dominante da ciência sobre este período etário.

O primeiro pilar é aquele que define a adolescência como as consequências psicológicas diretas da puberdade, um paradigma voltado para a biomedicina, que acaba reduzindo o ser humano à sua biologia, e a problemática está na generalização da adolescência e nos comportamentos que se tornam esperados. Em seguida, falei sobre a adolescência como considerada nada mais, nada menos, que uma fase de transição, um lugar onde não há espaço para de fato *ser*, como o purgatório das religiões, um espaço onde se deve apenas esperar e esperar para se tornar adulto. Já não se é mais a criança supervalorizada e ainda não se é o adulto que produz e contribui para a sociedade, fica-se no meio termo, o que pode acarretar um vazio existencial, de ter tanto a oferecer, mas ninguém para receber, além de possuir seus sentimentos desvalorizados, por serem considerados particulares de uma “fase”. Por último, discuti sobre a ideia de crise na adolescência, talvez a mais forte das crenças, de que este período é sempre uma etapa turbulenta, de revoltas e rebeldia, o que muito interessa ao mundo adulto, pois assim as contradições apontadas pelos adolescentes é sempre culpa da “aborrecência” e não algo que deva de fato ser levado a sério. Junto a isso, falei um bocado sobre o sofrimento na adolescência.

Na segunda parte do capítulo *Sobre a adolescência*, trouxe algumas reflexões sobre o estar na adolescência, o ser-adolescente. Tomando como referência principalmente a fenomenologia-hermenêutica, é importante ressaltar, em primeira instância, que não há como determinar uma adolescência, sendo ela seriamente atravessada por vários fatores, como o econômico, social, cultural, entre outros, e por isso, falamos em *adolescências*. Os componentes da “tríade determinista” não devem ser completamente descartados, mas também não podem ser levados como verdades absolutas, mas sim como possíveis elementos de uma vivência em demasiado múltipla. Existem algumas características que, de fato, perpassam muitas vivências de adolescentes, mas que também não devem ser consideradas como determinantes do ser-adolescente, como a descoberta da individualidade, a percepção do seu caráter como abertura, a angústia que pode aparecer pela primeira vez. Todos esses componentes são apresentados e exemplificados a partir da vivência de diferentes personagens do livro *Descobrendo a Si Mesmo: A Passagem para a Adolescência*, de Miguel Perosa (1997). E finalmente, também a partir do livro, podemos fazer uma associação entre o adolescente e o ser-para-morte heideggeriano.

No capítulo IV explicamos a metodologia utilizada na pesquisa, perpassando desde a pesquisa denominada qualitativa, até o método mais específico: a metodologia fenomenológica-

hermenêutica. Primeiramente foi apresentado o encontro com o objeto, onde explicito um pouco mais sobre minhas motivações como aluna de mestrado para desenvolver esta pesquisa, ou seja, como, juntamente à minha orientadora, cheguei ao tema do luto na adolescência. Após expormos quem são os participantes da pesquisa, elucidamos também como alcançamos os participantes a partir da técnica *snowball*, que consiste em utilizar informantes-chaves que façam recomendações de possíveis participantes. Para a coleta de dados é utilizada a entrevista aberta, com uma pergunta disparadora de diálogo; as entrevistas foram gravadas e transcritas em sua integridade.

Realizei a leitura de todas as entrevistas, buscando nelas as Unidades de Significado, ou seja, recortes considerados significativos baseado no questionamento da pesquisa. No quinto capítulo, portanto, relatei as oito Unidades de Significado encontradas, sendo elas: i) Modos de experienciar a notícia da morte do ente querido; ii) A percepção de si como adolescente enlutado; iii) Resignificando a própria vida, a morte e sua relação com as pessoas; iv) As perdas decorrentes; v) Rede de apoio; vi) Modos de lidar com a ausência da pessoa presentificando-a; vii) Cuidados e Autocuidados; viii) A conclusão de que não há uma superação do luto. Após apresentadas, as unidades foram descritas a partir da minha compreensão e de minha orientadora, como pesquisadoras, e das teorias que nos embasam, expostas no capítulo sobre a metodologia, além de utilizarmos com frequência recortes das próprias entrevistas, para que os entrevistados estejam também presentes em minha escrita.

Por fim, no sexto e último capítulo, percorri uma discussão, em uma tentativa de sintetizar e trazer maior elucidação à questão realizada: “Como é vivenciar a perda de alguém que se ama durante a adolescência?”. Busquei manter em mente que, dado o caráter fenomenológico da pesquisa, não é possível falar em respostas e resultados fixos, que ditam de uma generalidade, pois temos de respeitar o fluxo da existência e seu caráter diverso e complexo. Apesar disso, acredito esta pesquisa e nossos entrevistados possuem grandes contribuições.

1 Sobre a Morte

Não tenho medo da morte
 Mas medo de morrer, sim
 A morte é depois de mim
 Mas quem vai morrer sou eu
 Derradeiro ato meu
 E eu terei de estar presente
 Assim como um presidente
 Dando posse ao sucessor
 Terei de morrer vivendo
 Sabendo que já me vou

Aí nesse instante então
 Sentirei quem sabe um choque
 Um piripaque, um baque
 Um calafrio ou um toque
 Coisas naturais da vida
 Como comer, caminhar
 Morrer de morte matada
 Morrer de morte morrida
 Quem sabe eu sinta saudade, hein
 Como em qualquer despedida

(Caetano Veloso & Gilberto Gil, 2015)

Toda vida é acompanhada pela morte. Início este capítulo com essa frase para evidenciar o que costumo dizer: falar da morte é repensar a vida, falar da vida é saber que, no fim, vem a morte. Porém, mesmo sendo algo tão certo, parece, ao mesmo tempo angustiantemente misterioso, visto que, como se diz na voz popular, “ninguém volta para contar como é depois do último suspiro”. O medo da morte é comumente provido do medo do desconhecido. As diferentes culturas e religiões, em variados tempos históricos, buscaram explicações próprias para a morte, em uma tentativa de aplacar essa angústia; portanto, suas representações estão sempre imersas no modo de funcionamento de cada sociedade.

A morte é uma questão para a ciência, que busca cada vez mais modos de combatê-la e prolongar a vida a todo custo. É uma questão para a arte, que comumente a retrata de alguma forma, através de filmes, músicas, pinturas, entre outros. Uma questão para pesquisadores e acadêmicos, que buscam uma forma de compreendê-la, às vezes até explicá-la, para se aproximar dela por um motivo ou outro. É também uma questão para os filósofos, como Heidegger (2001), que define o ser do humano como ser-para-morte, afirmando que desde ao nascer caminhamos em direção a ela, e temos o tempo todo a possibilidade de morrer. Isso pode parecer muito mórbido se não compreendermos que é justamente essa possibilidade que nos torna capaz de transcender e refletir sobre a nossa existência, afinal, falar da morte só faz sentido para quem está vivo. Portanto, para falar sobre luto na sociedade brasileira contemporânea, é preciso compreender como a morte aparece para os sujeitos neste horizonte histórico.

A sociedade ocidental possui grande influência das culturas grega, judaica e cristã. Os gregos levavam à risca as posições sociais de seus indivíduos e na morte não era diferente: seus mortos eram cremados para que ficasse claro sua nova posição social – a de homem morto. Mas até mesmo na cremação existia uma clara diferença entre os heróis e os meros mortais, visto que os primeiros recebiam uma linda cerimônia individual que marcava sua identidade, e os segundos eram cremados coletivamente e suas cinzas eram enterradas sem cerimônias especiais (Caputo, 2008). Atualmente, ainda vemos um movimento parecido no Brasil – e em outros lugares do mundo, é claro, mas que não cabem aos limites desta pesquisa –, quando os sujeitos que são enterrados como indigentes, como mostram os estudos de Lapa e Diana (2021). Sendo em sua maioria pessoas em situação de rua, os sujeitos dados pelo Estado como indigentes, aqueles que não são identificados ou reclamados, ou são identificados, mas não reclamados, são enterrados em valas ou covas rasas, e possuem negado o seu direito ao velamento. Lapa e Diana (2021), ressaltam como esse processo é naturalizado no Brasil, sendo pouco questionado ou até mesmo visto, já que, até mesmo no cemitério, as sepulturas dos chamados indigentes, são facilmente ignoradas, bem como os sujeitos ali sepultados assim eram ainda em vida.

Já para os cristãos e os judeus, que acreditam na ressurreição, a morte é uma passagem para outra dimensão, seja ela no paraíso, recebendo eterna recompensa pela boa pessoa que foi em vida, ou então no inferno, no infindável sofrimento, pagando pelos pecados. É possível ver estas influências em nossa sociedade brasileira, como a diferença entre cerimônias, que atualmente são mediadas pelo poder aquisitivo do morto e sua família e não pelos atos heroicos, assim como segue a forte crença em um Céu e um Inferno, a depender da religião, sendo a católica ainda muito presente em nosso país. Apesar do número de católicos ter diminuído no último censo levantado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, o IBGE (2010), o

catolicismo ainda é a religião com maior número de seguidores, sendo 64,6% da população. Já os evangélicos foram a seção com maior aumento, representando 22,2% dos brasileiros. Ambas as religiões, que totalizam 86,8% da população brasileira, são credores fortes dos conceitos de céu e inferno. Neste mesmo censo, foi explicitado que 8% dos brasileiros se declararam sem religião, porém, aumenta-se o número de espíritas para 2%, enquanto os adeptos da Umbanda e do Candomblé permaneceram em 0,3% da população.

As três últimas religiões citadas lidam com a morte de forma diferente dos católicos e evangélicos. Os espíritas, por exemplo, creem na reencarnação, nas múltiplas vidas que vivemos, acreditando que não morremos apenas uma vez, mas várias (Aversa, 2018). No Candomblé, a morte também não é vista como ruína, fim ou destruição total, mas sim como uma mudança no plano de existência, integrando-se ao ciclo de vida e da religião, que inclui início, meio e fim (Bandeira, 2010). Mas como lidam, então, os cidadãos brasileiros com a morte, de acordo com suas influências culturais e religiosas, ou até mesmo independente delas?

Silva, Silva e Tamanini (2019) nos contam que já na pré-história existiam ritos mortuários que demarcavam a visão humana da morte enquanto uma passagem, “alguns corpos eram enterrados na posição fetal na esperança de que o morto pudesse renascer no útero da mãe Terra” (Silva, Silva e Tamanini, 2019, p. 3). Os homens pré-históricos viam a morte como o fim de um ciclo natural: pessoas, animais e outros seres vivos morriam, para que outros pudessem nascer em seu lugar; ou então, aqueles que morriam apenas renasciam em outros seres. Mas com o passar do tempo, a morte foi aos poucos perdendo seu caráter de naturalidade, chegando ao que Ariès chamou de morte interdita, onde “a morte, tão presente no passado, de tão familiar, vai se apagar e desaparecer.” (Ariès, 2003, p. 84).

De acordo com Cunha (1999), o momento da morte é reservado aos hospitais, onde há tecnologias e saberes científicos capazes de lidar com a doença e, inclusive, tentar combater a morte; há uma fé nos médicos, que se tornam autoridades quando o assunto é morte e a batalha contra ela. O desenvolvimento científico e as mais novas tecnologias capazes de tratar e curar doenças, prolongando a expectativa de vida, criaram uma ilusão de que o homem tem controle sobre a morte e a vida. Como diria Bauman (1998)

A modernidade não aboliu a morte – somos tão mortais atualmente quanto o éramos no início da era da “ordem humana”. Ela, porém, trouxe enormes avanços na arte de repelir toda e qualquer causa de morte (isto é, exceto a causa de todas as causas, que é a própria e inata mortalidade humana) – e impedir que tais causas ocorram. Ocupados como estamos, tentando observar todas as prescrições que a medicina moderna propõe, pensamos menos, se tanto, na vaidade suprema dessa observância. O resultado da desconstrução é que o inimigo invisível, a morte, desapareceu de vista, e do discurso.

No entanto, o preço da desconstrução é a vida policiada do princípio ao fim pelas guarnições ubíquas do inimigo banido. (Bauman, 1998, p. 194)

Assim, a morte passa a este lugar de repulsa, pois lembra ao homem que ele não controla tudo e que a vida é imprevisível, e agora falar da morte é falar do fracasso, da falha e impotência dos sujeitos. Ela ficou reclusa, principalmente aos hospitais, pouco visível, pouco comentada. Contudo, essa morte escondida, evitada e interdita descrita por Ariès (2003) e Bauman (1998) não pode ser considerada a única forma de conceber a morte. E se pensarmos no Brasil, existe um outro extremo: a morte escancarada que acontece diariamente desde as ruas das periferias brasileiras. Isto porque algumas populações, em sua maioria pessoas negras, vítimas de um racismo estrutural, ou seja, o racismo como “um elemento que integra a organização econômica e política da sociedade” (Almeida, 2019, p. 15), são expulsas para as margens sendo lá deixadas para morrer, seja por falta de condições de manutenção e qualidade de vida, seja sendo assassinadas pela força militar que invade as periferias diariamente (Hilário, 2016). Concordando com Mbembe (2018) quando este traz o conceito de necropolítica, Medeiros (2019, p. 290), em seus estudos, acrescenta que “em torno dos corpos, cria-se uma divisão política entre aqueles que podem ou não morrer, já que alguns são tidos como descartáveis ou vidas que não merecem o enlutamento”.

Estas mortes acontecem aos olhos do mundo, são mortes públicas, vistas não apenas pela população comum, mas também pelas diversas formas de mídia. Podemos perceber esta lógica de forma muito clara durante o período de pandemia da Covid-19: Maranhão (2020) diz que as populações mais afetadas pelo Sars-CoV-2 são as classes baixas moradoras de favelas e as comunidades indígenas. No Brasil, com uma má gestão governamental que negava as vacinas, os mais pobres e as minorias ficaram muito mais expostos à contaminação e seus agravamentos de saúde. Também no nosso país, pela necropolítica, a condição precária de higiene e saúde propositais nesses lugares fez com que muitas pessoas nem ao menos tivessem água e sabão para lavar as mãos, práticas de prevenção altamente recomendadas pelas mais sérias autoridades de saúde e, infelizmente, desacreditadas pelo governo do país à época.

Além desses casos, atualmente presenciamos um aumento preocupante nos casos de crimes de ódio contra populações LGBTQI+, que além de mostrar um nível assustador de crueldade, possuem a intenção de passar o recado para toda a população que se identifica com a pessoa assassinada, ainda mais considerando ser comum a justiça falhar em casos como esses, levando à não punição do assassino (Medeiros, 2019).

Ainda assim, mesmo as mortes causadas pela necropolítica sendo tão escancaradas, os sujeitos que não vivem na realidade onde ela acontece parecem não se afetar tão profundamente,

assim como não se afetam com a morte interdita de alguém que não faça parte de seu ciclo social mais próximo. Aparentemente, o ser humano se tornou alheio à dor do outro, foi aos poucos perdendo o senso de coletividade e se tornou cada vez mais individualista. Sendo assim, ele nega a possibilidade de pensar sobre a morte porque se torna doloroso demais pensar em sua própria finitude (e daqueles que ama), posto que a morte perde seu caráter de naturalidade. Além disso, o ser humano não consegue encontrar no espaço coletivo a possibilidade de dividir a dor do luto. Negrini (2010) afirma que os rituais pós-morte se tornam cada vez menores e mais discretos: o velório deve acontecer de forma silenciosa, sem demonstração de emoções exageradas; o caminho até o cemitério é percorrido de forma discreta, de modo a não perturbar o cotidiano da sociedade. “A morte, o moribundo e o cadáver são ocultados. Ritos e sepulturas são simplificados. Os traços espetaculares da ocorrência da morte não são mais de fácil identificação. Prevalece, no ocidente, a ideia suprema de conservação da vida.” (Negrini, 2010, p. 34).

Em contrapartida, Rodrigues (2006) afirma que, à primeira vista, essa teoria do ocultamento da morte poderia ser refutada ao ligar os jornais televisivos, pois aparentemente eles retratam o tempo todo sobre mortes de forma, inclusive, muito barulhenta. Esta é a morte representada enquanto espetáculo, que parece ir contra à lógica de silenciamento, mas que, na verdade, também contribui para ela. Negrini (2010, p. 61) diz que “o morto que é retratado nos meios de comunicação é desconhecido da maior parte dos espectadores”, sendo assim, essas mortes espetacularizadas não afetam de forma profunda quem está assistindo à notícia, e não causa problema algum em seu cotidiano. Indo além, a autora ainda destaca a estranha sensação de sobrevivência que invade o espectador, como se através da morte espetacularizada ele fosse capaz de atravessá-la e sobreviver, assistir a tragédia e sair com sua individualidade fortalecida por ver que acontece, mas não com ele (Negrini, 2010). Ao se tratar de um cidadão comum que morre de bala perdida, por exemplo, ocorre uma banalização e ele se torna apenas mais um número nas estatísticas, mas ao se tratar de uma celebridade o contrário acontece, afetando a vida de milhares de espectadores que choram, prestam homenagens e se enlutam como se fosse alguém da própria família, como mostra Silva (2019). Porém, ambas as vertentes possuem a mesma intenção: apagar a morte da vida através de uma repetição midiaticizada que firma que a morte é sempre a **morte do outro**.

Ou são as super estrelas, os grandes mortos, que fazem parte do mundo dos sonhos, ou são pessoas que morreram em situações incomuns, mas são desconhecidos, anônimos, distantes. O sujeito, ao ver essas mortes, fica fortalecido; sai mais forte como indivíduo; foi o outro que foi atingido pela finitude humana. (Negrini, 2010, p. 64).

Esta reprodução repetitiva dos noticiários sobre o tema morte é também, de certa forma, uma glamourização dela, o que nos leva a pensar sobre o último tópico que pensei ser essencial para compreendermos nossa visão atual sobre a morte: sua comercialização. De acordo com Melo (2016), a notícia sobre a morte de alguém é antes de tudo para tornar pública essa informação, oficializando aquela morte e, quanto maior a popularidade do morto, maior a comoção; mas diz também das condições financeiras da família em luto e da lucratividade dos noticiários, visto que é preciso pagar para ter seu obituário divulgado no jornal. Porém, indo para além dos jornais e noticiários, podemos ver também como a indústria cinematográfica lucra com a morte, inclusive com mortes reais, se notamos o sucesso enorme dos filmes e documentários que reproduzem famosos assassinatos que de fato aconteceram, ou então que relatam a vida de *serial killers* que realmente existiram ou ainda existem. O problema é que o apelo para a comercialização da morte em filmes e séries se torna excessivo, o que gera insensibilidade nos telespectadores, fazendo com que eles precisem de estímulos cada vez mais violentos (Rodrigues, 2013). Temos como exemplo disto a série de maior sucesso de outubro de 2021: *Round 6*, ou *Squid Game*³, uma série sul-coreana que consiste em uma sequência de jogos infantis que terminam no assassinato de todos aqueles que falham nesses jogos. Parece uma ironia muito cruel somar jogos infantis a mortes a sangue frio, mas *Round 6* foi a série mais assistida de todos os tempos na plataforma de *streaming Netflix* até então⁴.

Outro aspecto lucrativo diz respeito aos rituais, que antes estavam ao encargo da família, mas que agora são terceirizados para as agências funerárias e seus funcionários, as quais possuem sua própria equipe de marketing, distribuem propagandas, fazem descontos e inovam seus produtos, como qualquer outra empresa comercial (Melo, 2016). Segundo uma reportagem de 2023 do site de finanças *Infomoney*, atualmente o segmento de *death care* no Brasil movimenta em torno de 13 bilhões de reais por ano⁵. Além disso, a autora diz que houve um aumento de 15% no volume de negócios funerários na última década antes da escrita de sua tese, mas que isso não se deve ao aumento de morte, mas sim à criatividade dos empresários que oferecem serviços cada vez mais diferenciados. Os serviços oferecidos atualmente dizem cada vez mais a respeito de deixar o morto com a aparência menos “morta” possível. Costumes

³ Não confundir com o Reality Show lançado em 2023 pela plataforma Netflix.

⁴ Para ler a matéria completa, acesse: <https://mundoconectado.com.br/noticias/v/20998/round-6-e-a-serie-de-maior-sucesso-da-historia-da-netflix>

⁵ Para ler a matéria completa, acesse: <https://www.infomoney.com.br/negocios/mercado-bilionario-e-consolidacao-o-avanco-do-death-care-no-brasil/>

fortes nos Estados Unidos tornam-se cada vez mais comuns no restante do mundo, inclusive no Brasil: recorre-se às práticas tanatoestéticas e de embalsamento para que o defunto pareça ainda estar vivo, jovial e com boa saúde durante seu funeral (Rodrigues, 2013). A finitude se torna tão insuportável aos olhos humanos que até mesmo as flores colocadas nos túmulos agora são feitas de plástico para que durem por muitos e muitos anos, e que não seja necessário que o vivo vá o tempo todo ao cemitério para cuidar delas.

Entretanto, apesar de todo esse arsenal semiótico, seus esforços serão insuficientes e não será possível a realização da utopia de perenidade. Então ele deixará progressivamente de pensar na morte e de nela falar. Passará a viver como se morte não existisse. Viverá sem ter noção consciente e nítida de suas fronteiras existenciais. Terminará com pouca noção de si próprio, embora – à primeira vista – isso possa parecer um paradoxo em uma sociedade individualista. (Rodrigues, 2013, p. 16)

As mesmas mudanças que vemos na visão humana sobre a morte, essa trajetória que mostra o quanto nós nos afastamos dela e escondemos cada vez mais, acontece também com o luto. A morte e o luto, assim como o sexo, tornaram-se assuntos que podem ser tocados apenas dentro de quatro paredes (Ariès, 2003) e, apesar de a intenção de estudos como esse ser de tentar resgatar a proximidade com a morte e seu aspecto natural de fenômeno da existência, isso não quer dizer que o luto não deverá ou não poderá ser doloroso e sentido profundamente. Rodrigues (2013) diz, sabiamente, que quando alguém morre, não temos apenas um corpo que deixa de funcionar, mas também nos deparamos com o desaparecimento de alguém dotado de linguagem e que interagia com outros seres humanos, e que agora deixa em seu lugar um vazio interacional. Portanto, foi necessário observar a morte no nosso horizonte histórico, para poder, enfim, fazer o mesmo movimento com o luto, crucial para sua compreensão, processo ao qual me dedicarei no próximo capítulo.

2 Sobre o Luto

Eu não sabia que doía tanto
Uma mesa no canto, uma sala e um jardim
Se eu soubesse o quanto dói a vida
Essa dor tão doída não doía assim

Agora resta uma mesa na sala
E hoje ninguém mais fala do seu bandolim
Naquela mesa, tá faltando ele
E a saudade dele, tá doendo em mim
(Nelson Gonçalves, 1974)

“A terminologia da palavra luto, segundo o dicionário Aurélio, origina-se do latim *luctus*, traduzida para a Língua Portuguesa como: dor; pesar e aflição.” (Meireles, 2016, p. 93). Nesta pesquisa focaremos no olhar fenomenológico-existencial sobre o luto, a partir da perspectiva compreensiva utilizada por Freitas (2013). Há um aspecto que não muda das outras teorias encontradas quando falamos em luto na perspectiva fenomenológico-existencial: aqui, ele também é considerado a vivência experienciada após uma perda significativa (Freitas, 2013). O que se destaca nessa perspectiva é que a compreensão da vivência do luto é diferente para cada sujeito, pois depende em demasiado do sentido da relação rompida, e do sentido que a perda tem para o sujeito enlutado. Freitas (2013) contribui afirmando que “com a apresentação da ausência do outro no mundo do ‘eu’, a experiência do luto surge como essa novidade carente de sentido que coloca em jogo as especificidades relacionais, o horizonte histórico e o mundo-da-vida do enlutado” (p. 99). Sobre as especificidades relacionais, a autora diz que o sentido da nossa existência está relacionado ao sentido do que somos para alguém, e do que podemos ser em uma relação. De acordo com a fenomenologia de proposta compreensiva, não há garantias de como será uma relação, por mais forte que sejam as crenças e valores sobre uma relação específica, como de mãe e filho, ou cônjuges, pois há muitas formas diferentes de ser mãe, filho, irmão, amigo, entre outros. Portanto, para esta fenomenologia, o mais importante é como o sentido da relação é descrito, qual sua especificidade, qual era a qualidade estabelecida na relação entre morto e enlutado.

Porém, não é possível se ater apenas à especificidade da relação, pois cada vínculo se constitui atrelado a um horizonte histórico, ou seja: para compreender a vivência de um luto é preciso compreender como era a relação, e em que mundo, de acordo com quais circunstâncias e em que cultura, entre todas as outras características que formam um horizonte histórico em que essa relação se dava. Heidegger (2001) considera que o ser do homem, o *Dasein*, ou ser-aí, é um ser que existe e compreende que existe e, por isso, questiona a própria existência, que não é pré-determinado por absolutamente nada, a não ser por seu caráter de poder-ser, atravessado pelo seu horizonte histórico. O ser-aí é fundamentalmente ser-no-mundo, visto que homem e mundo coexistem, e “é nessa relação que o homem constitui-se e pode-ser” (Oliveira, 2016, p. 12). É por essa razão também que faço questão de buscar o nosso horizonte histórico, a forma como vemos a morte e o luto, pois, para compreendermos a vivência de uma pessoa enlutada, é preciso compreender também o mundo no qual o sujeito que lida com o luto está inserido. Freitas (2013) diz que os fenômenos humanos estão sempre colocados em um panorama histórico e cultural, estão sempre “sujos de mundo” (p. 101), portanto, é preciso perguntar-se: de que mundo falamos? De que história? E, para nós: de que morte e de que luto?

Retomaremos essa questão mais adiante para especificar sobre como o luto é sentido atualmente na nossa sociedade brasileira. Mas agora, é importante, para compreendermos o luto na perspectiva fenomenológico-existencial, lançarmos mão da noção de intercorporeidade de Merleau-Ponty (1945), como aponta Freitas (2013), que é tida como a primeira troca com o outro. É nesta relação que podemos perceber a nós mesmos. Portanto, o luto pode ser definido como a vivência sofrida em decorrência do rompimento de uma relação na qual a perda é radicalmente a da intercorporeidade; perde-se a presença do corpo da pessoa que morre e a possibilidade de relação com ele, que é todo um campo de expressividade. Perder uma pessoa significativa com quem se relaciona é perder um espaço expressivo de si mesmo, pois a abertura de mundo que era específica com aquela pessoa, desaparece (Freitas, 2013). Conseqüentemente, perder alguém significativo é também perder parte de si, uma forma singular de ser, exclusiva daquela relação, morre também um “nós”. Não à toa, os enlutados referem que “um pedaço de mim se foi”. Então, na visão fenomenológica, o luto é o enfrentamento de uma perda irreversível, é a angústia frente à supressão do outro e de sua corporeidade, e a vivência desta perda é compatível com o sentido e o significado da relação.

Sendo o outro co-presença, sua desapareição enquanto mortal produz uma modificação do meu campo existencial, do meu mundo vivido, exigindo-me novas formas de ser-no-mundo. É este o campo no qual experienciamos o luto: um campo de exigência de um

novo sentido, de uma nova forma de ser-no-mundo, de ressignificação da relação vivida com o ente perdido. (Freitas, 2013, p. 103)

Entretanto, apesar da perda da corporeidade, o outro que desaparece pela morte não deixa de existir no mundo-da-vida do enlutado: ele continua aparecendo através de lembranças, fotos e momentos partilhados que não permitem que o ente perdido desapareça totalmente; ele apenas não partilha mais do mesmo mundo fisicamente, e é essa nova relação que precisa ser ressignificada. Não existe mais a possibilidade de troca, não existe mais a possibilidade de atualizar aquela relação, ela se totaliza a partir da morte do outro, e existe uma nova presença que se faz na ausência. Dito isso, para a fenomenologia não há a cura ou a resolução de um luto, pois aquele que se foi jamais voltará, o que deve ocorrer é a compreensão dessa nova ausência e a ressignificação daquela relação com base na supressão do outro, para que se possa dar continuidade à vida com essa nova forma de relacionar com o ente perdido, o que não implica de modo algum em uma “cura”:

Tal afirmação implica que enlutar-se não designa apenas um período necessário a ser esquecido ou superado, mas uma crise de sentido que permite um novo relacionar-se com o que se perdeu do outro e, portanto o que se perdeu de possibilidades de sua existência singular enquanto ser-no-mundo, seja no esquecer, ou mesmo no manter uma coexistência na presença-ausente da saudade. (Freitas, 2013, p. 104)

A saudade que esvazia o sentido de existência do enlutado e a dor estampada pela morte de um ente querido me remetem a outra questão quando penso em luto, partindo agora do olhar da fenomenologia heideggeriana: a evocação do ser-para-morte. A constituição do *Dasein* se dá em uma temporalidade marcada pela finitude do ser, mas segundo Heidegger (2001), nós vivenciamos a morte dos outros de forma imprópria, impessoal, não nos apropriando da nossa própria possibilidade da morte, mas vivendo como se fosse algo que ocorre apenas com os outros, ou em uma velhice muito distante. Falamos da morte dos outros, nos entristecemos, mas isso não necessariamente nos atinge de forma profunda, não necessariamente evoca nossa própria finitude (Azevedo & Pereira, 2013).

A perda de alguém querido atinge outra profundidade do ser: “os que ficam” precisam lidar com o funeral, com o enterro, precisam de fato reorganizar suas vidas após o desaparecimento daquele que morre, e isso parece ser capaz de evocar nossa finitude no seu sentido mais próprio. Para Heidegger (2001), se somos sempre possibilidade, entre essas possibilidades está sempre presente aquela da morte, de o ser-aí deixar-de-ser. A morte está

entrelaçada à existência assim como o nascimento, não é como um pássaro abutre que nos espreita o tempo todo, mas uma possibilidade ontológica que faz parte de toda e qualquer existência. A morte de uma pessoa próxima, que altera nosso círculo social e nossa forma de estar no mundo, é sempre uma amostra da nossa própria finitude, podendo inclusive ser uma espécie de despertar para os nossos projetos de vida (Azevedo & Pereira, 2013).

Finalmente, para compreender o luto também é importante resgatar o horizonte histórico no qual estamos inseridos. Indo para além das teorias, é necessário buscar como os sujeitos podem vivenciar o luto a partir do mundo onde está situado.

Como dito anteriormente, no capítulo *Sobre a Morte*, na era da morte interdita não há mais lugar para falar sobre a morte, uma vez que sua mera presença causa pavor e não há mais nenhuma familiaridade e naturalidade para com ela. O que pode gerar uma contradição, pois quanto menos se pode falar sobre morte e luto socialmente, mais se parece produzir sobre os temas, principalmente academicamente.

Todavia, de acordo com Ariès (2003), se alguma formalidade e alguma cerimônia que marca aquela morte ainda são mantidas, elas agora são realizadas com o máximo de discrição possível. As manifestações de luto são reduzidas a quase nada, não se usa mais roupas escuras, não se adota qualquer aparência que demonstra que há uma família em luto. Demonstrações exageradas de dor agora inspiram repugnância e não pena, elas se tornam sinais de perturbação, má-educação, ou drama intencional, e não se fala mais com as crianças, que agora mal participam dos rituais de despedida. Ainda conforme Ariès (2003), “só se tem o direito de chorar quando ninguém vê nem escuta: o luto solitário e envergonhado é o único recurso” (p. 87).

Depois de séculos de culto à morte, há agora um esvaziamento desses rituais, pois não se deve mais causar tristeza à sociedade. As mortes devem ocorrer de modo a não perturbar o cotidiano, e por isso os enlutados não devem mais agitar a felicidade social com sua dor (Negrini, 2010). A própria sociedade não oferece mais espaço para a manifestação do luto, pois ter entre os seus alguém enlutado significa a possível fragilidade daquela comunidade; significa que seus cidadãos podem se lembrar de que são finitos e frágeis; de que para morrer, basta estar vivo, e de forma alguma isso pode macular a tendência contemporânea de se cultuar o prazer e a felicidade.

Todavia, como já posto aqui, essa morte silenciosa e discreta não é a única morte que acontece no mundo, e principalmente no Brasil. Não há, portanto, como falar apenas nesse luto escondido e quieto. As mortes escancaradas e violentas que acontecem na necropolítica geram lutos também violentos e, muitas vezes, escancarados. Como exemplo é possível resgatar a

história das Mães de Maio, que, em maio de 2006, no final de semana de Dia das Mães, perdiam seus filhos para uma *guerra urbana*. Renata Gonçalves (2012) conta que no dia 12 de maio de 2006 houve ataques a agentes e prédios públicos, ao mesmo tempo em que tinham início algumas rebeliões em diferentes presídios de cidades paulistas. Os ataques foram atribuídos ao Primeiro Comando da Capital (PCC), e as forças policiais do estado de São Paulo reagiram. Uma polícia firme deveria sair às ruas e mostrar à população que ela estava segura, mas o resultado foi uma força tarefa que levou a 493 pessoas mortas em pouco mais de uma semana.

Houve muitas falhas do Estado ao investigar essas mortes e os crimes cometidos pelos agentes policiais; falhas estas que não aconteciam em investigações onde os policiais eram as vítimas. Débora Maria, fundadora do Mães de Maio, soube da morte de seu filho por um programa de rádio, que listava as 16 vítimas de uma matança na região. Débora relata ter ficado 40 dias praticamente em estado vegetativo pelo choque e tristeza, uma vez que seu filho fora assassinado, ela não sabia a quem culpar e ninguém lhe ouvia, pois a causa estava atrelada à suspeita de seu filho ser criminoso. Os filhos assassinados das Mães de Maio eram jovens moradores da periferia, associados ao crime simplesmente por serem quem eram e virem de onde vinham. Vindas do proletariado, muitas sendo analfabetas, as Mães de Maio se lançaram na política em uma busca incessante por respostas para o assassinato de seus filhos, mas todos se recusaram a ouvi-las. A luta daquelas mães foi uma tentativa gritante de tornar importante a morte de seus filhos, mortes tomadas como insignificantes, como apenas números em uma força tarefa necessária (Gonçalves, 2012).

O que aconteceu com as Mães de Maio é o que acontecia e acontece até hoje com grande parte das mães de jovens periféricos: elas são arrancadas de seu direito de ser mãe, as vidas de seus filhos são tomadas, mesmo muitas vezes não tendo relação alguma com o mundo do crime. Elas terminam sem filhos, sem respostas, explicações e sem qualquer amparo social para sua dor. Como dizer que esse luto é silencioso e escondido? Penso que seja ainda pior: é um luto escancarado, gritante, que faz barulho e se desdobra em lágrimas e gritos de revolta, mas que ninguém escuta, ninguém presta atenção, como um atestado de que as vidas de seus filhos não foram importantes o suficiente.

Isso ocorre não apenas em relação a mortes de jovens negros, mas também em relação a população LGBTQI+, como mencionado, principalmente com as mulheres trans e travestis, e com as mulheres vítimas de feminicídio e violência doméstica. Na época de surgimento do vírus HIV, por exemplo, o causador da AIDS, a epidemia foi atribuída aos homens cisgêneros homossexuais, e as pessoas que perdiam entes queridos pela doença muitas vezes eram envergonhadas, impedidas de realizar os rituais funerários, não podiam se despedir e fazer

homenagens, e a causa da morte muitas vezes era encoberta (Rodrigues, 2020). Na atualidade, segundo um dossiê realizado por Benevides (2023) em associação com a Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA), no ano de 2022 ocorreram ao menos 130 assassinatos de travestis e mulheres trans no Brasil, além de um homem trans. Em 2020, foram 175 assassinatos de travestis e mulheres trans ao longo do ano no país, o maior número até hoje registrado (Benevides & Nogueira, 2021). Sendo o Brasil o país que mais mata pessoas trans no mundo, a expectativa de vida dessa comunidade é de 35 anos, praticamente metade da expectativa geral. São dados assustadores e alarmantes que nos fazem questionar por que essas mortes não têm visibilidade, por que elas não são amplamente divulgadas? Por que elas parecem não causar comoção em grande parte da sociedade brasileira? Por que o Brasil não se enluta por essas mortes?

Quem nos explica por que esse luto público é meticulosamente selecionado e quais vidas são reconhecidas, quais não, é Judith Butler (2019). A filósofa pensa o luto a partir de uma perspectiva política, como um marcador que deixa explícito quais vidas são consideradas de valor, e quais não, apontando que algumas vidas quando são perdidas, causam uma comoção em toda a comunidade, enquanto outras aparentemente não. É possível associar sua teoria com a necropolítica de Mbembe, que diz que as relações de poder decidem quais são as vidas “matáveis”, decisão esta que parte de marcadores provindos da moral do homem cisgênero, heterossexual e branco, ou seja: são marcadores como o racismo, a misoginia e a LGBTfobia, e até mesmo a intolerância religiosa, que fazem essa distinção. A condição de enlutável, para Butler (2019), é o que determina uma vida que será considerada como vida, não apenas na hora da morte, mas desde seu nascimento, pois uma vida passível de luto é uma vida cuidada desde os primeiros segundos; já as que não são consideradas enlutáveis, seguindo a lógica, são negligenciadas desde o princípio.

Se, como quer Hegel, a morte é central na luta por reconhecimento, se é a morte que dá sentido à vida, então passa a ser preciso, seguindo a literatura de Butler, universalizar o direito ao luto como política e superar a hierarquia entre quem tem direito a ser enlutado e quem não tem, porque esta distinção enquadra certos modos de vida como inteligíveis e outros não. (Rodrigues, 2020, p. 62)

Portanto, o luto também possui uma função política, visto que vidas consideradas não passíveis de luto são abandonadas por uma sociedade em que vige muito preconceito e por um governo de descaso e negligência. Não se comover com essas mortes, que inclusive são cruéis

e violentas em sua grande maioria, é mais um evento programado para o apagamento dessas vidas e de seus direitos.

Outro tópico necessário de ser discutido para se compreender o luto no Brasil no século XXI é sua comercialização e lucratividade. Assim como dito anteriormente, a morte é comercializada e posta na lógica do lucro capitalista e na era do imediatismo. Com o luto, não é diferente. Já citei previamente sobre a mercantilização dos rituais pós-morte e como as funerárias lucram com isso, mas além disto dizer do afastamento do homem para com a morte, diz também do afastamento dos enlutados em relação ao seu próprio processo de luto e ao morto. O distanciamento chega ao ponto que, nos Estados Unidos, já se encontra velórios *drive-thru*. Tal qual o *drive-thru* que conhecemos, o enlutado passa com o carro e, sem ao menos precisar descer, presta suas condolências ao morto, que fica protegido por uma vitrine (Carneiro, 2017). Não seria uma surpresa excessiva se esse costume viesse eventualmente parar no Brasil.

Carneiro (2017) também comenta sobre a disputa entre as funerárias que criam técnicas cada vez mais atrativas – o que, para as famílias mais endinheiradas, torna-se uma disputa de quem contrata a melhor empresa que faz o melhor funeral. Toda a participação que havia dos enlutados nos rituais pós-morte agora quase não há, e o nosso próprio luto entra na lógica do *querer*: os profissionais que sabem o que é melhor, não os enlutados que de fato conheciam o morto e sua subjetividade. “Trata-se do luto individualizado (...), no qual o enlutado deve, ao tempo em que se esforça para se encaixar num padrão de consumo e de manutenção do *status*, dar conta de sua dor de forma ‘saudável’.” (Carneiro, 2017, p. 43). Sendo assim, outra indústria que encontra lucro no luto alheio é a farmacêutica, visto que é extraordinariamente corriqueiro nos dias de hoje encontrarmos os enlutados sob efeito de tranquilizantes e ansiolíticos já no velório, e por muito tempo após a morte de alguém significativo.

Assim como a vida e a morte, o luto também deve estar enquadrado na lógica do materialismo, do autocontrole e da lucratividade, e, por isso, espera-se do enlutado que ele siga um roteiro, que ele seja racional, não perturbe os outros com a sua dor e volte ao trabalho o mais rápido possível. Carneiro (2017, pp. 48-49) diz que “o enlutado encontra-se, então, sozinho na multidão, parado num tempo que não para (“tempo é dinheiro”)", e, assim, ele recorre aos profissionais, à técnica, buscando psiquiatras e medicações que “acabem” com o seu mal-estar, para que ele possa retornar cada vez mais rápido à sua rotina de trabalho. O Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM), em sua quinta edição, estabelece o prazo de um ano para a cura do luto. Se, após isso, o sujeito enlutado ainda sentir seu mal-estar, seu luto é considerado patológico e passível de tratamento, sendo que esse tempo

diminui para 6 meses quando se tratando de crianças (Freitas, 2018). Ironicamente, o único lugar em que parece ser aceito as grandes demonstrações de dor e luto, é a internet.

Considerando que as redes sociais atualmente são de grande relevância, sendo, no caso de muitos, uma das principais ferramentas de comunicação, principalmente quando falamos em adolescentes e jovens, é de se imaginar que a morte e o luto também passem a ser representados e expressados por meio delas. O *Facebook*, por exemplo, plataforma utilizada no nosso cotidiano por um excepcional número de pessoas, permite que os usuários postem fotos, escrevam, compartilhem publicações e vídeos em seu *feed*, ou linha do tempo. Os perfis criados, caso continuem ativos, estão sempre aparecendo para outros usuários como sugestão de amizade, lembranças, entre outros, inclusive os perfis de pessoas que já morreram. Desde 2014, é possível transformar o perfil de alguém que faleceu em um memorial, e ele não se atualiza mais, mas grande parte dos familiares optam por deixar o perfil como está para que possam continuar interagindo com ele (Goldberg, 2019). Mas mesmo antes do *Facebook*, já havia na internet vários sites de cemitérios virtuais, onde os enlutados podem postar homenagens, publicar mensagens, visitar o memorial e até mesmo deixar “flores virtuais” ao morto.

Goldberg (2019) diz que grande parte das mensagens deixadas são histórias celebrativas, mas que há também relatos de saudades, explicações sobre as circunstâncias da morte, e desabafos sobre sentimento de culpa. Nesses *sites* os enlutados parecem reencontrar uma sensação de comunidade, o conforto de estar junto a outros, que face-a-face quase não existe mais. A morte de uma pessoa pública, por exemplo, encontra nas redes sociais uma comoção social, e fãs de várias regiões podem se “juntar” para sofrerem pelo ídolo falecido. Exemplos recentes disto são as mortes de Paulo Gustavo (ator) e Marília Mendonça (cantora): as homenagens e demonstrações de luto para ambos dominaram os perfis da população brasileira.

Peruzzo et al. (2007) realizaram uma pesquisa sobre a demonstração do luto de jovens e adolescentes na antiga plataforma *Orkut*. A pesquisa demonstra que a internet é um espaço onde os adolescentes se expressam não apenas como se sentem sobre a pessoa que morreu, mas também como estão lidando com a perda, além de discutirem abertamente sobre suas crenças. Ao final da pesquisa, os autores chegam a uma conclusão um tanto quanto paradoxal: não se sabe se a expressão do luto por meio da internet é benéfica ou não, pois não há como saber se é uma forma de afastar ainda mais a expressão do luto das nossas vivências, levando em conta que o mundo virtual exerce sobre uma superficialidade, ou se é uma alternativa que acaba aproximando os jovens de seus sentimentos e da possibilidade de se sentirem acolhidos. Contudo, a recente tese de doutorado de Vaccaro (2021), que pesquisou como as pessoas

enlutadas vivenciam o luto no ambiente virtual, trouxe interessantes discussões a respeito do nosso horizonte histórico mediado pela internet. A autora diz que, no ambiente virtual, as pessoas possuem seu luto reconhecido por diversas outras pessoas: “na internet, não só obtiveram o reconhecimento que necessitavam, mas o obtiveram de maneira imediata” (Vaccaro, 2021, pp. 121-122). Ou seja, não é possível desconsiderarmos as vivências virtuais, visto que elas se mostram cada vez mais presentes e habituais, sendo também uma maneira, um espaço de expressão.

Entendo que as questões aqui resgatadas sobre o luto são essenciais para compreendê-lo na atualidade. Como a intenção da pesquisa é compreender a vivência de adolescentes em luto, para se chegar à finalidade precisávamos primeiro apreender sobre o horizonte histórico no qual os sujeitos entrevistados estão inseridos. Realizei a trajetória de ambos com o objetivo de maior compreensão. Portanto, é coerente pensar que, para dar continuidade ao meu trabalho, preciso fazer o mesmo com a concepção de adolescência, tema do próximo capítulo, onde vou buscar responder à questão: “o que se entende por adolescência, e por quem se entende?”.

3 Sobre a Adolescência

Eu não caibo mais nas roupas que eu cabia
 Eu não encho mais a casa de alegria
 Os anos se passaram enquanto eu dormia
 E quem eu queria bem me esquecia

Será que eu falei o que ninguém ouvia?
 Será que eu escutei o que ninguém dizia?

Eu não vou me adaptar

(Arnaldo Antunes, 1985)

“Não somos mais crianças...” Mas quando é mesmo que isso acontece? Quando é que, sem mais, nos damos conta de que a infância fica para trás? E essa vida que se inaugura, para onde é que ela vai? O que fazer com a dor e a nostalgia que a gente sente? E com as incertezas e as angústias? (Perosa, 1997, p. 5)

Quando falamos em adolescência, falamos em um conceito criado na virada para o Século XX, marcada por diferentes conceituações, mas que em sua maioria chegam ao consenso de ser concebida como uma fase problemática. De acordo com Bock (2007), a adolescência surge para nominar este grupo de crianças que cresce, mas que continua em processo de formação na escola, e que, portanto, já não é mais considerado adulto nesta idade, como antes costumava ser, visto que a Reforma Industrial e a estrutura da sociedade capitalista fazem com que o período escolar se prolongue. No Brasil é possível se deparar com dois termos mais comuns: adolescência e juventude, ao passo que o primeiro parece estar mais presente em leituras da psicologia, associado à subjetividade, e o segundo à sociologia, associado à leitura coletiva do ser (Silva & Lopes, 2009), ou até mesmo em uma separação por idade, sendo adolescentes os mais novos, e os jovens os que estão mais perto da idade adulta. Nesta pesquisa serão encontrados ambos os termos para descrever aqueles que estão na adolescência.

César (1998) diz que já no final do século XIX era possível encontrar muitas leituras sobre os “problemas” da adolescência, os quais foram reproduzidos de forma exaustiva no discurso de médicos, psicólogos e psicopedagogos, sem discutir o caráter histórico do ser adolescente, caracterizando-o como a-histórico, impondo-lhe uma essência à priori; e mais: como se tivessem sempre existido na história da humanidade. Não é minha intenção, com esta

informação, anular todas as discussões já realizadas acerca da adolescência, e dizer que por não ser algo inerente ao humano, por ser um conceito construído sócio e historicamente, ele não existe. Pelo contrário, penso ser necessário discutirmos de forma a contextualizar e historicizar essa “fase” da vida para que seja possível um entendimento mais sensível e profundo, e que deixe de lado toda e qualquer ideia determinista.

Desde o aparecimento do termo, parecia se propagar uma imagem negativa da adolescência, justamente para que pudesse haver o oposto: o modelo positivo de como ser adolescente, para – e esse é o objetivo último e principal – se tornar um adulto ideal, pois “a criança e o jovem representavam a possibilidade de continuidade e manutenção do modelo ideal de ‘homem’, instaurado pela sociedade burguesa” (César, 1998, p. 16).

A consequência disso foi a “tríade determinista”, três conceitos que até os dias de hoje dominam os discursos sobre a adolescência, a saber: 1) o que a define como as mudanças consequentes da puberdade; 2) o que coloca a adolescência em um lugar de transição, nada mais que uma ponte para a idade adulta, e por fim; 3) o que determina essa fase da vida como uma fase de crises. Optei por chamar de tríade determinista por se tratar de três conceitos pilares para pensar a adolescência quando falamos no discurso científico dominante, e não porque de fato a determinam, visto que o ser humano não é pré-determinado por nada, de acordo com o viés fenomenológico-hermenêutico adotado nesta pesquisa. Normalmente, esses conceitos se encontram juntos, e é corriqueiro encontrarmos discursos científicos que os somam uns aos outros, mas não contextualizam ou historicizam o ser. Porém, encontramos também, e em demorado, aqueles autores que assumem a necessidade de contextualizar o ser em seu tempo histórico e sua cultura, somam isso ao seu discurso, mas não refletem de fato sobre, ficando como apenas mais um tópico para se pensar a adolescência e não uma prática próxima à realidade.

3.1 Adolescência e puberdade

Visto que as primeiras definições da adolescência surgem como frutos de pesquisas médicas e psicoeducacionais, não é de se surpreender que uma das formas de a definir seja por sua biologia. Coimbra, Bocco e Nascimento (2005) mencionam que as teorias sustentadas pela medicina e a biologia descrevem as mudanças psicológicas e existenciais dos adolescentes como consequências diretas das mudanças hormonais e do corpo. “A fisiologia da puberdade foi estudada em detalhes, e cada modificação dos corpos foi observada pelos olhos atentos dos especialistas” (César, 1998, p. 30). Era necessário estar muito alerta para cada perturbação que as mudanças hormonais poderiam causar, pois era justamente nesse momento que começava a

se atingir certa maturidade sexual, surgiam os desejos, coisas que poderiam facilmente perturbar a paz da sociedade adulta burguesa e cristã. Portanto, a puberdade é corriqueiramente utilizada para marcar o início da adolescência, levando em consideração que as mudanças hormonais dariam partida nas mudanças emocionais, psicológicas, sociais, e de personalidade.

Peres e Rosenberg (1998) dizem que os teóricos que se apoiam nesse paradigma biomédico tendem a naturalizar e universalizar o processo da adolescência, focando nas transformações da puberdade como se fossem elas as principais responsáveis pelas transformações psicossociais. Inclusive, muitas organizações, institutos e teóricos fazem recortes por idade para definir essa fase, como dizem Schoen-Ferreira, Aznar-Farias e Silves (2010) ao trazerem referências da Organização Mundial de Saúde (OMS), que são adotadas pelo Ministério de Saúde do Brasil e pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), que dizem que a adolescência se trata do período dos 10 aos 20 anos de idade, sendo que o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) restringe ao período dos 12 aos 18 anos, podendo, entretanto, se estender aos 21. Lírio (2012) se coloca como insatisfeito com a delimitação proposta pelo ECA, pois de acordo com o autor, há um período significativo dos 10 aos 12, quando começam as mudanças biológicas e as “alterações psíquicas como frutos do início da puberdade” (p. 1676), e dos 18 aos 20, que demarcariam a entrada no mundo adulto. Grande parte das leituras encontradas admitem que a puberdade não é sinônimo de adolescência, mas a consideram como responsável por muitas das mudanças psíquicas pelas quais passam os adolescentes, e principalmente, a definem como o início oficial da adolescência.

Minha intenção não é, de forma alguma, negar a puberdade e as mudanças biológicas pelas quais passamos, mas compreender que não é possível reduzir qualquer experiência humana à sua biologia, visto que somos nós quem atribuímos sentidos às nossas vivências. É essencial reconhecer o homem em sua totalidade, sendo os componentes biológicos parte desta, mas não o todo, e concomitantemente, não elementos deterministas. Como dizem Ozella e Aguiar (2008) “reconhecemos, no entanto, que há um corpo se desenvolvendo que tem suas características próprias, mas nenhum elemento biológico ou fisiológico tem expressão direta na subjetividade” (p. 99).

A problemática em acreditar que a puberdade define o início da adolescência está na implicação de comportamentos esperados a partir das alterações biológicas, como o “virar mocinha”, para as meninas, e o “virar homem”, para os meninos, conceitos enraizados em nossa sociedade ocidental. São dois termos que parecem simples, mas estão impregnados pelo que a sociedade e a cultura atribuem para os gêneros feminino e masculino. Carregam inúmeras expectativas de como o sujeito deve se portar a partir daquele momento: as meninas devem ser

responsáveis, maduras e inteligentes; e os homens devem ser agressivos, galanteadores e fortes. Ou seja, em uma época em que começa a surgir o aspecto individual do ser, além de lidar com ele mesmo e sua recém-descoberta da individualidade, ele deve estar atento também às expectativas sociais que surgem a partir de sua puberdade, sendo que muitas vezes não se tem ainda a compreensão própria. O processo da adolescência é atravessado por um contexto social e histórico, mas a sua vivência se faz de forma singular, mediante suas possibilidades de ser (Peres & Rosenburg, 1998). Ademais, não tratarei dele como uma “patologia normal”. Entretanto, podemos perceber aqui, na conceituação fundamentada na puberdade, a primeira tentativa em moldar no adolescente um “futuro adulto ideal”.

Todavia, as expectativas sociais não são o único problema quando falamos em uma definição do início da adolescência, e de algumas partes dela, a partir da puberdade. Outro obstáculo que surge é a atribuição a priori de algumas características que seriam imanentes à vivência da adolescência, visto que se a puberdade é um período biológico pelo qual todos passamos; suas consequências seriam, em tese, vivenciadas por todos da mesma maneira. Tendo como exemplo o que dizem Viola e Vorcaro (2015), autoras psicanalistas que, baseando-se em leituras de Freud, definem a adolescência como “instigante, provocativa e embaraçosa” (p. 62), traços que surgiriam justamente como efeito da puberdade. As autoras dizem que a ocorrência de violência, de crise, denuncia o “parentesco entre a puberdade e o trauma” (p. 62).

Pratta e Santos (2007), por sua vez, definem a adolescência como um “evento crítico previsível” e um “período considerado como típico de transição” (p. 251), e concluem que a adolescência começa na biologia e termina quando o ser atinge um grau de independência psicológica, assim como outros teóricos que dizem que ela termina quando atinge o ideal do que é um ser adulto. Essas hipóteses se firmaram com tanto afinco, que, em geral, as pessoas nutrem e perpetuam a ideia de que a adolescência não é mais que uma fase de transitoriedade, uma passagem entre a infância e a idade adulta, levando a uma falsa representação de flutuação, onde o adolescente sente que não há legitimidade em seus sentimentos.

3.2 Adolescência é transição?

Almario (2016) diz que o mundo adulto tende a firmar o adolescente em uma “sala de espera” da vida, um lugar onde ele ainda não pode **ser**, mas deve pacientemente esperar para um dia **poder ser**. Oliveira, Pinto e Souza (2003) começam seu artigo afirmando que “a adolescência é uma construção social que nos dias de hoje corresponde ao conjunto das experiências entre a infância e a idade adulta” (p. 17). Adianto que há duas graves complicações em olhar para a adolescência desta forma: a primeira é que, mais do que qualquer outra idade,

ela é considerada uma fase transitória, algo passageiro, e assim seus sentimentos e, principalmente, sofrimentos, não são levados tão a sério, pois “vão passar”. A segunda, é o vazio existencial que emerge da falta de protagonismo do adolescente em sua própria vida, o **querer o mundo**, e não poder escolher nada, pois, de acordo com Almario (2016), é comum que os adultos no entorno do adolescente queiram ditar o que ele deve ou não fazer, ou seja, fazer suas escolhas por ele.

Não estou dizendo que penso que os adolescentes devem ser deixados à deriva para fazer tudo que quiserem, assim como nenhum sujeito, de nenhuma idade, poderá fazer. Estou falando na liberdade situada, no poder-ser que é atravessado pelo seu horizonte histórico, e que, dentro de suas possibilidades, escolhe livremente. O destaque, aqui, é que os adultos tendem a querer retirar essa condição de liberdade dos adolescentes, tratando-os como caixas de depósito de seus desejos e sonhos, colocando-os neste lugar de passividade, o que pode ser lido por eles como um abandono. Almario (2016) nos lembra que *ex-istir* significa **sair de si**, nos direcionar ao outro de maneira auto transcendente, uma vez que um ser não pode apenas receber, ele também precisa oferecer; mas para isso, precisa de alguém que receba o que ele oferece, o que os adultos não parecem estar muito dispostos a fazer. Temos, a partir daí, a frustração existencial que responde à famosa pergunta de muitos pais: “Por que está tão aborrecido se eu lhe dou tudo, se a ele não falta nada?”.

Quem nos fala um pouco mais sobre essa imposição dos adultos é Contardo Calligaris (2000), que traz em seu livro *A Adolescência* o conceito de moratória. Para o psicanalista, o sujeito passa a infância sendo preparado para os costumes e valores de uma sociedade, e quando adentra a adolescência, entra em um período de suspensão até a maturação do corpo e a autorização a agir de acordo com os valores ensinados a ele, ou seja, até ser reconhecido pelos adultos como um deles. Os adolescentes seriam aqueles que possuem as armas, sabem lutar e entendem a guerra, mas não estão autorizados pelos soldados – os adultos – a irem de fato à luta: este é o conceito de moratória. Calligaris (2000) ainda diz que os adolescentes facilmente percebem a contradição no discurso adulto de que eles devem se tornar independentes, como estes dizem que são. Porém, o que retarda essa independência é justamente a imposição de que aqueles que estão na adolescência devem se portar em um lugar de passividade. “Pretende-se que, apesar da maturação do corpo, ao dito adolescente faltaria maturidade. Essa ideia é circular, pois a espera que lhe é imposta é justamente o que o mantém ou torna inadaptado e imaturo” (Calligaris, 2000, p. 17).

Por fim, para o autor, esta seria uma das justificativas do comportamento rebelde supostamente tido na adolescência, visto que ao olhar do jovem não escapa a contradição entre

o discurso que exalta a autonomia e independência e a atitude que reforça a dependência e a passividade. Esta imposição feita pelos adultos parece criar uma ilusão de que a idade adulta é um prêmio a ser alcançado, enquanto a adolescência é a corrida de obstáculos que precisa ser atravessada para alcançá-lo. Da mesma forma, inclusive, pode ser visto o outro conceito essencial desta pesquisa: o luto. Quando falamos em fases difíceis por quais passaremos até a sua superação, me parece muito similar a este processo de corrida de obstáculos.

Lendo alguns artigos acerca dessa temática me deparei seguidamente com termos como “conquista”, “*status* social de adulto”, entre outros que trazem carregados uma significação que lê a adolescência como um fardo a ser carregado até chegar no oásis da independência, a idade adulta. Fica no imaginário, então, não apenas dos adultos, mas também dos próprios adolescentes, de que é apenas uma fase difícil a ser superada; a referência se encontra no passado que não volta mais, a nostalgia pela infância, e no futuro que há de ser conquistado, no ideal do adulto que se quer ser (Perosa, 1997). É desse ponto que surge o descaso e um certo desdém de alguns adultos – lê-se pais, professores, responsáveis – com o sofrimento do adolescente, quase como se não fosse válido o suficiente, porque ele está apenas passando por essa fase problemática, e quando ele se tornar um adulto, tudo o que está em evidência agora como sofrimento, vai passar.

Além do mais, é nesse âmbito de entendimento que surgem algumas expectativas em relação ao adolescente. Parece-me lógico que os adultos façam especulações de como crescerá, o que fará de sua vida, com quem se casará, quando se tornará independente financeiramente, quando encontrará um emprego, entre outras. Brandão, Saraiva e Matos (2012) falam sobre como esses marcadores sociais mudam ao longo das décadas. As autoras enfatizam que, para alguns, há anos, as principais características que marcavam a entrada de um sujeito na idade adulta ocorriam por meio de instituições, como a do trabalho e a da família. Mas, agora, com a hipervalorização do individualismo da pós-modernidade, fica sob responsabilidade de cada um dar um sentido para sua existência e seu caminho na vida. Bauman (como citado em Brandão, Saraiva & Matos, 2012) “elege como as marcas fundamentais da modernidade tardia a insegurança, a incerteza e o risco que se reflectem numa crescente desregulação, privatização e flexibilização das trajectórias individuais” (p. 302).

Independente se há expectativas de pensamento institucional ou individual, o ser adolescente é tratado como ser-em-formação, aquele que não tem mais idade para apenas brincar e aproveitar a vida, mas também não tem idade suficiente para ser de fato ativo socialmente. A crença nesses marcadores sociais de transição possui uma importante complicação: a dita transição é tratada como se acontecesse em um piscar de olhos, como se

bastasse cumprir com uma dessas obrigações e a adolescência ficasse para trás: trocar-se-ia de etapa como se trocava de roupas. Mas e em infâncias onde o sujeito precisa trabalhar desde muito antes de ser considerado adolescente? E aqueles considerados adultos, mas que ainda não trabalham, não conquistaram sua dita independência? Por que precisamos dessas marcações se o *Dasein* – apresentado no capítulo anterior – é uma abertura às possibilidades, se ele é poder-ser? Por que precisamos separar entre “marcação individualista” e “marcação institucionalizada” se o homem é precisamente ser-no-mundo, transformado tanto individual quanto coletivamente pelo mundo, ao mesmo tempo em que o transforma (Heidegger, 2001)?

Percebo ser indispensável que passemos a pensar a adolescência com mais cautela, notando a temporalidade do ser como algo ontológico, uma vez que não há como mundanizar e tentar pensar tão racionalmente como costumam pensar sobre as “trocas” de fases da vida. Como pontua Seibt (2010):

Para que se possa repensar o ser humano originariamente, é preciso partir não do tempo em sentido habitual, como simples sucessão de agoras, mas do tempo enquanto historicidade. Habitualmente se pensa na história como sucessão de fatos no tempo. Heidegger busca superar tanto a ideia do tempo como da história que herdamos da tradição, por serem pensadas a partir do presente, do ser humano enquanto presença. Pensar o ser humano originariamente implica passar da história para historicidade e do tempo para a temporalidade. (Seibt, 2010, p. 254)

Quer dizer então que, de acordo com Heidegger (2001), a existência do *Dasein* não é uma simples sucessão de fases como esperado: infância, adolescência, jovem-adulto, idade adulta e velhice, como se fossem diferentes portas pelas quais entramos, saímos para ir para a próxima, e ao entrar, esquecemos da porta passada, que fica no passado sem mais nos afetar com o que aconteceu naquela sala. Pelo contrário, quando somos lançados no mundo, entramos em várias portas, mas que de forma alguma destroem as experiências passadas nas diversas salas. Portanto, como diz Perosa (1997), a ideia de uma transição radical entre etapas não poderia ser mais utópica, pois o que acontece realmente é apenas a incorporação de novos hábitos, novos pensamentos, valores e sentimentos, e principalmente, novas possibilidades de ser. O *Dasein* é capaz de transcender apenas quando vê o tempo a partir da elasticidade da temporalidade, ou seja, a distensão entre passado, presente e futuro, o poder estar no presente, retornando ao seu passado e projetando-se para o futuro (Seibt, 2010).

3.3 Adolescência é crise?

Peres e Rosenberg (1998) expõem que essas concepções tradicionais sobre a adolescência levam a entender que as mudanças biológicas e hormonais, somadas à ideia de transição para a vida adulta, trariam naturalmente um período crítico, de crises e turbulências que beirariam a patologia, mas que nos adolescentes seriam consideradas **normais**.

A ideia de uma crise natural na adolescência é algo fortemente arraigado. Produções científicas, como a de Pratta e Santos (2007), assinalam que a adolescência é uma crise vital durante a qual ocorrem intensas transformações no seio familiar. Entende-se por crise uma ruptura com o bem-estar, o sofrimento prolongado, as crises identitárias, e os momentos turbulentos, emocional e socialmente. No mesmo artigo, os autores também relatam que “nessa etapa do desenvolvimento, o indivíduo passa por momentos de desequilíbrios e instabilidades extremas, sentindo-se muitas vezes inseguro, confuso, angustiado, injustiçado...” (Pratta & Santos, p. 253).

Ozella e Aguiar (2008) realizaram entrevistas com diferentes adolescentes e, em sua pesquisa, percebem que os próprios jovens descreveram a adolescência como uma fase de crises e turbulências, porém, como os próprios autores disseram “quando definimos a adolescência como isto ou aquilo, estamos atribuindo significações (interpretando a realidade), com base em realidades sociais e em ‘marcas’, significações essas que serão referências para a constituição do sujeito” (Ozella & Aguiar, 2008, p. 99). Portanto, podemos nos perguntar como um adolescente pode internalizar algo diferente da concepção de adolescência em crise, se o contexto científico, educacional e social dos quais faz parte assim a concebe? Até mesmo Calligaris (2000), ao falar em adolescência, fala em uma rebeldia que seria atrelada a ela, ainda que apresentando argumentos que de certa forma defendam o adolescente, ou seja, os adolescentes da obra de Calligaris não são os rebeldes “sem causa” como geralmente se costuma pensar, mas são, ainda assim, rebeldes.

Ora, por minha vez, entendo que o que está de fato em crise é o pensamento de que a adolescência é uma fase de crise, e, portanto, permito-me emprestar o conceito de crise de Hannah Arendt (2000), quando fala sobre a crise na educação,

(a crise) (...) tem sempre como efeito fazer cair máscaras e destruir pressupostos – de explorar e investigar tudo aquilo que ficou descoberto na essência do problema (...) O desaparecimento dos pressupostos significa simplesmente que se perderam as respostas que vulgarmente se aceitam sem sequer nos apercebermos de que, na sua origem, essas respostas eram respostas a questões. Ora, a crise força-nos a regressar às próprias questões e exige de nós respostas, novas ou antigas, mas, em qualquer caso, respostas

sob a forma de juízos diretos. Uma crise só se torna desastrosa quando lhe pretendemos responder com ideias feitas, quer dizer, com preconceitos. (Arendt, 2000, p. 221)

Ou seja, é necessário aperceber uma crise como oportunidade de reflexão. Sendo assim, é primordial refletirmos sobre o sofrimento do adolescente, e porque insistimos que é uma fase de crises. Quais crises são essas? De que sofrimento falamos? Por que quando o adulto sofre é legítimo, mas quando o adolescente sofre é por consequência da etapa pela qual está passando, ou então, por pura rebeldia da “aborrecência”? Não tenho o propósito de oferecer a resposta sobre a crise na adolescência. Minha intenção é oferecer uma reflexão sobre os possíveis sofrimentos dos adolescentes, viventes num mundo considerado “adulto”, que muitas vezes invalida suas vivências e preocupações. Enfatizando que nesta pesquisa falarei dos sofrimentos relacionados à experiência de luto.

Primeiramente, é necessário compreender que o adolescente convive em uma sociedade, tal qual os adultos. Vemos frequentemente muitas pesquisas que mostram a produção de sofrimento psíquico a partir de um funcionamento da nossa sociedade que exhibe inúmeros preconceitos, como o racismo, LGBTfobia, machismo, entre outras violências. De acordo com Benevides e Nogueira (2021), em colaboração com a ANTRA, o Brasil é o país que mais mata pessoas da comunidade LGBTQIA+ do mundo, como mencionado, sendo importante levar em consideração que grande parte desses assassinatos são extremamente brutais e cometidos contra mulheres trans e travestis.

Um dado que se destaca em uma pesquisa realizada por Fedeger et al. (2021), é que no ano de 2012 a maioria das vítimas de homofobia no Brasil era adolescente, expostos à tal violência não apenas em casa, mas também, e talvez principalmente, na escola e nas ruas. Na Pesquisa Nacional Sobre o Ambiente Educacional no Brasil, realizada em 2016 pela Associação Brasileira de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transsexuais (ABGLT, 2016), 61,9% dos estudantes da educação básica brasileira já havia presenciado comentários LGBTfóbicos vindos de funcionários e professores dentro da instituição, sendo que, dentre os estudantes LGBTQIA+, 77,6% já tinham sido diretamente agredidos verbalmente por sua orientação sexual. A violência psicológica foi apontada por adolescentes vítimas de homofobia como a mais frequente e a que causava maior sofrimento, inclusive muitas vezes levando ao suicídio (Natarelli et al., 2015).

Fedeger et al. (2021), em sua revisão de dados sobre a homofobia na adolescência, descobriram que a taxa de suicídio poderia chegar a ser até quatro vezes menor em jovens heterossexuais, e que, dentro da comunidade LGBTQIA+ as maiores taxas são da população

transgênera – um claro indício da ligação entre o preconceito e o sofrimento intenso que pode levar ao suicídio. Esta população, na qual se destacam mulheres trans e travestis, possui extrema dificuldade em seu cotidiano e na defesa de seus direitos: problemas para conseguir emprego, acesso à educação e à saúde – lê-se a massiva evasão escolar de adolescentes trans –, e até mesmo em seu direito de ir e vir, visto que há um medo iminente de sofrer uma violência em plena luz do dia, no meio da rua, simplesmente por passar com seu corpo que caminha fora das normas cis-heteronormativas (Albuquerque & Silva, 2020).

Além disso, o Brasil, um país em que mais da metade de sua população é negra, ainda é perpassado por um racismo estrutural que violenta seus cidadãos todos os dias, indireta ou diretamente. Esta forma de violência histórica gera repercussões graves não apenas no tecido social, como na subjetividade das pessoas negras que são as vítimas dessa estrutura. O racismo dos brancos é de tamanha crueldade a ponto de destruir a identidade e a dignidade das pessoas negras (Costa & Oliveira, 2019). Braga e Fernandes (2021) afirmam que o desenlace do racismo está justamente

(...) em sua extensão psicológica, uma vez que seu propósito é invisibilizar, marginalizar, subalternizar, e inferiorizar pessoas e grupos reprimindo-os a uma circunstância sub-humana, retirando de si qualquer possibilidade de ser. Aqui, é-lhe rebaixada a posição ontológica de ser, tornando-se um não ser, um objeto. (Braga & Fernandes, 2021, p. 303)

Os autores relatam, ainda, que essa estrutura de violência e preconceito leva a uma relação desbalanceada socialmente, onde indivíduos brancos possuem privilégios em detrimento de indivíduos negros e indígenas, por exemplo, um desequilíbrio que afeta diretamente na estruturação psíquica.

Falando sobre as adolescentes negras, que lutam contra as adversidades não apenas do racismo, mas das questões de gênero, elas dizem ser extremamente comum que tenham uma imagem distorcida de si mesmo, com um grave complexo de inferioridade, por internalizar aquilo que é violentado sobre elas (Braga & Fernandes, 2021). O racismo na adolescência representa um perigo para a subjetivação dos jovens, sendo produtor de um intenso sofrimento psíquico com consequências que vão desde o sentimento de não pertencimento, adoecimento, medo e ansiedade até marcas que vão sendo enraizadas na subjetividade do sujeito adolescente. Além disso, Almeida (2022), em uma reportagem no *site* da Fundação Roberto Marinho,

destaca que o número de assassinatos de jovens negros no país é o triplo que de jovens brancos⁶. Igualmente ocorre com o índice de suicídio, que entre os jovens negros é muito maior que entre os jovens brancos, uma evidência do impacto do racismo no sofrimento psíquico dos jovens brasileiros.

É preciso nos perguntar, então, se estas violências sociais impactam os adolescentes tanto quanto – se não mais que – os adultos, por que naturalizamos a ideia de que são sujeitos em crise, e que seus sofrimentos decorrem disto e que seriam, portanto, menos reais e não válidos? Ou então fazemos pior, idealizamos essa fase da vida como um momento em que se deveria ser feliz o tempo todo e aproveitar, com pensamentos como “você não tem preocupação alguma na vida, deveria ser feliz, não deveria estar assim”, sem levar em consideração que vivemos em uma sociedade violenta com muitos de seus cidadãos, além de ser produtora de muito sofrimento.

Aqui, tomo a liberdade para trazer a reflexão de uma das minhas pacientes da clínica, uma adolescente de doze anos. Ela diz mais ou menos assim: “Eles (os adultos) falam que eu estou de frescura, que eu deveria estar feliz nessa idade, mas eles não sabem o quanto dói... dói muito”. É claro que as violências sociais não são a única fonte de sofrimento entre os adolescentes, existem questões individuais, intrafamiliares, no ambiente escolar, o *bullying*, entre outros; mas também não podemos ignorar o impacto profundo que elas desencadeiam nos jovens, caracterizando um sofrimento mais do que real e sentido. Mas, então, qual a razão em continuar fomentando essa lógica?

Almario (2016) diz que os jovens são os principais denunciadores das contradições sociais formadas pelos adultos, e diz que é justamente por isso que estes queixam-se tanto da “rebeldia” dos adolescentes, do ato de “bater boca”, de estar constantemente questionando os adultos ao seu redor e as regras e valores impostos por eles. O adolescente, muitas vezes, quando argumenta com o adulto, está lhe apontando as hipocrisias de seus atos e falas, e convenhamos, não é um sentimento confortável ou agradável para ninguém ter suas próprias hipocrisias e erros constantemente apontados e confrontados.

Fomentar uma ideia, portanto, que diz que os adolescentes são seres naturalmente em crise, rebeldes sem causa, é extremamente interessante e cômodo para os adultos, principalmente aqueles nas relações de poder, e que está tão enraizada no imaginário social que os próprios adolescentes a reproduzem, mesmo que não seja sua realidade. Entretanto, não podemos restringir essa discussão ao contexto relacional entre filhos e responsáveis dentro de

⁶ Para acessar a matéria na íntegra, acesse: <https://www.frm.org.br/conteudo/mobilizacao-social/noticia/numero-de-homicidios-de-jovens-negros-e-tres-vezes-maior-do-que>

suas casas. É preciso observar a partir de um enfoque geral e as consequências maiores, como a manutenção da sociedade de normas que privilegiam o homem branco, cis-heteronormativo. Concordo com Ozella e Aguiar (2008) quando eles dizem que “a manutenção das concepções de adolescência como um período naturalmente de crise cumpre o papel ideológico de camuflar a realidade, as contradições sociais, as verdadeiras mediações que constituem tal fenômeno” (p. 100). Sendo assim, é oportuno para uma sociedade adulta que pretende manter as coisas como estão encontrar formas de silenciar aqueles que mais lhes importunariam: se ser adolescente é ser um rebelde em crise, então tudo o que ele diz é atribuído a isto e suas denúncias e questionamentos são ignorados.

Discordando das concepções que naturalizam a adolescência e sua vivência, sinto a necessidade de resgatar outras leituras a fim de mostrar o que pode, então, ser considerado o processo da adolescência, as quais são críticas e levam em consideração de forma prática e realista todas as questões que envolvem ser-adolescente.

3.4 O que pode ser a adolescência, então?

Portanto, tomando a fenomenologia como referencial, a adolescência adquire um sentido próprio que cada sujeito construirá, e, somente ao viver essa experiência, se chega às respostas (...) ou seja, a adolescência será sempre este enigma que convida a por em jogo tudo que somos e tudo que sabemos. (Alcântara, 2016, p. 2)

De acordo com Simonelli (2017), os saberes científicos construídos até os dias atuais sobre o período da adolescência, os quais foram citados na primeira parte deste capítulo, não devem ser eliminados, mas também não devem ser tomados como verdades absolutas: eles precisam ser compreendidos como fragmentos de uma vivência que é múltipla e complexa. Levando em conta os referenciais fenomenológicos, principalmente de Martin Heidegger, não é possível determinar a adolescência de uma forma ou outra, assim como não podemos fazer com os outros períodos vitais. Heidegger (2001) diz que a única determinação do ser-aí é a sua abertura enquanto possibilidade, seu caráter como poder-ser, e por isso não é viável considerar uma definição a priori para o sujeito em qualquer período da vida.

Todavia, existem algumas características comuns que perpassam muitas vivências na adolescência, que são o que nos darão um norte para falarmos sobre ela, sem determiná-la, mas compreendendo-a em sua complexidade. Concordo com Simonelli (2017) quando ele diz que o adolescente precisa de um olhar teórico e sensível que foque em suas potências, o que ele pode vir-a-ser, e não um olhar que se interesse apenas no que ele é, encerrando-o em sua

existência. Alguns aspectos que penso serem pertinentes a este estudo, e sobre os quais me debruçarei são: a descoberta da individualidade, a percepção sobre a sua condição de poder-ser, a angústia que surge a partir das novas possibilidades e da apreensão da individualidade e, por fim, buscarei refletir sobre como essas características aproximam o ser adolescente de seu ser-para-morte, a partir da compreensão de Martin Heidegger.

Dentro da noção de descoberta da própria individualidade, é importante lembrar que existem algumas questões essenciais quando pensamos na adolescência, como a descoberta da sexualidade, de novos pensamentos e sentimentos e a dificuldade de verbalizá-los e, conseqüentemente, uma nova relação consigo mesmo e com a própria realidade que o circunda. É necessário lembrarmos que, apesar de ser marcante a descoberta de si mesmo, isso não torna o adolescente um ser isolado de seu mundo. Ele continua sendo-no-mundo e assim, sendo afetado pelas particularidades deste mundo, como a cultura, a época em que vive, sua organização socioeconômica, as condições econômicas em que vive, a raça, o gênero, entre outros. Justamente por isso, penso ser importante destacar mais uma vez que, apesar de estar escrevendo sobre a adolescência, mantenho em mente por todo o percurso, e peço para que os leitores também o façam, que cada ser-adolescente está situado em diferentes horizontes e, conseqüentemente, terá variadas experiências.

Ao longo deste item, tomarei a liberdade de citar falas de alguns personagens do livro *Descobrendo a Si Mesmo: A Passagem para a Adolescência*, de Miguel Perosa (1997). No livro, Perosa traz várias crônicas que ilustram a passagem para a adolescência, e em todas elas existem falas riquíssimas que contribuem para a compreensão de todas as características que serão pontuadas aqui. Ao dissertar sobre a hermenêutica como base metodológica para a compreensão de literaturas, Cristóvão (2010) diz que

(...) seu pressuposto [da hermenêutica] não era a compreensão do discurso em sua relação com a língua, mas em sua relação com a vida. Portanto, toda manifestação da vida possui um significado expresso em forma de signo, pois só a própria vida existe em si mesma. (Cristóvão, 2010, p. 77)

Heidegger (2001) compreende a hermenêutica como compreensão da própria existência, onde o ser humano pode sair de si, transcender em direção ao mundo para compreendê-lo e, mais importante, para compreender a si mesmo no mundo. Portanto, a utilização da literatura nesta pesquisa se dá pelo entendimento de que ela possui capacidade ampla de reproduzir as experiências do ser humano e seu mundo vivido, ou seja, o livro de Perosa nos empresta recursos para elucidarmos sobre as vivências da adolescência.

Mas antes, para compreendermos melhor as explicações trazidas aqui sobre a adolescência, é necessário discorrer sobre o conceito de angústia, pois ela estará costurada em todas as experiências.

3.5 A angústia

Heidegger (2001), com a intenção de contestar as teorias positivistas de sua época, que separavam homem e mundo, colocando o homem como ser superior, dizia que o ser-aí, ou *Dasein*, era necessariamente ser-no-mundo, e que a separação era inconcebível. Como já colocado anteriormente, *Dasein* para Heidegger é o ser ôntico-ontológico, aquele que é lançado no mundo, mas que possui a possibilidade de questionar sobre a própria existência, transcendendo a si mesmo. O ser-aí não pode ser pré-determinado por nada, exceto por seu caráter como poder-ser, ou seja, pelo fato de que ele é possibilidade, lembrando que está sempre atravessado por seu horizonte histórico. Porém, quando *Dasein* é lançado no mundo, este mundo já se encontra pronto, recheado de coisas e significados dados, sentidos pré-estabelecidos, e, sendo conveniente, o ser-aí se lança nessa familiaridade, vivendo de modo impessoal, ou impróprio, sem questionar a si e ao seu redor. Isto é o que Heidegger chama de *Dasman* (a gente), viver de acordo com os outros e com o que lhe é dado, no conforto da familiaridade, esquecido de si, na decadência, que nos coloca em uma posição passível, eximindo-nos da nossa responsabilidade de escolha.

É importante destacar que Heidegger jamais esteve interessado em uma ética, ele não diz do modo impessoal como se fosse um modo inadequado de viver, mas apenas descreve suas observações. O modo impessoal é justamente como costumamos viver na maior parte do tempo, pois é o familiar, a dimensão onde levamos nosso cotidiano e, raramente, transitamos para o pessoal, o próprio, por meio do chamado realizado pela angústia.

Longe de ser considerada uma patologia, a angústia é considerada uma disposição afetiva do *Dasein*, por meio dela o ser-aí deixa de compreender a si mesmo atendendo aos outros e aos sentidos já estabelecidos, e passa a compreender seu caráter de abertura (Dantas, Sá & Carreteiro, 2009). Heidegger (2001) a nomeia disposição fundamental, pois a considera um chamado para que o *Dasein* reflita sobre si, sobre a familiaridade que o circunda, suas escolhas, suas possibilidades; apenas na angústia sustenta a possibilidade de acesso à abertura privilegiada que é o ser-aí, e sua singularidade.

Porém, é relevante diferenciar a angústia do medo, pois são tonalidades afetivas comumente confundidas. O medo existe quando há um objeto externo específico para o qual ele é direcionado, por exemplo: existe em mim um medo insensato de aranhas, portanto, eu sei

exatamente do **que** tenho medo. A angústia é quando não há objeto específico, o que a caracteriza, como diz Heidegger (2001), “é o fato do ameaçador não se encontrar em *lugar algum*” (p. 250, grifo do autor). Nos angustiamos simplesmente por sermos-no-mundo. Existir sabendo que não somos pré-determinados por **nada** é se angustiar. Portanto, ao mesmo tempo em que a angústia surge causada pelo **nada**, é ela própria que o revela. Heidegger (2001) aponta que se angustiar é como **sair de casa**: é sentir-se estranho em sua própria familiaridade, é passar a questionar tudo e todos que nos rodeiam, inclusive nós mesmos, pois nos angustiamos por saber que nada nos determina e que precisamos escolher constantemente; e, ao mesmo tempo, essa angústia revela o nada do qual eu vim e para qual eu vou, me colocando frente ao mais íntimo de mim: meu ser-para-morte. Quando *Dasein* se apropria de seu ser-para-morte, quando entende que sua morte é irremediavelmente sua, ele se torna capaz de transcender, de olhar atentamente para todo seu trajeto de vida e se lançar propriamente ao seu futuro.

A partir disso entendo que a adolescência consiste num terreno fértil para o aparecimento da angústia, costurado com a descoberta da própria individualidade. Na adolescência, o aparecimento da angústia faz com que o jovem experiencie o estar em jogo e passe a questionar a si mesmo, descobrindo sua própria individualidade e o nada que o determina, tomando uma nova percepção de sua realidade. Ao mesmo tempo, descobrir sua singularidade o dispõe em angústia. Usando uma figura, me parece ser como o símbolo do infinito: não há um começo específico, ou um final pontuado, mas as duas coisas estão mescladas e fazem parte uma da outra.

3.6 A descoberta da individualidade

Quando somos crianças não há uma percepção clara de que somos um ser-aí lançado no mundo junto aos que são/estão ao nosso redor, mas ontologicamente separado e sozinho. Nesse período da vida, muitas vezes basta fazer parte de uma família, de um grupo, para se sentir pertencente ao mundo. Com isso não estou dizendo que crianças não se angustiam, mas pode não haver uma compreensão intelectual suficiente para ter completa ciência do que acontece.

Na adolescência essa sensação de pertencimento por meio do outro pode perder a força, fazendo com que ele alcance seu poder-ser mais próprio, deparando-se com a sua responsabilidade sobre seu poder-ser. O adolescente percebe que pode sair do âmbito da familiaridade, do cotidiano, e passar a ser de forma mais apropriada. Construímos inúmeras relações ao longo da nossa vida, mas esta solidão ontológica diz de um ser-aí que é responsável por sua existência e por suas escolhas, e que é irremediavelmente dono de sua própria morte que virá. Heidegger (2001) diz que ninguém pode morrer por ninguém. Há em filmes, por

exemplo, ações de heroísmo que transparecem a ideia de que o herói da situação morre para salvar a vida de alguém, mas o que ele faz é adiar a morte da outra pessoa, e não impedi-la. Deparar-se com esse ser-para-morte que é meu, e que não pode nunca ser de outro alguém, é se deparar com a própria individualidade, com seu poder-ser-si-próprio, o que nos causa angústia, pois nos retira da nossa familiaridade, rompe com o nosso cotidiano e nos coloca frente ao mais íntimo de nosso ser. Essa percepção do adolescente como um ser-aí próprio, que pode levá-lo à solidão, é ilustrada no trecho a seguir, do texto *Ana e a Bilha*, de Perosa (1997):

Eu era formada pelas partes da minha família, pelas unidades pai e mãe. Eu pertencia a eles, era deles. Meus pais compunham minhas partes, unidos em mim. Vivíamos um mundo em comum, eu era desse mundo, era desse mundo, misturada no afeto familiar. Acabou. Tudo isso se acabou. Não sou mais ninguém. (...) Todos, todas as pessoas, do mundo inteiro, não eram eu. E não poderiam saborear uma fruta, por exemplo, com o mesmo paladar que o meu. Fiquei única, sozinha. (Ana, em *Ana e a Bilha*, Perosa, 1997, pp. 17-21).

Defrontar-se com essa unicidade pode ser extremamente assustador, de início, pois até então viviam mergulhadas no outro, no ambiente, na dinâmica do grupo, e de repente, sem antes ter a chance de aprender sobre si e compreender seus novos pensamentos, o adolescente se depara com um abismo, um vazio que ele não sabe de onde vem e nem para onde o levará. Mas é justamente através desse vazio que começam as indagações: “quem eu realmente sou? Por que vim ao mundo? Qual o sentido em viver? O que são todos esses sentimentos que florescem em mim? Por que pensamentos da forma que pensamos? Por que meus pais desejam que eu seja de tal forma?”.

Aqui, entra em jogo o ser do ser-adolescente, sendo um período de intensos questionamentos, e por isso sugiro que, ao invés de falarmos da adolescência como conflituosa, que passemos a utilizar o termo **questionadora**, algo que não tem início necessariamente na adolescência, visto que crianças também podem ser muito questionadoras, mas que, com o tempo, se aprofunda e as perguntas se tornam mais sérias.

Acredito que as palavras-chaves para uma melhor compreensão da adolescência, principalmente em seu início, são **sentimentos desconhecidos**, que não são desconhecidos ao adolescente porque ele não os sente, mas apenas por não saberem ainda os explicar ou mesmo compreender. É necessário buscar assimilar que não é em um piscar de olhos que o sujeito adolescente conseguirá adquirir um vocabulário emocional para expressar esses novos sentimentos que surgem, buscando talvez outras formas de colocá-los para fora. Gonçalves (2015) diz que há uma cobrança frequente sobre o adolescente, além de um descompasso entre

querer entender o que acontece consigo mesmo, e ao mesmo tempo enfrentar as inúmeras novas possibilidades e compreensões que quer ter do mundo, um mundo que, com os avanços tecnológicos, oferece cada vez mais informação e promessas.

Ao confrontar a descoberta de seu poder-ser-si-próprio, o adolescente passa a desfrutar de uma nova relação com o meio que o cerca, consigo mesmo, e com as outras pessoas. Dá-se início a uma nova percepção sobre a própria realidade, e o questionamento sobre tudo que lhe foi dado como certo até então, levando a uma nova sensação de não-pertencimento, como diz o Fã do Lobão, na crônica *O Ídolo*, de Perosa: “Não entendia ainda o que ganhava entrando na adolescência. Sabia o que tinha perdido, só isso. E não era nada agradável sentir-me estranho onde quer que estivesse.” (Perosa, 1997, p. 34).

Quase todos os personagens das crônicas do livro falam sobre essa sensação de estar pisando pela primeira vez em lugares que na infância lhes eram extremamente familiares, e tudo isso acontece ao mesmo tempo em que o ser é afetado pelo mundo e suas informações, pois, como sabemos, apesar da solidão ontológica, não é possível separar ser e mundo. Tudo parece uma novidade para o adolescente, pois a sua forma de perceber aquilo e aqueles com quem estava acostumado não é mais a mesma, inclusive ele mesmo se torna um estranho para si, seu corpo já não é mais o mesmo e antes de se conhecer, ele precisa se desconhecer. Para ganhar a si, antes precisa perder-se.

O adolescente se percebe numa sexualidade que surge e que ele de repente precisa compreender e se adaptar a um corpo que muda. Perde-se em sua família por precisar reinventar o lugar que ocupa neste grupo. Perde-se em sua própria casa, em sua escola, e em todos os ambientes que lhe eram tão confortáveis e familiares e subitamente não são mais. “Tudo me era estranho, como se eu fosse uma visita nos lugares mais habituais, mais rotineiros. (...) Tudo acontecia como se fosse a primeira vez... A tudo via e ouvia como novidade.” (Ana, em *Ana e a Bilha*, Perosa, 1997, p. 19).

Como diz Gonçalves (2015), o adolescente se vê lançado em um ambiente hostil, tanto dentro de si, quanto no mundo que o circunda, e este é o momento em que ele irá fazer uma de suas escolhas mais importantes: escolherá pela imobilidade ou pelo movimento. É nesse sentido então, nesse vazio que surge em seu próprio mundo a partir da descoberta de sua individualidade, que o adolescente encontra seu caráter enquanto possibilidade, seu mais íntimo poder-ser. Esta individualidade recém-descoberta pode ser descrita como o estranhamento dito por Heidegger (2001), quando surge a angústia diante do próprio poder-ser, a possibilidade de ser si-próprio. Porém, essa experiência não precisa ser necessariamente algo negativo na vida do adolescente. No livro, temos um contraste claro entre dois personagens que vivenciam a

descoberta da individualidade de formas opostas. Ana, da crônica *Ana e a Bilha*, (Perosa, 1997) tem como momento marcante de passagem para a sua adolescência um episódio em que presencia o pai agredindo a mãe, um instante de ruptura agressiva com a família, e como reação ela quebra a bilha de água que era da avó, uma herança familiar afetiva. Esta violência que fez parte concretamente de seu cotidiano adolescente destruiu também algo dentro de Ana: ela se viu estranha a si mesmo, trazendo a bilha como referência para algo que se quebrou dentro dela.

Já o irmão mais novo de Mário, na crônica *Descobrimo o de Dentro* (Perosa, 1997), se descobre adolescente por meio de uma leve angústia com o irmão e com um relacionamento. Sua família era compreensiva e afetuosa e houve o despertar de sua sexualidade, sendo que tudo foi acolhido com leveza pelos mais velhos que o rodeavam, e o menino afirmou: “Eu não sabia o significado de tanta novidade, não percebia que era uma revolução. Mas o que vivi naqueles dias fez uma enorme diferença na minha vida. Foi rico, intenso, estimulante. Foi excitante, diferente!” (Perosa, 1997, p. 92).

Seja uma experiência negativa ou positiva, afetuosa ou violenta, muitos adolescentes experimentam pela primeira vez também a chamada nostalgia. Existe uma nova saudade, a saudade da inocência e do viver mergulhado nos outros e nas fantasias da infância. Como bem exemplifica Ana, em *Ana e suas Bonecas* (Perosa, 1997), quando de repente suas bonecas, com as quais brincava e conversava todos os dias, “emudeceram”, e a menina percebeu que tudo era uma grande invenção de sua cabeça, que as características de suas bonecas na verdade eram delas, e que nada de suas brincadeiras que tanto amava era real. Ana agora, vez ou outra, acariciava as bonecas, esperando sentir aquela sensação de quando conversava com elas. Sentia uma saudade enorme delas, que eram suas amigas, depois as colocava no lugar e chorava, um choro que dizia muito de uma saudade de si mesma, de uma Ana que não existiria mais.

Sendo assim, a descoberta da individualidade, que ganha mais força na adolescência, é uma experiência que diz de uma falta, de um vazio, do descobrimento do *nada* que perpassa nossa existência, e lidar com esse nada realmente é angustiante, não apenas na adolescência, mas por toda a nossa vida. É quando descobrimos que nunca iremos nos identificar completamente com ninguém, pois somos únicos, e isso pode causar uma sensação de falta de pertencimento. Mas é no nada também que podemos nos descobrir, é por meio dele que surgem nossas **possibilidades** e nossas potencialidade. Por isso, considero essencial lembrar que esse vazio recém-descoberto não é apenas um oco, mas um espaço onde cabem todos os significados e experiências que criamos e iremos criar para nossa existência. Como diziam Chico Buarque e Gilberto Gil (2020): *É sempre bom lembrar que um copo vazio está cheio de ar.*

3.7 O não-pertencimento, as possibilidades e a responsabilidade das escolhas

Considero uma tarefa quase impossível falar em não-pertencimento, possibilidades, escolhas e responsabilidade separadamente, pois são experiências vividas de forma praticamente simultânea. Aliás, mesmo os outros tópicos não podem ser considerados como diferentes momentos: é como se tudo ocorresse quase ao mesmo tempo. A separação nesse texto é realizada exclusivamente para facilitar a compreensão do leitor.

Na infância, muitas vezes basta se identificar para pertencer, seja à família, à escola, aos grupos onde convive. Na adolescência, ao encontrar sua singularidade, algo se rompe para nunca mais se recuperar totalmente: a identificação com o outro. Descobrimos que ninguém pode sentir o que sentimos, da forma como sentimos; ninguém mais pode pensar nossos pensamentos, escolher nossas escolhas, viver nossa vida, existir como existimos. Somos únicos, ímpares, sem igual.

Na crônica *O Ídolo* (Perosa, 1997), o irmão mais novo de Mário conta que passou sua infância fundido à imagem do irmão, uma vez que ele era o irmão mais velho perfeito, protetor, habilidoso, popular, inteligente, uma verdadeira presença onipotente para o menino que o admirava. Era um guia fiel e o que Mário dissesse que era certo, bastava para o irmão concordar e seguir seus passos. Porém, em um dia fatídico, o menino vê seu irmão mais velho fumando maconha escondido, e descobre que Mário é um ser humano comum, imperfeito, perdendo aquela idealização que dizia que Mário era seu mestre, e ele diz:

Não era justo. Eu o admirei tanto! Ele não tinha o direito de me decepcionar assim. Só sei que, daquele dia em diante, me senti mais sozinho. Mais eu mesmo, sem ele. Mas não era um “eu sou mais eu”. Não era isso. Fiquei desprotegido, fiquei abandonado. A última coisa que me interessava na época era sentir-me só. Eu era uma parte dele e me senti uma parte separada do todo. Tinha perdido meu guia e ficado sem rumo. (*O Ídolo*, Perosa, 1997, p. 32).

Perder a identificação e idealização que tínhamos na infância, não importa com quem, é perceber que ninguém no mundo serve como guia para a nossa vida, e que nós mesmos precisamos traçar os caminhos a serem seguidos. Em primeira instância isso pode ser extremamente assustador. O adolescente acaba de descobrir que é um ser por si só, ontologicamente sozinho, e se depara com a responsabilidade de trilhar a própria existência, sem saber quase nada de si. É claro que, ao longo dos anos, essa angústia pode se apaziguar, nem que seja minimamente, e com sorte, o adolescente vai se compreendendo melhor, compreendendo que precisa realizar suas escolhas e se apropriar de sua existência; mas, de

início, a experiência pode ser desesperadora, como bem exemplifica Ana, na crônica *A Vivência de Não-Ser*:

Também as pessoas e os acontecimentos do cotidiano já não são capazes de indicar-lhe um sentido, um significado para sua vida. Ana, agora, já não pode resumir-se ao mundo externo. Sente que de alguma forma ela mesma terá de dar um rumo para si mesma. Mas como fazer, se de dentro nada ouve, se o de dentro é estranho, muito novo e também cheio de conflitos e indefinições. (...) Essa a angústia de Ana: “Sei que sou, mas não tenho a mínima ideia do quê”. (Perosa, 1997, p. 41)

Não podemos deixar em segundo plano que este “ter de dar um rumo para si mesma” não quer dizer que o sujeito é isoladamente responsável por tudo que acontece com ele, confundindo com o conceito de meritocracia. Pelo contrário, é necessário reforçar que ele é lançado no mundo em um horizonte histórico já construído, que diz de sua situação socioeconômica, sua raça, seu gênero, e que essas coisas terão influência e podem até ser limitadoras quando diz respeito a suas escolhas. Por isso é preciso ter tanto zelo quando falamos nos conceitos de possibilidade e responsabilidade.

Penso ser importante frisar, também, que em momento algum faço recortes de idade quando falo sobre responsabilidade. Destaco a adolescência, mas alguns sujeitos podem precisar sentir o peso das escolhas bem cedo, como por exemplo, aqueles que precisam trabalhar desde uma idade precoce para ajudar em casa, ou aqueles que não possuem adultos responsáveis por perto desde muito jovem.

Isto posto, a perda da identificação com o outro, ou outros, faz com que o ser-aí se volte para si, e comece a compreender, ou melhor, acessar a sua abertura de possibilidades, escolhendo se irá corresponder ao ser que ele é, sem abrir mão de suas responsabilidades. Viver de modo próprio, então, é viver correspondendo ao ser que sou, e acolhendo minhas possibilidades de ser-si-próprio; mas para aquele que nunca precisou fazer isso, ao menos não com uma compreensão intelectual do que estava acontecendo, em primeira instância pode ser um afazer muito angustiante.

É justamente por isso que Heidegger (2001) diz que vivemos a maior parte da nossa vida decaídos na facticidade, visto que pode ser demasiadamente mais suportável viver de acordo com os outros, e poder responsabilizá-los caso algo dê errado em nossas vidas. Corresponder ao ser que é, acessar sua abertura de possibilidades, escolher propriamente, significa ter que se responsabilizar pelas coisas boas, e pelas coisas ruins que acontecem como

consequência de cada escolha que fazemos. O que, como diz Mário em *A Deformação* (Perosa, 1997), pode ser pesado:

Gozado, parece que até então eu não pensava nas coisas. A partir daí, tudo ficou mais sério, mais pesado para mim. E tinha de dar conta de tudo na minha vida. De repente, eu era responsável pelo corte, era responsável pelo que tinha feito, o corte me jogava isso na cara a cada minuto, era responsável por tudo o que tinha feito na minha vida. E seria responsável por tudo o que eu fizesse daí para a frente. Minha vida pesou sobre os meus ombros... (Perosa, 1997, p. 63).

Apropriar-se do seu caráter como poder-ser, compreender que a vida que é minha não é de fato de mais ninguém, tem como consequência uma compreensão ainda mais profunda: a minha morte também é inevitavelmente minha, e, portanto, eu quem irei vivenciá-la. Mas existe aí um paradoxo posto por Heidegger (2001): quando a minha morte chega, ela já não é mais um problema para mim, pois estarei morto, fazendo com que em vida, eu vivencie a morte apenas através da morte do outro. Além disso, as possibilidades de escolha fazem sentido apenas porque são finitas, visto a finitude do próprio ser.

3.8 A adolescência e o ser-para-morte

O ser humano está sempre nascendo e morrendo, é fundamental poder ter uma compreensão de como essas realidades podem ser acolhidas. Ter consciência do “aqui agora” é imprescindível para o melhor aproveitamento da existência. As perdas e a morte são experiências necessárias para o desenvolvimento, elas colocam cada pessoa mais em contato consigo mesma no “aqui agora”. (Dutra et al., 2014, p. 236)

Comprendemos até então que, ontologicamente, a adolescência é a força da individualidade, desvelar o de dentro; é perder-se para reencontrar-se, é sentir a angústia de estranhar sua própria percepção da realidade que mantinha até então, e perder a identificação com o outro. É um período, portanto, de intensos questionamentos sobre si, sobre a vida, sobre o mundo, e também sobre a morte. Perder alguém afetivamente importante para nós pode ser doloroso em qualquer período da nossa vida, mas na adolescência, e reforço que não estou falando em idades específicas, podemos começar a alcançar um nível intelectual onde compreendemos que a morte é irreversível e a vida é finita, o que pode exacerbar em muito, ou mesmo despertar de modo mais intenso, a angústia existencial.

É claro que o luto e a morte possuem significados diferentes para cada ser, e cada um vivenciará situações de perda de formas diferentes, mas ontologicamente, todos nós, em algum

momento de nossas vidas, nos deparamos com a nossa própria finitude, e muitas vezes isso pode acontecer pela primeira vez durante a adolescência.

Na crônica *As Grandes Questões* (Perosa, 1997), um menino perde seu amigo Mário Sérgio, que foi morto atropelado por um caminhão, uma dessas fatalidades que acontecem de um minuto para o outro e ninguém compreende. Ele se sente pequeno, impotente, diante da força da morte inevitável e irreversível de um grande amigo. Sente a dor de perder alguém com quem compartilhava a vida e uma parte de si. Sente também como suas dores agora são irremediavelmente suas, sente o peso da responsabilidade sobre a própria vida, percebe que assim como as coisas boas da vida são propriamente suas, as ruins também são. E se depara com a fragilidade da vida, dizendo para a mãe numa carta:

Mas, diante da morte, mãe, o que se deve fazer? Ficar quieto, submisso, impotente, como um cordeiro a ser degolado? Ou enfrentá-la? Sabe o que mais me assustou na morte do Mário Sérgio? É que ele era tão mais que meramente um corpo; ele pensava, sorria, tinha uma exuberância de vida e de esperança no futuro, no que ele iria ser... E de repente tudo isso se acaba com a sua morte física?! Então tudo se resume a carne, osso, sangue? É isso o que a morte joga na cara da gente? (Perosa, 1997, pp. 77-78).

Isso que *a morte joga na cara da gente*, o menino percebe que também diz de si mesmo, não foi só Mário Sérgio que teve sua vida findada, não apenas por um acidente, mas por ser finito, mas ele também terá, independentemente de como será. Assim como Mário morre, apesar de ser muito mais que carne, osso e sangue, o menino enlutado também morrerá, e se angustia ao vivenciar indiretamente a própria morte através da morte do amigo. O menino se depara, então, com a indeterminação do ser e da existência, e que cada um se constitui mediante o cuidado.

Porque esse Deus que compartilhamos, mãe, não tem para nós um caminho determinado, e a nossa vida fica à mercê desses caminhões que matam Mários Sérgios por aí. Eu não tenho destino, mãe? Minha trilha não está traçada? Sou eu que faço meu caminho pelo mundo? Eu, o Gilberto Gil e os caminhões? É tudo uma imensa precariedade. E não é fácil aceitar que sou tão precário e que posso morrer daqui a pouco, nuns dois minutos, mais ou menos. [...] **Só sei que depois da morte do Mário Sérgio tenho cuidado mais de mim.** (Perosa, 1997, p. 79, grifo nosso)

Peço aos leitores que guardem esta última frase, pois um de meus entrevistados, que coincidentemente também fala da perda de um amigo próximo, diz o mesmo. A questão com a identificação na adolescência, é que mesmo após perceber que não haverá mais uma

identificação completa com ninguém, nem por isso o ser-aí deixa de procurá-la, e muitas vezes a encontra parcialmente nos amigos, seja por pensamentos similares, desejos parecidos, admiração pelos mesmos ídolos ou apenas uma questão de conveniência. Ele não irá encontrá-la, como encontrava na infância, pois como diz Perosa (1997), depois da descoberta da individualidade, mesmo buscando o pertencimento completo através do outro, sempre sobrar um pouquinho de si que não cabe a mais ninguém. Perder alguém com quem o ser se identifica, com quem sente minimamente que pertence, pode ser desolador, como um se perder em meio ao caminho da vida, como diz o menino: “É como se Mário Sérgio soubesse quem eu era muito mais do que eu mesmo pudesse saber. Sinto tanto a falta dele, mãe. E agora, como vai ser? Quem vai saber de mim? Mãe, quem sou eu?” (Perosa, 1997, p. 82). Como bem diria Sartre (1943/2011, p. 290), “o Outro é o mediador indispensável entre mim e mim mesmo”.

Por fim, ressalto que tudo o que foi pontuado neste capítulo é essencial para compreendermos a vivência do luto na adolescência. Portanto, falamos detalhadamente e separadamente sobre a morte e o luto, e sobre a adolescência. Agora, podemos dar início ao processo de metodologia da pesquisa.

4 Método e Procedimentos

4.1 O encontro com o tema

Em uma disciplina chamada “Envelhecimento, Finitude e Subjetividade”, ministrada pela Prof.^a Dr.^a Mariele Rodrigues Correa, fui instigada pela primeira vez a refletir academicamente, e também de maneira mais sensível, sobre o luto e suas ramificações. Como exercício para enriquecimento do tema, cada aluno precisou pesquisar um artigo sobre um luto com alguma especificidade, o que me fez lembrar de uma experiência pessoal que conto no início deste trabalho. Como mencionado, naquela vivência, percebi que são poucos os adultos, ou até mesmo os amigos em volta, que sabem lidar com um adolescente enlutado. Essa experiência me voltou à memória aos 21 anos enquanto cursava aquela disciplina e precisava concluir a atividade, então procurei artigos que falassem sobre o luto na adolescência. À época, encontrei o artigo de Domingos e Maluf (2003), que falava sobre a vivência de perda e luto em escolares dos 13 aos 18 anos, e, apesar de me identificar e aprender muito com o artigo, sentia também que estava faltando algo, talvez uma visão mais profunda sobre a adolescência. Não sabia, mas tive, a partir daquele momento, o desejo de compreender melhor e, acima de tudo, expor, para que outros compreendessem, o luto na adolescência.

Outro ponto que me motivou a seguir pesquisando nesta temática foi a dificuldade em encontrar textos acadêmicos que tratassem do luto na visão do adolescente, a escassez de pesquisas sensíveis e que fugissem da norma de como falamos sobre a adolescência na ciência me sensibilizou. Pesquisando para escrever o projeto de pesquisa para o processo seletivo de mestrado da Universidade Estadual de Maringá (UEM), durante meu último ano de faculdade, isso se destacou ainda mais. A maioria das publicações acadêmicas sobre a adolescência buscava enquadrá-la nas teorias do desenvolvimento que, como apontei no capítulo II, não são dispensáveis, mas também não são a única realidade desse ciclo da vida. É manifesto que os estudos e pesquisas muitas vezes são a base para uma prática profissional, principalmente no exercício da psicologia, e a falta de pesquisas mais sensíveis e que abarquem a adolescência em sua totalidade, refletem em uma prática rígida e muitas vezes intolerante. Portanto, minha escolha por estudar o luto na adolescência vem do desejo e da necessidade de não apenas falar sobre o luto, mas também de me juntar àqueles que querem contribuir com a psicologia que aborda o adolescente, e ao dar início ao mestrado, pude perceber como a fenomenologia poderia ser um grande amparo para isso.

Meu contato com a fenomenologia e o existencialismo na graduação aconteceu de forma muito superficial: apesar de um ótimo professor ministrar a disciplina, ela foi dada apenas no primeiro semestre. Conseqüentemente, ser aprovada no processo seletivo do mestrado me causou certa inquietação, já que eu teria que aprender essa vertente da filosofia aplicada à psicologia, visto que minha orientadora a utilizava. Dei início ao curso de Psicologia Fenomenológico-Existencial pelo Veredas Instituto de Psicologia, Arte e Cultura, coordenado também pela minha orientadora, e investi pesadamente meu tempo em estudar e aprender. Digo abertamente, porque dei muita sorte, pois foi até então a vertente da psicologia com a qual mais me identifiquei, e compreendi que para falar sobre o luto e a adolescência, a fenomenologia seria muito enriquecedora, justamente por buscar sempre perceber o ser humano em sua totalidade, contemplando os aspectos individuais e sociais que edificam o seu existir.

4.2 Pesquisa qualitativa

Junto à minha orientadora, decidi que a pesquisa seria desenvolvida sob um caráter qualitativo, seguindo, é claro, a perspectiva fenomenológica-hermenêutica. Silva (2018) diz que a pesquisa qualitativa se caracteriza pelo pesquisador se dedicar ao fenômeno em si, admitindo que o caminho não pode ser previsto, pois ele se faz no próprio desenrolar da pesquisa. Holanda (2006) afirma que “a abordagem qualitativa propõe-se, então, a elucidar e conhecer os complexos processos de constituição da subjetividade” (p. 364). Um dos termos chaves para a compreensão desses processos complexos que constituem a subjetividade humana é **vivência**, termo utilizado no título da pesquisa, e que surge a partir de uma **experiência**, como já explicado em nossa **Introdução**.

Portanto, embora várias pessoas possam viver a mesma experiência, por exemplo, pais que vivem a experiência de perder um filho, ou irmãos que perdem os pais, a reflexão pessoal sobre a experiência, ou seja, a vivência, será diferente para cada um, a depender de sua subjetividade e seu histórico de vida e das condições objetivas daquela morte. Todavia, apesar de as vivências serem únicas e individuais, diferentes para cada ser humano, elas possuem elementos do coletivo que serão influentes. Assim sendo, minha intenção nesta pesquisa é compreender diferentes vivências do luto na adolescência, mas buscando também, e talvez principalmente, os ingredientes coletivos que unem essas vivências. Para esta análise e para a postura em entrevista, usaremos o método fenomenológico-hermenêutico, nos apropriando principalmente de Heidegger para as discussões finais.

4.3 Método fenomenológico de pesquisa

Para Martins, Boemer e Ferraz (1990), a fenomenologia no campo de pesquisa surge como alternativa ao método positivista, o qual é restrito ao estudo e observação de fatos. O termo alternativa é adotado pelos autores para dizer que não há um método melhor, pior ou único, mas sim que se torna um outro viés possível de ser adotado. A fenomenologia surge como essa alternativa, pois diferente do método positivista, ela concebe o ser humano como não-objeto, não podendo ser compreendido através de simples relações de causa e efeito.

Sendo um referencial filosófico que passa a ser utilizado também como método, a fenomenologia tem suas origens naquela pensada por Husserl, a fenomenologia transcendental, que busca compreender a essência das coisas mesmas, que pode ser elucidada através do discurso daquele que vive a experiência pesquisada. Assim como já descrito nessa pesquisa, o ser é essencialmente ser-no-mundo, vivendo muitas vezes de forma imprópria, como diria Heidegger (2001). O pesquisador fenomenológico não deixa de ser-no-mundo, mas adota uma atitude que vai contra ao que Husserl chama de *atitude natural*, o “conhecimento natural, o diretamente dado e apocadamente questionado” (Garnica, 1997, p. 113), e busca descortinar o mundo, em uma atitude transcendental.

Considerado o “pai” da fenomenologia, Edmund Husserl, conforme Martins, Boemer e Ferraz (1990)

Passa a defender, então, a construção de uma ciência para as experiências vividas; do vivido enquanto tal, e esse projeto não consiste em erguer uma ciência exata, pois estas já têm seu modelo na matemática. A fenomenologia irá preocupar-se com a essência através do fenômeno [...] Do grego “phainomenon” significa discurso esclarecedor a respeito daquilo que se mostra para o sujeito interrogador. Do verbo “phainestai” como mostrar-se, desvelar-se. Fenômeno é, então, tudo o que se mostra, se manifesta, se desvela ao sujeito que o interroga. (Martins, Boemer & Ferraz, 1990, p. 141)

Para receber o fenômeno como é descrito pelo interrogado, da forma como é manifesta, é preciso que o interrogador esteja livre de concepções, uma postura que pode ser alcançada através da *epoché*, ou redução fenomenológica. Sendo essencial para a pesquisa fenomenológica, a *epoché* é colocar entre parênteses tudo aquilo que nos é dado onticamente pelo mundo, aquilo que para nós é natural e não-questionado, que se apresenta para nós como realidade previamente dada. Amatuzzi (2009) nos esclarece que ao invés de falarmos em redução “de” juízos e valores, seria mais certo dizer “redução a”: “redução ao que imediatamente se apresenta” (p. 95). Ou seja, para compreender a *essência* de um fenômeno

estudado, é preciso suspender os pré-conceitos que possuímos dele e do mundo, para nos reduzirmos a ele da forma como se manifesta para nós pesquisadores. O método fenomenológico pode ser útil em diversas áreas, mas quando falamos em uma pesquisa do fenômeno na psicologia, falamos na utilização do método para elucidar questões sobre o vivido. Neste estudo, elegi, junto à minha orientadora, o método fenomenológico-hermenêutico.

4.4 Método fenomenológico-hermenêutico

Visto que vários autores falam sobre a fenomenologia de formas diferentes, seria inviável falarmos de uma única fenomenologia geral, ou seja, uma única fenomenologia que se comunique da mesma forma e, portanto, optamos por encaminhar nossa pesquisa pelo viés de sua especificidade hermenêutica. Até mesmo esta pode ser estudada por diferentes autores e, por isso, dada a familiaridade das pesquisadoras com Heidegger, daremos prioridade ao ponto de vista do autor, mas sem excluir outras possibilidades que possam nos amparar.

De acordo com Feijoo e Dhein (2014), pensar o sujeito a partir da fenomenologia-hermenêutica, é compreendê-lo fora de uma estaticidade, ou seja, o sujeito para esta filosofia está sempre em fluxo. Conforme citado anteriormente, ser-aí para Heidegger é, incessantemente, ser-no-mundo e, portanto, o fluxo constante que é, acontece no mundo vivido, no horizonte histórico que constitui e é constituído pelo ser. Por isso, é necessário pensar a vivência do luto de acordo com a dinâmica do ser-aí com o mundo em que vive, no seu horizonte histórico, visto que é este quem oferece as possibilidades para que o sujeito possa escolher, e tornar-se. “Em Heidegger (2006[1929]) comportamento e história relacionam-se intimamente. Todo e qualquer comportamento se dá por condições próprias a um horizonte histórico.” (Feijoo & Dhein, 2014, p. 169).

Sendo-no-mundo, é incontestável que, além da dinâmica entre ser-aí e seu horizonte histórico, o sujeito estará imerso também, constantemente, em uma coexistência com outros seres-aí (Heidegger, 2001). De acordo com Rebouças e Dutra (2018), é justamente esta coexistência que permite com que o ser-aí possa ser compreendido e conhecido por outro e, no caso de uma pesquisa fenomenológica-hermenêutica, que o fenômeno possa ser desvelado.

Conforme Rebouças e Dutra (2018), Heidegger se interessava em desnudar a verdade não como *veritas*, que se refere a relatar um fato de forma fiel e rigorosa, mas sim a verdade enquanto *aletheia*, ou seja, aquilo que não está oculto, que se manifesta, que sai à luz, sendo uma apresentação daquilo que aparece. É possível, portanto, a partir da hermenêutica, desvelar as possibilidades do ser-aí que se encontram encobertas em sua facticidade. A hermenêutica de Heidegger, portanto, acontece através de uma compreensão interpretativa, a qual

(...) trata de desvelar o fenômeno (dimensão *ontológica*) – o qual não se mostra diretamente no fato, mas nele está velado, o que aponta a necessidade de desconstrução do factual para trazer o *sentido do ser* à luz. [...] Para tanto, foi desenvolvido o movimento analítico dos significados contidos na dimensão factual, sem buscar a explicação, mas, inaugurando o desvelamento do sentido localizado na dimensão dos fenômenos. Esse movimento corresponde à hermenêutica heideggeriana. (Paula, Souza, Cabral & Padoin, 2012, p. 988)

Silva (2018) nos traz uma reflexão importante a respeito da fenomenologia-hermenêutica utilizada como amparo para uma pesquisa: a autora se questiona como é possível, portanto, trazer à luz aquilo que se desvela no movimento da pesquisa, sem cair nas explicações factuais. Para isto, tornam-se necessários os relatos dos próprios participantes, e o nosso esforço, das pesquisadoras, de tentar unir as linguagens teóricas e meditativas, para que possamos nos amparar nas teorias utilizadas, mas também refletir sobre o sentido do fenômeno desvelado na existência dos participantes, a qual não podemos esquecer, é fluxo constante.

Sendo a existência do ser-aí um fluxo contínuo, o que os autores aqui citados mencionam em comum é que não há como compreender um sentido único sobre uma vivência que perdurará para todo o sempre. Sendo ser-aí abertura de possibilidades, é impossível abarcar a enorme gama de possibilidades que surgem na existência. Sendo assim, a compreensão fenomenológica-hermenêutica de um fenômeno está sempre suscetível a modificações, a outras formas de interpretação daquilo que se compreende através de seu desvelar.

Torna-se pertinente apontar que o sentido de uma pesquisa fenomenológica-hermenêutica nunca se esgota, podendo ser compreendido mais uma vez, por outro olhar. O que nos sinaliza que a tarefa hermenêutica, em forma de espiral, está em constante movimento e resiste ao obscurecimento pela generalização do fenômeno (Silva, 2018).

Portanto, a intenção em utilizar o método fenomenológico-hermenêutico nesta pesquisa é para que possamos compreender, através dos próprios relatos dos participantes, como aparece o fenômeno do luto na adolescência no horizonte histórico em que estes estão inseridos. Esta compreensão será interpretativa, baseada principalmente em Martin Heidegger, levando sempre em consideração a dinâmica incessante em que vivem os sujeitos e, por isso, essa compreensão não poderá ser apontada como uma verdade absoluta que abarque todos os seres-aí em qualquer horizonte histórico possível de existência.

Para facilitar nossa análise e compreensão das entrevistas buscamos por unidades de significado presentes nas falas dos entrevistados. Tais unidades são, como mais bem explicado

no capítulo *As Unidades de Significado e as Vivências*, alguns recortes considerados relevantes por nós pesquisadoras, que irão ancorar nosso discurso na análise.

4.5 Procedimentos

Finalizada a escrita do Projeto de Pesquisa, este foi enviado ao Comitê Permanente de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da UEM, sendo aprovado para continuidade sob o parecer 4.505.361 (Anexo A). Ao finalizar os procedimentos quanto aos aspectos éticos, pudemos dar início à divulgação dos propósitos da pesquisa para alcançar possíveis participantes.

Assim que encontramos os 8 participantes, foram agendados horários com cada um separadamente para darmos início à apresentação de documentos a serem lidos e assinados. Para os adolescentes, foi apresentado o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) (Anexo B), a fim de garantir seus direitos como participantes voluntários de uma pesquisa feita através de entrevistas, além de apresentar os objetivos da pesquisa e como se dariam os procedimentos. Para os participantes com mais de 18 anos, e para os pais e/ou responsáveis dos menores de idade, foi apresentado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Anexo C), com as mesmas características, para esclarecimento de seus direitos. Tendo os termos sido assinados, foi possível dar início à coleta de dados, para isso utilizamos o recurso da entrevista.

Para incentivar a fala dos voluntários, após pedir que eles nos contassem brevemente sobre si mesmos e sobre quem perderam, foi utilizada uma pergunta disparadora: “Como foi para você vivenciar a morte de *fulano* durante sua adolescência?”, a qual foi eficiente para disparar um diálogo entre participante e entrevistadora. No decorrer da entrevista, outras perguntas eram feitas no intuito de esclarecer, ampliar ou aprofundar algum aspecto trazido pelo entrevistado.

As entrevistas, tendo algumas sido realizadas de maneira presencial, e outras *online*, foram gravadas por um dispositivo móvel, com o consentimento do entrevistado, para que pudessem ser transcritas integralmente pela entrevistadora.

4.6 Os participantes

Inicialmente, foi realizado um recorte de idades baseado na Lei 8.069 do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), que define o início da adolescência aos 12 anos, e seu fim aos 18. Então, foi pensado que os critérios para seleção de participantes seriam apenas dois:

que eles tivessem entre 12 e 18 anos, e tivessem perdido alguém afetivamente importante para eles também durante este período. Contudo, de forma inesperada, mas muito interessante, na medida que se começou a divulgar a pesquisa foram se apresentando pessoas que já estavam na idade adulta, mas que haviam passado pelo momento de perda durante a adolescência, o que se mostrou uma ótima oportunidade para ver como eles, agora adultos, percebiam suas experiências vividas enquanto adolescentes. Assim, resolvemos incluir essas pessoas no estudo, alterando o recorte inicial, ficando como único critério de inclusão ter perdido alguém significativo, por morte, na adolescência.

Para alcançar pessoas interessadas em participar da pesquisa, foi utilizada a técnica *snowball*, ou bola de neve, “uma forma de amostra não probabilística, que utiliza cadeias de referência” (Vinuto, 2014, p. 203). A técnica *snowball* é utilizada quando a amostragem inicial é de difícil acesso, o que é o caso para adolescentes, visto que os locais com maior concentração de pessoas dentro deste recorte de idade seriam institucionais, como a escola, o que aumentaria em demasia os obstáculos. Portanto, projetamos informantes-chaves que auxiliaram na procura de participantes possíveis dentro da população geral. Para a nossa pesquisa, foram utilizados textos de divulgação que contavam com a explicação do estudo, a intenção das pesquisadoras, e o critério utilizado. A divulgação foi realizada em sua maioria em grupos de *Whatsapp* e no “boca-a-boca”, e através disto, informantes-chaves que conheciam um possível participante fornecia sua identidade para que nós, pesquisadoras, pudéssemos entrar em contato. A técnica se mostrou eficiente na medida em que fomos encontrando adolescentes que aceitaram participar da pesquisa. Todavia, dois participantes adultos escaparam à técnica *snowball*, pois estes se dispuseram por demanda espontânea ao ter conhecimento da pesquisa.

Dentre os 8 participantes entrevistados, quantidade estabelecida para a aprovação do Comitê de Ética, 3 se identificam como mulheres e 5, como homens. Já no recorte de idade, 4 dos participantes possuíam mais de 20 anos, e 4 estavam dentro do limite inicial de 12 a 18 anos. Todas as mulheres estavam no grupo dos considerados adultos, portanto, apenas adolescentes homens foram entrevistados, sendo que estes tinham perdido alguém afetivamente importante para eles em um período de menos de um ano anterior à entrevista.

4.7 Conhecendo os entrevistados

Com o objetivo de aproximar o leitor das vivências relatadas nesta pesquisa, descreverei brevemente a experiência vivida de cada entrevistado, previamente às descrições das unidades de significado encontradas, pois entendo ser necessário apresentar as circunstâncias da morte dos entes queridos dos entrevistados e suas primeiras vivências. Faço isso trazendo também as

próprias palavras dos entrevistados⁷. Alguns falaram sobre essas circunstâncias com mais detalhes, outros foram mais sucintos, contudo, todos se mostraram emocionados ao trazerem tais vivências.

Para que a identidade dos participantes seja preservada, utilizaremos nomes fictícios inspirados em cantores e cantoras do gênero musical brasileiro MPB, e coloco como epígrafe de cada relato um trecho de música do cantor que foi inspiração para denominar cada um dos participantes da pesquisa.

4.7.1 Beth (Beth Carvalho)

Silêncio
 É o que resta para mim
 Desde que você partiu
 A minh'alma jamais sorriu
 O meu peito soluça
 E os meus olhos não querem ter
 Nenhuma lágrima
 Porque...
 Mas se meus olhos chorassem
 Talvez aliviassem
 Este tormento de dor
 Quem sofre é meu coração
 (Beth Carvalho, 1993)

Com 21 anos, a universitária Beth foi entrevistada de forma *on-line*, através da plataforma *Google Meet*, devido à distância geográfica entre entrevistadora e entrevistada. A partir de uma entrevista breve, com duração de 22 minutos e 05 segundos, Beth relata sua vivência de perder a mãe aos 16 anos, como consequência de um câncer.

Apesar da mãe de Beth estar fazendo quimioterapia, sua morte aconteceu para a família como algo que os chocou, visto que durante todo o processo de tratamento ela manteve desconhecida da família a verdadeira gravidade de seu câncer. Portanto, quando em um domingo de manhã a mãe precisou ser internada, falecendo poucas horas depois, Beth e a irmã tiveram dificuldade em acreditar no que estava acontecendo. Após a morte da mãe, naquela

⁷ As falas dos entrevistados foram fielmente copiadas, tendo sido retirados apenas os vícios de linguagem para que ficassem mais fluidas para o leitor.

mesma manhã, a família teve conhecimento, através de uma amiga da mãe, da real seriedade de sua doença. O segredo foi algo que os revoltou de início, mas hoje, com 21 anos, Beth pensa que foi o melhor que a mãe poderia ter feito, pois assim eles não passaram seus últimos meses juntos ponderando sobre sua possível morte.

A entrevistada relata que a realidade da situação lhe atravessou apenas quando foi ao necrotério acompanhada da irmã, e que, a partir disto, precisou lidar com o luto tanto dela, quanto da família. Beth, a mais nova em sua casa, tinha dificuldade em falar sobre seu luto: preferiu guardar seu sofrimento para si, e buscou se mostrar disponível para poder ajudar o pai e a irmã, mesmo encontrando algumas complicações, visto que, ao contrário do seu próprio luto, o deles se tornara gritante.

Foi um choque. Foi num domingo de manhã que ela faleceu, mas assim, eu tava (sic) no sábado fazendo tarefa no meu quarto e eu sabia que ela tava (sic) fazendo quimioterapia, mas o que a gente sabia era que o tratamento era porque ela tinha um câncer no pescoço, e era um lugar difícil de operar, daí a gente acreditava que a quimioterapia era a única solução, foi o que ela falou pra gente. (...) eu tava (sic) fazendo tarefa no meu quarto, ela levantou assim passando mal, ela foi no banheiro e ali ela caiu e daí ela não conseguia mais levantar. A minha irmã não tava (sic) em casa, o meu pai tinha acabado de fazer uma cirurgia, tava (sic) se recuperando ainda, então ele tava (sic) no quarto dele também, aí eu liguei pra minha irmã, falei “vem me ajudar”, daí veio ela e o meu ex-cunhado. Ela foi internada, e no domingo de manhã a gente recebeu a notícia que ela tinha falecido. Só que assim, a gente foi pensando em visitar ela no hospital, daí quando a gente chegou lá minha irmã veio gritando, chorando, ela já tinha falecido. Aí a gente... Nossa, foi um choque, eu não tava (sic) conseguindo processar a informação na hora, eu só fui acreditar mesmo quando eu entrei no necrotério com a minha irmã. Daí eu vi, daí eu entendi o que tava (sic) acontecendo, mas na hora foi um choque, porque... Eu achei que eu ia visitar ela, e ela não tava (sic) mais lá. (...)

No começo eu ficava bem quieta, assim, não tinha muita vontade de conversar, eu fiquei meio revoltada também, eu não conseguia entender por que que tinha acontecido aquilo. Eu pensava “nossa, ela foi uma pessoa tão boa pra tanta gente, não sei porque aconteceu isso com ela”, e também tinha o processo do meu pai, que ele tava se recuperando de uma cirurgia bem recente, e o que eu sentia era muito... Eu fiquei muito revoltada por um tempo sabe, e daí conforme foi passando o tempo foi... Eu fui começando aprender a lidar com isso, a gente nunca supera né, mas a gente aprende a lidar. E foi assim, um momento que eu senti muita falta dela, porque eu tinha 16 anos (...)

(...) eu me fechei bastante, eu ficava muito quieta, não tinha vontade de conversar, e assim... ficou muito pesado o clima em casa, a minha irmã, ela chorava o tempo inteiro, eu não sabia como eu reagia, não sabia o que eu fazia em relação a isso, porque ela era a irmã mais velha, eu não sabia como eu poderia ajudar, como eu poderia amparar ela (sic), e meu pai também fazia muito escândalo, e falava, nossa... Ele xingava muito, e era um clima muito pesado em casa, e eu meio que reprimia tudo isso, eu ficava quieta, sabe? (...)

(...) eu não sabia muito bem chegar e sabe, ter o que falar na hora, então quando eles precisavam conversar, precisava chorar, eu escutava, se eu também sentia que eu precisava, eu ficava assim, mais no meu cantinho, quando eu sentia que eu precisava conversar com alguém, eu também conversava, mas assim é... O que eu não gostava mais era de ter que ver esse sofrimento, sabe, quando meu pai tinha essas crises dele, minha irmã também passou por um episódio bem recente, acho que uma ou duas semanas depois que a minha mãe faleceu, que ela tentou bater o carro num poste. Ela tentou se matar, então isso foi muito pesado pra (sic) mim também. Acho que isso que era mais difícil, de eu saber consolar. Eu sozinha acho que eu consegui... Consegui enfrentar bem, mas eu não sabia muito bem lidar com os outros, pra tentar ajudar.

4.7.2 Cássia (Cássia Eller)

Tu lembras?
 Da rua tão estreita estrada tão antiga
 E eu mostrava a ti uma cantiga
 Uma cantiga antiga do lugar
 Na rua
 Na paz da Lua o sonho se fazia
 E sem querer então eu esquecia
 Que já não temos tempo pra sonhar
 Sorrias
 E a tua voz a cada instante amiga
 A um só tempo no abraço estreito
 Fazia a vida o violão um jeito
 De se fazer amar
 Sorrias
 E a tua voz estranha estrada amiga
 Perdeu-se ao longe na partida

E não ficou ninguém em teu lugar
(Cássia Eller, 2015⁸)

Cássia, com 26 anos, foi entrevistada também de forma *on-line* através da plataforma *Google Meet*, durante 39 minutos e 26 segundos. A entrevistada atualmente trabalha como psicóloga clínica e é mestranda em Psicologia. Seu relato foi sobre a perda de sua mãe aos 17 anos, também por consequência de um câncer.

A entrevistada conta que sua relação com a mãe era de muita proximidade, tendo-a como uma grande referência em vários aspectos. Quando a mãe de Cássia ficou doente a primeira vez, havia tensões na família que complicaram a convivência, algo que emociona a entrevistada até os dias atuais, quando se recorda de tal tensão.

O diagnóstico foi o primeiro choque para a família, pois a mãe de Cássia havia feito exames um mês antes e eles retornaram dentro da normalidade. Quando um mês depois ela foi diagnosticada com um câncer que já estava em metástase, portanto, foi árduo para a família assimilar. A partir do diagnóstico, Cássia relatou que a mãe ficou no hospital em torno de dez meses, chegando a melhorar um pouco antes de falecer. Algo que emocionou muito a entrevistada foi lembrar como a mãe, que era uma pessoa que ela descreveu como engraçada e expansiva, estava frágil e com medo.

Apesar dos conflitos em casa, mesmo sendo a mais nova, Cássia afirma ter sentido que ocupou o lugar da pessoa forte da situação, aquela que segurava as pontas para todos, algo que atualmente ela percebeu como prejudicial, mas que na época, conforme seu relato, foi o que a ajudou a enfrentar a dor de perder a mãe.

(...) Minha mãe passou mal e foi pro (sic) hospital, e aí... Não saiu... Descobriu que tava (sic) com câncer, e que já tava (sic) com metástase, ela tinha feito um exame há um mês atrás (sic), assim, ninguém sabe direito como que isso foi acontecer, mas ela tinha um câncer no ovário e já tava (sic) no pulmão, em todos os órgãos. E aí foi tudo muito rápido, assim, foi tudo muito conflituoso com a minha família. Ela ficou no hospital por uns dez meses, e... Uns seis meses a gente indo pra UTI visitar ela, foi um tempo muito difícil. (...)

(...) Ela voltou pra (sic) casa, a gente teve momentos com ela em casa, a minha irmã mudou muito quando ela tava em casa, a gente cuidava dela, era muito difícil também, tinha

⁸ A música *Ausência*, composta por Ednardo, foi relançada na voz de Cássia Eller em um álbum póstumo chamado *O espírito do Som, v. 1: Segredos*. Lançado pela gravadora Coqueiro Verde, o álbum traz uma série de gravações caseiras da cantora, realizadas em Brasília no ano de 1983, antes do início de sua trajetória discográfica. A cantora, como sabemos, faleceu no ano de 2001.

que trocar fralda, tinha a traqueostomia, ela tava acamada, ela chorava muito de medo, ela tava (sic) bem fragilizada, tava (sic) muito diferente do que ela era, minha mãe. Ela sempre foi uma pessoa muito engraçada, de falar besteira, professora de inglês, falava palavrão o tempo todo, e ela tava assim, mais... muito mais contida, falando menos, mais séria, com medo... Então foi um momento muito difícil de ver minha mãe, e... Naquele momento eu acho que eu não tinha noção do quanto difícil tava (sic) sendo pra mim. (...) Eu comecei a ficar muito doente, isso até é uma coisa que tive que trabalhar muito na terapia, quando a minha mãe tava (sic) em casa, e eu não podia ficar perto da minha mãe, e aí veio muita culpa assim... De ter ficado tão doente, que aí ela poderia pegar e ficar mal (...)

Aí, ela... Tava (sic) melhorando, né, tava voltando do câncer, ela começou a andar um pouquinho, passinhos pequenos, começou a comer sozinha, tudo era uma emoção muito grande, até que ela foi pra UTI de novo, ela piorou de repente e foi pra UTI de novo (...) e teve uma vez assim, fazia um ano que a gente tava nessa situação e eu falei “meu, eu não aguento mais essa situação, assim, tá muito difícil”, aí ela, ela faleceu bem rápido (...)

(...) Eu comecei a ter muito medo da morte, comecei a pegar muito esses medos da minha mãe, né, e também pelo que eu tinha vivido, muito medo de perder meu pai, muito medo de perder minha irmã (...) foi uma coisa que eu nem sei direito como eu me senti, porque eu acho que eu fugi, sabe, de lidar com isso naquele momento, eu fiquei naquele discurso mesmo de que eu era forte, de que aquela experiência tinha me fortalecido, de que eu era capaz de mais coisas do que eu imaginava. Por exemplo, antes eu desmaiava com sangue, com coisa assim, aí eu passei por esses momentos no hospital, e eu tava (sic) com medo de desmaiar e não desmaiei (...)

Acho que os sentimentos que prevaleceram num momento inicial foram medo, tristeza e culpa. Depois acho que eu fui permitindo dar espaço pra (sic) saudade, sabe? E o pensamento muito forte era isso assim, como se minha mãe tivesse aqui, era como se nada de ruim fosse acontecer comigo, né, e não é bem assim (...)

Meu pai sempre veio perguntar se tava (sic) tudo bem, ele sempre deu essa possibilidade de falar também, mas era muito difícil também pra falar, então assim, era... Difícil pra ele, difícil pra gente, e ainda é um processo falar sobre tudo que aconteceu, tudo que a gente viveu (...) foi uma época tão nebulosa, assim, que ainda é um processo falar sobre isso, hoje a gente fala muito mais, mas não é tão fácil. Não foi um ponto que mudou, sabe? Ainda estamos no processo.

4.7.3 Erasmo (Erasmo Carlos)

Já está chegando a hora de ir
 Venho aqui me despedir e dizer
 Em qualquer lugar por onde eu andar
 Vou lembrar de você
 Só me resta agora dizer adeus
 E depois o meu caminho seguir
 O meu coração aqui vou deixar
 Não ligue se acaso eu chorar
 Mas agora, adeus
 (Erasmo Carlos e Roberto Carlos, 1974)

Erasmo, um adolescente de 17 anos, foi entrevistado pessoalmente por 22 minutos e 17 segundos. Em sua entrevista, ele relatou sua dor em perder o avô, menos de um ano antes.

O adolescente contou que, por conta do trabalho dos pais, o avô era quem mais cuidava dele e do irmão mais novo, fazendo com que ele sentisse que perder o avô foi “como perder um pai”. De acordo com Erasmo, um dia antes da morte do avô, eles tinham se visto e o avô havia dito que aquele seria o último dia deles juntos por um tempo, visto que a pandemia faria com que ele ficasse em isolamento pelo receio de se contaminar com o coronavírus. No dia seguinte, o avô foi vítima de um ataque cardíaco, ao qual sobreviveu, mas precisou ficar internado. Ainda no hospital um outro ataque cardíaco surgiu, e o avô veio a óbito.

Erasmo contou ter ressentimentos da equipe do hospital, pois pensa que eles poderiam ter feito mais pelo avô, ter sido mais atenciosos. Mas quando a notícia chegou, com ela veio o choque e a dor. O entrevistado conta que, apesar de estar sofrendo muito, se sentia responsável pelo irmão mais novo e pelo pai, supondo, assim, que precisava guardar o que sentia para ele, para que pudesse dar suporte para ambos. Isto, durante a entrevista, se mostra como algo forte para Erasmo, que sente como se o avô não tivesse realmente partido, e que ainda havia muita coisa “guardada” dentro dele, referente à dor de perder o avô e não poder sofrer publicamente.

(...) ele estava no hospital, ele ficou meia hora esperando, enfartando lá, sentado lá nos bancos (...) ele chegou lá e eles mandou (sic) esperar, esperar... daí meu avô estava enfartando, aí uma enfermeira que estava de folga viu que ele não estava bem, colocou ele na cadeira de rodas e levou ele lá pra dentro e daí meu avô (com lágrimas nos olhos)... Nós ficou (sic) lá na frente, eu e o meu irmão, e o meu pai. Daí meu pai ligou pro (sic) meu avô e ele falou que já

estava tudo bem, que já ia pra casa, e que domingo ele ia fazer um churrasco, e meu pai falou que não, que ele ia, se possível no mesmo dia, ou pra Dourados ou pra Nova (Nova Andradina, município do Mato Grosso do Sul), no médico particular. E que quando ele saísse não adiantava ele boquejar né, que meu avô era muito teimoso, aí meu avô falou “não, tá bom então, vai pra casa lá que daqui a pouco eu estou saindo”, ele estava tomando soro. Daí, nós chegando (sic) em casa, minha avó ligou falando que meu avô tinha enfartado de novo e que tinham levado ele pra (sic) outra sala. Daí meu irmão pegou a bicicleta, saiu correndo porque meu pai não queria levar a gente, minha mãe não deixou também, aí meu irmão pegou a bicicleta e foi, e meu pai foi atrás de carro, daí eles ficaram lá no hospital, daí eu fiquei em casa lá com a minha mãe uma hora, ela e minha tia. Depois de uma hora meu pai ligou pra (sic) minha mãe, e... Daí minha mãe começou a chorar, aí eu já imaginei, fui pegando a moto, aí minha mãe subiu na garupa, eu cheguei lá e eles falaram que meu avô já tinha falecido. Daí eu acho que... Assim, se tivesse atendido na hora, mesmo que não adiantasse, mas ficou esse pensamento meu, que se tivesse atendido ele (sic) na hora que ele chegou, ele poderia estar vivo (...)

Quando ele morreu, eu senti muito porque... Foi que nem perder um pai, só que eu não estava preparado pra isso, porque ninguém esperava, foi de repente e... Tipo assim (sic)... meu avô, mais pro meu irmão, era como a pessoa mais importante da nossa vida (...) Quando ele morreu foi um baque tremendo, né, porque um dia antes ele tinha ido lá em casa, daí meu irmão estava pra rua e eu estava deitado lá na sala, ele estava com muito medo desse corona (Coronavírus), ele falou que queria ficar uma última vez lá com nós (sic), que ia ser a última vez que ele ia ver nós (sic), que depois ele não ia mais conseguir ver a gente por causa desse corona, e acho assim, que o que mexeu comigo e com o meu irmão foi ele ter falado isso, né, porque fica meio que um negócio que parecia que ele já sabia que ele ia morrer (...)

Eu senti falta do meu avô mais por causa de carinho né, porque ele é a única pessoa que... Que demonstrava mais algum carinho pela gente. (...) não tem mais ninguém pra (sic) me dar esse carinho que ele me dava, essa atenção que ele dava, essa ajuda quando precisa (...)

(...) meu avô pra (sic) gente era, era o nosso herói. Levava a gente pra (sic) tudo que é lugar, investia na gente, nos estudos. Que nem pra (sic) mim assim, o meu avô, toda vez que eu passava de série assim, todo ano, ele falava parabéns, dava um abraço. Essas... essa coisa besta, dava um presente de vez em quando... Só ele fazia isso, entende?

4.7.4 Gilberto (Gilberto Gil)

Toda saudade é a presença
 Da ausência de alguém
 De algum lugar
 De algo enfim
 (...)
 Toda saudade é um capuz
 Transparente
 Que veda
 E ao mesmo tempo
 Traz a visão
 Do que não se pode ver
 Porque se deixou pra trás
 Mas que se guardou no coração
 (Gilberto Gil, 1989)

O adolescente de 15 anos, Gilberto, foi entrevistado pessoalmente, com duração de 37 minutos e 35 segundos. Sendo o irmão mais novo de Erasmo, ele também relata sobre sua dor pela morte do avô.

Assim como o irmão, Gilberto sente a perda do avô comparando-a com a dor de perder um pai. O rapaz descreve uma relação de muita parceria e muito apoio, sendo o avô sua figura-referência para tudo que iria fazer. Como jogador de futebol, Gilberto conta que o avô estava sempre em seus treinos, comprava equipamentos necessários, o acompanhava em viagens para peneiras (seleção para jogadores). Quando o avô morreu, portanto, o garoto quis imediatamente parar de jogar, sentindo que sem o avô não conseguiria seguir no esporte.

Agora, sem o avô, Gilberto afirmou sentir que precisou criar mais responsabilidades sozinho e “se virar”. Ele também adorava acompanhar o avô em seu caminhão, nas viagens pelo país. Quando o avô deixou algumas heranças, Gilberto fez questão de ficar com o caminhão e passou a cuidar dele com muito carinho e dedicação.

(...) meu vô faleceu, em questão de tudo, eu falei “agora não tem nem mais sentido”, assim, o que que eu vou fazer da vida agora sem meu vô? Sendo que qualquer coisa que eu fosse fazer, qualquer coisa memo, rapaz do céu, se eu fosse sair daqui ali na esquina era meu vô. Era meu vô, então... Era só ele na minha vida, eu não tinha outra pessoa, era só ele. Depois

que ele faleceu eu pensei “agora acabou com tudo mesmo”, eu nem conversava mais com o meu pai e com a minha mãe, não conversava (...).

4.7.5 Jorge (Jorge Ben Jor)

Menino, que antes de ir pra escola
 Joga bola e põe a pipa no ar
 Ele sabe que pode apanhar
 Mas o anjo menino quer é brincar
 [...]
 Deixa o menino brincar
 Pois ninguém sabe o dia de amanhã
 Pode ser um dia lindo
 Um dia triste pode ser
 Pode ser que ele seja alguém quando crescer
 Pode ser que ele não seja
 Por querer e não poder
 (*Jorge Ben Jor, 1965*)

Durante uma entrevista presencial de 29 minutos e 25 segundos, Jorge, um rapaz de 17 anos, relata a perda de dois amigos. De início, a entrevista foi combinada pelo acontecimento da morte de um amigo de Jorge que havia acontecido alguns dias antes, porém, durante a própria conversa, o rapaz falou também sobre outro amigo que havia falecido um ano antes da entrevista.

Ambos os amigos de Jorge faleceram jovens – ambos aos 19 anos –, de forma repentina, um deles vítima de acidente de moto (colocado nos relatos como J.), outro, vítima de assassinato após uma briga (representado pela letra G.). O rapaz contou como ambas as mortes aconteceram como um choque muito grande para ele, visto que estavam sempre juntos e, de repente, eles não estavam mais ali. Além disso, Jorge relata como ambas as perdas fizeram com que ele refletisse sobre suas próprias ações. Ele disse que a morte do amigo vítima de acidente o deixou com muito medo, pois ele também adorava pilotar moto. Já a perda do amigo por assassinato o deixou alerta, visto que ele costumeiramente também entrava em brigas e, após perder o amigo por este motivo, decidiu nunca mais brigar.

O tempo todo Jorge falou sobre “a ficha que não cai jamais”, a enorme dificuldade em crer na morte dos amigos. Não à toa, constantemente, ao longo da entrevista mostrava fotos,

áudios e pedaços de conversa com os amigos que ainda mantinha no *WhatsApp*, o que mostra que, de alguma forma, os amigos ainda estão vivos para ele.

Eu tava (sic) com ele uma semana antes. A gente não tava (sic) tão próximo por causa que (sic) eu tinha voltado a trabalhar, a gente era próximo, a gente não tava tão junto porque eu tinha voltado a trabalhar, né. (...) Eu mandei mensagem pra ele, falei “corta meu cabelo, boi”, ele “só encosta”, eu falei “tá no Japa?”, “tô aqui no Japa, mas você quer cortar agora? Tô terminando uma barba, eu vou fazer um social, eu faço o seu já... Se quiser vim (sic) daqui uns 20, 30 minutos.” (...) Isso foi segunda, dia 19 de abril, ele morreu no final de semana, ele se acidentou... Ele morreu, morreu mesmo foi na terça-feira, ele resistiu três dias... (...) E eu perdi um amigo meu ano passado também, 19 anos, com um tiro que ele tomou no posto. (...)

Rapaz, eu fiquei sem chão. Não tinha, não tinha boca pra (sic) nada. A ficha foi cair quando eu vi ele (sic) deitado no caixão, aquele dia lá o baque foi feio, hein. Foi feio. (...)

(...) o baque foi maior com o do G., né, assim, senti mais do G., nós tava (sic) todo dia junto. No dia do acontecido a gente tava (sic) junto, então eu fiquei... Aquele lá foi mais, mais pra (sic) mexer comigo. O do J. também, tá (sic) caindo a ficha agora, sei lá... É um bagulho estranho.

Do J. eu... eu tinha assim, eu tinha esperança, e não tinha. Que ele ia sair (do hospital). Não sei se foi na terça ou na segunda, nós tava (sic) em um grupo em oração pra ele, né, e era... Eu tava dormindo, aí... Do nada, alguma coisa mexe e eu meio que acordo, sempre que eu acordo eu mexo no celular, aí no que eu abro o celular eu peguei uma mensagem da minha ex: “o dia que for o velório você me avisa”, eu “uai velório do quê, doida?”, aí eu entrei no grupo, eu fui lá em cima, eu vi as mensagens... Rapaz, quando eu peguei e vi a mensagem “infelizmente nosso amigo foi morar com Deus”, que baque! Que baque, a ficha não caía, a ficha não caía... Aquela hora eu perdi até o sono. Perdi o sono, não aguentei, aí depois minha mãe veio conversar comigo. Agora, do G. é difícil, se eu falar pra (sic) você que a ficha caiu é mentira. Porque é difícil acreditar ainda, né. Porque, eu até tava (sic) conversando com uns amigos meu, ontem, o do G. foi pá, do nada, o do J. a gente tinha meio que uma esperança, ou ele voltava ou não voltava né, porque ele resistiu ainda três dias. Agora do G. não, do G. ele tomou um tiro e morreu, foi do nada. Do nada, então do G. foi... foi foda. Foi um baque maior. (...)

(...) naquela época eu era igual o G., briguento. Brigava com muita gente, dava soco na cara do povo na rua, era briguento, era igual ele (sic). E depois que ele morreu, que ele morreu foi por causa disso, de briga, depois que ele morreu foi... Parece que um aviso, e muita

gente falava pra (sic) mim “para de brigar, você tá seguindo o mesmo caminho que o G., para de brigar”. Eu sei que depois de três brigas que eu arrumei, eu parei, depois da morte dele. Ai eu parei, não procuro mais briga, saio longe. E a do J. é o seguinte, ele morreu em cima numa moto né, e querendo ou não eu gosto pra caramba de moto, tanto que eu tenho uma né. E a gente fica meio assim, agora, com medo, por causa que a gente perdeu um amigo fazendo o que ele gosta, que tava (sic) andando de moto, e... Dá medo agora né, porque a qualquer momento pode acontecer, e a gente nunca sabe o que vai acontecer, o jeito que vai acontecer. O trem é doido, o trem é doido.

4.7.6 Milton (Milton Nascimento)

Quando amanheceu toquei meu braço, no que?
 E me desentendi...
 Porque só eu, ali?
 Gritam vizinhos
 Água no chão, eu vi,
 Que história é essa, cadê você?
 Fui correndo à porta,
 O rio estava ali
 Um barranco sumiu
 Saí gritando
 Eu, minhas lágrimas e o rio
 Os três num só
 E as horas corriam
 Que nem sei
 Ó rio,
 Me leva contigo e o meu coração
 Éramos dois e não quero ser um só
 E desordenadamente, o barranco, as lágrimas
 Lutei contra a força, perdi
 (Milton Nascimento, 2002)

Milton foi entrevistado ao longo de duas entrevistas, realizadas de modo *on-line*, tendo a primeira uma duração de 43 minutos e 15 segundos, e a segunda, 36 minutos e 10 segundos, somando 79 minutos e 25 segundos de relato. A escolha de fazer uma segunda entrevista, com

consentimento do entrevistado, se deu após a sensação de que faltaram algumas informações importantes na primeira entrevista.

Milton, aos 42 anos, relata sobre como foi para ele perder sua irmã mais velha aos 15 anos, quando ela tinha apenas 18. A irmã faleceu após um atropelamento, sendo que Milton, o namorado da irmã e mais um amigo estavam juntos e presenciaram o acontecimento. Por conta disso, o entrevistado acabou carregando consigo muitos traumas, que o levaram inclusive a desenvolver sintomas fóbicos e depressivos.

O entrevistado relembra momentos complicados após a morte da irmã, visto que ela era uma grande parceira sua, alguém que o apoiava, o ajudava, estava com ele em todos os momentos importantes e do cotidiano. Tendo a irmã falecido em Curitiba/PR, Milton e os pais se mudaram para São Paulo, pois os pais estavam tendo dificuldades em seguir na mesma casa em que moravam com a filha.

Milton recordou, ao longo da entrevista, vários bons momentos que teve com a irmã, e realçou como ela segue sendo lembrada e homenageada por todos, reforçando que não há jamais uma superação para a morte, mas que a relação com ela segue acontecendo de uma outra forma.

(...) eu estava lá em Curitiba, a gente foi jantar, eu, ela, o namorado dela da época, e um amigo nosso, eu tinha 15 anos, ela tinha 18. Até, ela estava pra (sic) entrar no Banco do Brasil, né, tinha ganhado um carro novo e... E aí a gente foi jantar na pizzaria, à noite. Quando a gente estava saindo da pizzaria, a gente estava atravessando a rua pra (sic) pegar o carro, e aí ela estava de mão dada (sic) com o namorado dela, estava pela esquerda e eu estava pela direita, um pouco atrás dela, atravessando a rua. E aí, é... Aí o motoqueiro, ele furou o sinal, ele estava, o motoqueiro estava drogado, estava alcoolizado, e furou o sinaleiro, o semáforo, e atingiu ela, né... E arrastou ela mais ou menos uns 100 metros, e ela bateu a cabeça no asfalto. Aí, a gente saiu correndo, eu, o namorado dela, o amigo que estava lá dentro da pizzaria saiu correndo também. Pra mim foi um choque já ver ela (sic) naquele estado, ela mexia os olhos e tal, estava com a cabeça meio ensanguentada embaixo, pra mim foi difícil ver aquela imagem, e... A minha mão né, estava... Acho que sujou de sangue, tanto que me levaram lá pra (sic) dentro da pizzaria, e aí chamaram ambulância (...) e levaram ela pro (sic) hospital, né. (...)

(...) outra coisa que eu lembro foi da (sic) gente ter entrado dentro da sala, dentro do quarto na verdade, depois que ela fez a cirurgia pra (sic) tentar conter a pressão do cérebro, e... E eu não sentia a presença dela mais, na verdade ela já estava respirando só por aparelhos, tanto eu quanto meu pai, minha mãe, minha tia (...) também não sentiram a presença dela, isso

ficou bastante marcado. (...) E aí o médico realmente falou que ela estava respirando por aparelhos, que já não tinha como, que infelizmente ela teve morte cerebral, e aí a gente não tinha mais o que fazer. Aí tinha a questão de desligar o aparelho, a gente tinha que falar sobre a questão de doar os órgãos. E eu lembro que isso foi muito difícil pra (sic) mim, pro (sic) meu pai e pra (sic) minha mãe, porque a gente estava vivenciando esse choque, e era muito complicado porque a gente estava vivendo, estava sentindo isso, e a gente se sentia muito... Perdido né, eu me sentia muito perdido (...)

(...) foi muito rápido... Meu pai falou “vamos pra São Paulo?” e a gente veio pra São Paulo, aí meu pai e minha mãe começaram a trabalhar, eu comecei a fazer o colégio, eu já não sabia mais o que eu queria, andava sempre muito triste, nervoso, irritado, e comecei a ter sintomas fóbicos, né. No colégio, a minha mãe teve que ir várias vezes me buscar porque eu não conseguia sair do ambiente que eu estava, e aí ela tinha que ir me buscar, e aí começou a me levar no (sic) médico... Foi um tempo depois da morte da minha irmã, acho que foi uns seis meses, mais ou menos. Ele me diagnosticou com a síndrome do pânico e me passou uma medicação, mas não falou pra (sic) eu fazer psicoterapia... Eu lembro de ter relatado pra ele da questão da minha irmã, e ele falou “ah, tal, você tem que não sei o quê, agora bola pra frente, tal”. Mas eu lembro que foi diferente depois de quando eu fui buscar um tratamento psicológico, porque eu pude dar vasão, falar sobre essas questões da minha irmã, mas aí já era um ano, dois anos depois né. E até lá eu só fui tomando remédio, eu lembro de ter tomado remédio, mas eu estava realmente mais agressivo, estava com sintomas, desenvolvi sintomas fóbicos, sintomas de pânico, sintomas de medo, não conseguia ver moto, não conseguia.

4.7.7 Pitty (Priscilla Novaes)

Hoje cedo
 Quando eu acordei e não te vi
 Eu pensei em tanta coisa
 Tive medo
 Ah, como eu chorei, eu sofri
 Em segredo
 Tudo isso
 Hoje cedo
 (Pitty e Emicida, 2013)

A entrevistada Pitty, de 20 anos, conta através de uma entrevista de 41 minutos sobre sua vivência de perda. A entrevista foi realizada de forma *on-line*, via *Google Meet*, dada a distância geográfica entre a voluntária e a entrevistadora. A então acadêmica de enfermagem, relata sobre a morte de sua mãe quando tinha apenas 15 anos, em um acidente onde estavam Pitty, sua mãe e sua madrinha.

Na ocasião do acidente, a mãe de Pitty faleceu na hora, enquanto sua madrinha permaneceu consciente, apesar de desorientada, e a entrevistada ficou inconsciente, sendo levada imediatamente para outra cidade para ser internada, sendo mantida no hospital por alguns dias para exames e observação. Pitty conta que, devido à sua internação, perdeu alguns processos importantes da morte da mãe, não tendo estado presente em seu velório, nem ao enterro.

De imediato, a entrevistada conta que se esforçava para passar a imagem de pessoa forte, principalmente para a própria família. Pitty não queria mostrar seu sofrimento e ser vista como uma pessoa fraca. Porém, ao longo dos anos, este esforço foi causando uma grande angústia, e ela, já alguns anos mais velha, passou a aceitar ajuda, inclusive frequentando a psicoterapia e se permitindo sofrer pela morte da mãe.

Em seu relato, Pitty fala sobre a dificuldade em se adaptar a uma rotina sem a mãe, e diz que hoje foca em dar suporte para pessoas que passaram ou passam por situações de luto parecidas com a dela.

(...) perdi minha mãe aos... Quando eu tinha quinze anos, ela tinha 46. Ela faleceu em um acidente de carro, que estávamos eu, ela e a minha madrinha, e... Na situação ali, no acidente, ela foi vítima fatal, a minha madrinha ficou acordada, mas desorientada, e eu fiquei desacordada, desorientada. Nos sinais clínicos ali aparentes, eu tava (sic) apresentando pupila dilatada, então apresentei suspeita de lesão... Lesão cerebral, suspeita de lesão na coluna, então eles sentiram necessidade de me mandar por vagas zero aqui pra Dourados, e aí do Hospital Municipal eu vim direto pro Hospital da Vida em emergência. Quando chegou aqui em Dourados, eu fiquei internada e aí como era feriado então foi muito complicado pra (sic) conseguir fazer meus exames, a gente conseguiu fazer pelo particular, mas mesmo assim ainda foi bem demorado, mas os médicos não quiseram me liberar pra ir pro velório dela. Tudo bem que eu não tava (sic) em condições, mas toda aquela fase que a minha família passou, aquela situação complicada, eu não passei junto. O acidente foi numa terça-feira, eu tive alta do hospital na quinta-feira e eu optei por não ir pra (sic) casa, quis ficar aqui na casa da minha tia, e aí no domingo eu fui embora. (...)

(...) no primeiro mês, nos primeiros meses eu passei por uma fase muito de... “ah tá tudo bem, tá tudo certo, eu vou passar força pra minha família e tá tudo tranquilo”. Então, eu saía de casa, abraçava todo mundo, até pessoas que não eram da família eu consolava, quando eu chegava em casa eu me fechava no meu quarto e eu caía no choro, numa tristeza profunda, mas eu não deixava ninguém ver isso. Foi assim por um bom tempo, até que meu pai descobriu, conversou bastante comigo (...) eu falei “não, vai ficar tudo bem, agora vocês já sabem, tô de boa” (risos), aí começaram as aulas, eu voltei pra escola, e aí durante a escola, minhas amigas que tavam (sic) mais próximas de mim viam que não tava legal, tinha alguma coisa errada, e aí elas falavam, falavam, falavam, até que eu decidi falar com essa minha madrinha, né, que ela é enfermeira e falei pra ela que eu queria procurar terapia, ela me ajudou e eu fui pra terapia.(...)

No começo, nos primeiros meses ali, que foi antes do meu pai descobrir tudo que tava (sic) acontecendo, eu me culpava muito, hoje eu ainda me culpo por não tá lá (sic) sendo que era uma coisa que não dependia de mim, porque o médico, ele não me liberou, porque eles não tavam (sic) conseguindo decifrar o que que era (sic) que tava aparecendo no meu exame da coluna. Depois a gente descobriu que era uma coisa que eu já tinha antes, mas ali no momento eles não descobriram. É... por um lado eu me culpo muito por não tá (sic) lá com a minha avó, com o meu pai, com o meu irmão, com a minha família, mas por outro lado eu acho que isso foi necessário pra mim, porque eu não queria ver minha mãe naquela situação. Eu sou muito curiosa, então quando eu voltei eu perguntei pra (sic) todo mundo, eu fiz todo mundo relatar como que foi tudo, então... né, minhas primas falaram pra (sic) mim que ela tava (sic) com muito machucado, o lado esquerdo dela... Ela quebrou todo o lado esquerdo, então dava pra ver que o crânio tava fundo, o nariz tava quebrado, e aí eles taparam com a maquiagem, deram uma disfarçada, mas não parecia ela. Então, de certa forma, eu não queria ter visto ela (sic) daquele jeito, mas eu não me culpo por não ter visto ela (sic), a última lembrança que eu tenho dela na minha cabeça é da minha mãe rindo, da minha mãe feliz. Eu me culpo por não ter estado com a minha família, e não ter segurado na mão deles quando eles mais precisaram. (...)

(...) eu demorei muito mais pra (sic) processar isso porque eu não vi, até o próprio cemitério, meu pai só me levou lá quando o túmulo já tava (sic) todo pronto. Então eu fui, eu fui no (sic) cemitério um mês depois do que tinha acontecido, então a imagem que eu tenho na minha cabeça é a imagem do túmulo pronto e a foto dela lá, só. (...)

Durante as primeiras semanas, quando eu ia sempre, quase todo dia na casa da minha avó, ficar com junto com ela, eu escutava muito de alguns tios e alguns primos, eles falavam

assim pra (sic) mim: “ó, se você quiser chorar você sai, você não chora perto da sua avó porque você tem que entender que ela perdeu uma filha”, mas ninguém entendia que eu era a filha mais nova e que eu tinha perdido a minha mãe. Então eu tive que escutar muito isso. É uma coisa, hoje, que se eu escutar alguém falando isso eu vou ficar brava. (...) a sociedade tem muito aquele negócio de que é muito melhor perder um pai ou uma mãe do que perder um filho.

4.7.8 Raul (Raul Seixas)

Você tão calada e eu com medo de falar
 Já não sei se é hora de partir ou de chegar
 Onde eu passo agora não consigo te encontrar
 Ou você já esteve aqui ou nunca vai estar
 Tudo já passou, o trem já passou, o barco vai
 Isso é tão estranho que eu nem sei como explicar
 (Raul Seixas, 1973)

Através de uma entrevista realizada pessoalmente por 47 minutos e 16 segundos, Raul, de 18 anos, relata sobre como foi para ele perder ambos os pais, tendo a mãe falecido seis meses antes do pai. Quando a mãe faleceu, Raul tinha 17 anos, e na morte do pai já havia completado 18.

A mãe do entrevistado descobriu um câncer de pulmão e teve uma tentativa de tratamento em Barretos/SP, mas logo faleceu. Seis meses depois, Raul e o pai contraíram coronavírus, e enquanto Raul ainda estava de quarentena, seu pai precisou ser internado e rapidamente faleceu, tendo o filho descoberto sua morte através de uma mensagem no grupo da família. Por estar em isolamento, o entrevistado não pôde participar dos rituais funerários do pai, além de precisar seguir sozinho em sua casa, por ainda estar testando positivo.

Raul contou que, naquele momento ele “viu a solidão de perto”, porém, o restante da entrevista com o adolescente foi surpreendente, visto que ele apresentava uma atitude muito positiva, de um filho que queria seguir dando orgulho aos pais, correndo atrás de seus sonhos, mesmo que os pais não estivessem mais presentes fisicamente.

O entrevistado contesta a cobrança social em viver o luto de uma certa forma, e ressalta durante sua entrevista o quanto a morte dos pais fez com que ele visse a vida de outra forma, se tornando uma pessoa mais positiva e intensa, pois, como ele mesmo disse, “se você tem um ente querido, se você gosta de uma pessoa, valoriza, ame, viva intensamente, você não sabe quanto tempo você tem, ou a pessoa tem”.

(...) eu nunca, nunca, nunca vi minha mãe doente, nunca, nunca mesmo, até que um dia ela começou a apresentar sinais de dor no estômago, uma tosse; eu falei “mãe, eu acho que você tá mal”, ela falou assim “não, isso aí é normal, acho que pode ser por causa dos produtos muito forte (sic) que eu uso”, porque ela trabalhava como faxineira, ela usava uns produtos bem fortes, sabe. Aí passou um tempinho, ela foi pro (sic) hospital, falou assim: “Ai, acho que eu vou pro hospital, tô com uma dor no estômago”, chegou lá os médicos acharam que era tuberculose, tomou um monte de remédio... Primeiro era bronquite! De bronquite foi pra (sic) tuberculose, “não é”, aí acharam que era alguma bactéria no estômago e tal, aí o médico falou “Dona I., vamos fazer uma biopsia?”, vamos, pra (sic) gente ver. Fez a biopsia deu câncer de pulmão (...)

Quando ela foi encaminhada pra Barretos, foi aquele primeiro choque que eu tive, primeira vez que eu ia ficar muito tempo longe da minha mãe, “que que eu vou fazer?”. (...)

(...) um dia me ligaram assim “Raul, você quer vim (sic) ver sua mãe?”, eu falei “ué, vou”, não sabia de situação nenhuma, de nada que estava acontecendo, fui lá ver ela (sic). Cheguei lá, eu... Eu cheguei, abri a porta lá do hospital, ela olhou pra (sic) mim e falou “Nossa, você?”, ela já não tinha mais reação de nada, né. Foi o primeiro baque que eu tive muito grande, porque foi a primeira vez que eu vi a minha mãe acamada, ela tava (sic)... Ela tava na fralda, ela tava totalmente já, sabe... Totalmente diferente, ela já não era a mesma pessoa. Saindo no primeiro dia eu chorei muito, chorei muito, pensei muito nas coisas, sabe? Foi o primeiro baque que eu pensei assim “nossa, será que eu vou perder minha mãe?”.

No segundo dia eu entrei, eu fui pro (sic) hospital de novo, minha mãe chegou e falou assim “Raul e Rodrigo (nome fictício), vem (sic) aqui”, que é o meu irmão, ele tava lá. Primeiro que o médico falou que com toda a morfina que ela tinha no sangue, ela não tinha consciência nenhuma, nem pra tá (sic) falando, porque ela tinha uma dosagem muito alta, pra não sentir tanta dor, então era uma dosagem muito alta. Ela chamou e falou assim “Raul, vem aqui, eu vou avisar um negócio pra vocês, a mãe tá indo”, desse jeito, “a mãe tá indo, mas pode ficar tranquilo, a mãe tá indo pra um lugar bem melhor” (...)

(...) voltei de novo pra (sic) casa, deixei ela lá, ela tava (sic) reagindo à medicação, tava (sic) até bem, tava comendo... Passou. Durante essa semana ela ligou pra todas as pessoas que ela queria falar, falou com o meu pai, falou com a minha tia, falou com muita, mas muita gente. (...)

(...) chegou um dia, tava (sic) lá na casa do meu primo, do V., a gente tava conversando, era umas 3 horas da manhã, ligaram e falaram assim, meu tio falou “Raul, infelizmente sua mãe faleceu”. Na hora assim eu num... Eu não penso, você não pensa em nada, você tá até

tranquilo. Postei nas redes sociais que minha mãe tinha falecido, mas o maior baque foi na hora que chegou, chegou o corpo (...)

Foi muita tristeza, foi um velório muito rápido por questão da pandemia, enterrou, fez tudo, saí de lá, fui refletir sobre a vida, falei assim “o que vai ser sobre mim agora? O que eu vou ter que fazer?” mas eu falei “eu quero alcançar o meu sonho ainda, que é me tornar um bom massagista.”

Continuamos a vida normal, continuei trabalhando, deixei muito de pensar sobre a minha mãe, pra (sic) pensar nos momentos bons. (...) eu sofria muito de ansiedade, comecei a sofrer de a ansiedade de outra forma, agora eu tava sofrendo uma ansiedade, que eu tava tendo problemas físicos (...) eu já não tava tendo mais controle sobre isso, tava tendo muito, muito, muito, muito... foi aí que eu fui passar por um psicólogo, fui fazer um tratamento, com psiquiatra, no caso, fazer um tratamento com fluoxetina, pra eu melhorar, tal. (...)

Passou um tempo, deu seis meses, fiz aniversário, completei 18 anos, o mercado... que eu tava (sic) trabalhando, eu trabalhei no mercado quatro anos, eu falei assim “agora eu vou parar, pra eu focar só na minha massagem”, vou trabalhar só com massagem, que é o que eu quero, o que eu gosto, é o que eu vou fazer.

Primeiro dia... Eu falei, eu vou viajar, vou fazer alguma coisa, meu irmão já tinha viajado uma semana antes. Primeiro dia, eu comecei com dor nas costas, meu pai também com dor nas costas, eu falei, “mas ué, que que pode ser?” Pensei no Covid né, falei “pai, vamos no hospital?”, “vamos, vamos no hospital”. Meu pai era um cara muito, mas muito, muito, muito daquelas pessoas antigas, sabe, rústicas, então ele não gostava de hospital, não gostava, a primeira reação dele foi “não, não vou”, depois ele falou “não, vamos” (...) chegando lá, no primeiro dia eles falaram assim “seu pai vai ficar, você volta, porque você não é grupo de risco, então não adianta você ficar aqui”. Ok, meu pai fez o teste, deu positivo. Eu fui no outro dia, fiz o teste, deu positivo. (...) no quinto dia que meu pai chegou da hemodiálise, ele chegou um pouco mal, eu falei “pai, você não tá bem, né?”, ele falou “não, eu tô bem, sim”, escondendo, falando “não, eu tô bem, tô bem”, eu falando “pai, você não tá bem”, ele “tô bem sim”, aí ele sentou lá no quarto, começou a respirar mal, eu falei “vou pegar o aparelhinho de saturação”, peguei a saturação e tava em 77, horrível, era horrível (...) a saturação mínima tem que ser 95, falei assim “tá horrível essa saturação, pai você tá mal, saturando desse jeito você pode correr pro hospital”, chamei a ambulância, a ambulância foi buscar, foi na marra, mas foi. (...)

Fui dormir nessa noite, acordei no outro dia, uma mensagem no grupo da família, nem foi direto pra (sic) mim, falando assim “seu pai tá entubado, foi entubado, e foi pra

Aquidauana”. Até aí ok, muito triste, muito abalado, fui comer, tava comendo e tal, aí daqui a pouco começou a chegar mensagem, mensagem, e eu fui deitar (sic), descansar um pouco, querendo ou não cansa o covid (sic), aí fui dormir, daqui a pouco acordei com um monte de mensagem, mas tipo assim um monte mesmo, “você tá bem?” “meus pêsames”, eu falei, “meus pêsames? Por quê?”. Entrei, “Tio A. faleceu” no grupo da família, não foi direto pra mim (...). Tomei um baque, um baque, um baque, um baque, que eu falei “nossa..., mas de novo!?” Eu tava (sic) sozinho em casa, liguei pras (sic) minhas tias, se reuniram tudo lá fora de casa, sabe, eu pro lado de dentro e eles todos lá fora. Você imagina a situação... cara, que situação! Você não pode sair pra (sic) dar um abraço, não pode, eu tava (sic) no quinto dia de quarentena! Eu tinha mais cinco dias pela frente, pra (sic) eu ficar sozinho em casa. Então o que aconteceu? Fizeram uma ligação por vídeo, pra (sic) ver a questão do enterro, e tal, eu vi por vídeo, muito triste, muito triste...(...) Foi uma coisa extremamente rápida. E se for botar na balança, eu perdi meu pai pra (sic) uma doença extremamente nova. Uma doença que se esperasse mais um mês ele ia ser vacinado.

5 As Unidades de Significado e as Vivências

Oh, pedaço de mim
 Oh, metade arrancada de mim
 Leva o vulto teu
 Que a saudade é o revés de um parto
 A saudade é arrumar o quarto
 Do filho que já morreu

Oh, pedaço de mim
 Oh, metade amputada de mim
 Leva o que há de ti
 Que a saudade dói latejada
 É assim como uma fisgada
 No membro que já perdi

Oh, pedaço de mim
 Oh, metade adorada de mim
 Lava os olhos meus
 Que a saudade é o pior castigo
 E eu não quero levar comigo
 A mortalha do amor
 Adeus

(Chico Buarque e Zizi Possi, 1978)

A partir deste momento, depois de conhecer um pouco da história de cada um dos nossos entrevistados, trabalharemos para descrever as vivências compreendidas por nós, pesquisadoras, a partir do discurso de cada entrevistado. Para isso, buscaremos descrever a intenção da pesquisa “a vivência do luto na adolescência” através de recortes das entrevistas e explicações descritivas.

Como descrito na metodologia, as entrevistas foram minuciosamente ouvidas e as transcrições lidas várias vezes para que pudéssemos encontrar as unidades de significado, ou seja, os aspectos considerados significativos como reveladores da vivência dos enlutados, levando em consideração a intenção da pesquisa. Às unidades de significado encontradas,

demos as seguintes denominações: 1 – O choque e a negação diante da notícia da morte do ente querido; 2 – A necessidade de se sentirem fortes diante da perda: a não expressão da dor e a exigência de ser o apoio da família; 3 – Ressignificando a própria vida, a morte, a temporalidade e sua relação com as pessoas: a valorização do outro e o cuidado consigo; 4 – A morte como negação ao enlutado da relação cotidiana e de realização de projetos futuros com o ente morto; 5 – O apoio como uma rede de amparo e como rede impositiva e limitadora; 6 – A presentificação da ausência da pessoa amada; 7 – A espiritualidade e a psicoterapia como meios de conforto ao luto; e por fim, apenas nas entrevistas com os participantes adultos: 8 – A impossibilidade de uma superação do luto.

5.1 O choque e a negação diante da notícia da morte do ente querido

No capítulo *Sobre a morte*, assinalamos o afastamento da morte no nosso cotidiano e como nos distanciamos de sua possibilidade real em nossas vidas. Nossos entrevistados trouxeram esse distanciamento de algumas formas, visto que todos relatam a sensação de choque ao receber a notícia da morte do ente querido. O choque que surge não apenas pela comoção de perder alguém que se ama, mas pela incredulidade, pela dificuldade em acreditar na realidade da morte.

Eu não caía a ficha (sic), até hoje eu não caio a ficha (sic) pra (sic) você ter uma ideia. Eu não vou muito na (sic) casa dele já por um desses motivos, que eu chego lá, eu olho, eu acho que ele vai estar (sic) lá (Gilberto).

Quando Gilberto diz que evita a casa do avô por pensar que ele poderia estar lá, penso no impasse em assimilar a ausência de alguém que se ama. Para o adolescente, a casa se torna uma nova presença-ausência. A presença que se torna um símbolo para a ausência do avô.

O maior baque foi na hora que chegou o corpo, por quê? Querendo ou não, uma pessoa que você vê 24 horas por dia você ver dentro de um caixão? Você muda todinha sua concepção de vida, sabe, você fica abalado demais (Raul).

O momento em que se vê o corpo sem vida de um ente querido, é também o momento em que se percebe a ruptura radical da intercorporeidade, a impossibilidade de interagir com aquela pessoa que se foi. A imprevisibilidade e a radicalidade da morte, fazem com que a

maioria dos entrevistados citem a dificuldade de “cair a ficha”⁹, expressão coloquial costumeiramente utilizada para dizer que se entendeu algo.

Mas vou falar pra (sic) você que a ficha caiu, não caiu não. Então eu posso ir ver, ir lá no cemitério, mas é difícil cair a ficha (Jorge).

A gente foi pensando em visitar ela no hospital, quando a gente chegou lá minha irmã veio gritando, chorando, ela já tinha falecido (...) Na hora foi um choque, porque eu achei que ia visitar ela (sic), e ela não estava mais lá (Beth).

Algo marcante nesta fala de Beth é a forma como ela recebeu a notícia da morte da mãe, aos prantos da irmã, além do choque pela expectativa de visitar a mãe que ela pensava estar viva. Pitty também sofreu um choque pela morte da mãe, como mostra o seguinte trecho:

Bem esse negócio do foi repentino, foi um acidente, até hoje eu penso “tá, mas um dia antes disso acontecer a gente estava na casa da minha avó, juntas, dando risada, fazendo mil planos pro futuro” e aí no outro dia ela já não estava mais aqui (Pitty).

Mas é importante assinalar que é perceptível que o choque é maior em mortes repentinas, a dificuldade de assimilar a perda acontece de forma clara, visto que não havia pensamentos sobre a possibilidade da morte de um ente querido, mas que, de repente, acontece. Jorge expõe algo parecido quando faz uma comparação entre as mortes de seus dois amigos.

Do J. a gente tinha meio que uma esperança, ou ele voltava ou não voltava, porque ele resistiu ainda três dias. Agora, do G. não, ele tomou um tiro e morreu, foi do nada. Então do G. foi um baque maior. (Jorge)

Apesar de haver uma pequena distinção nas formas como as notícias são recebidas, o impacto de saber que um ente querido faleceu é sempre notório.

⁹ Exemplo: Caiu minha ficha que o mestrado está acabando. A expressão tem sua origem por volta dos anos 70, quando a empresa telefônica Telebrás substituiu as moedas nos telefones públicos por fichas, que eram colocadas pelo usuário para acionar o telefone. As ligações eram feitas apenas após as fichas caírem. Para compreender na íntegra, acesse: <https://www.recantodasletras.com.br/artigos/4429666>

5.2 A necessidade de se sentirem fortes diante da perda: a não expressão da dor e a exigência de ser o apoio da família

Esta unidade de significado foi criada a partir da observação de que foram os próprios enlutados que optaram por não compartilhar sobre seu luto, sobre seu sofrimento, pois desejavam se mostrar fortes e apresentar uma capacidade em lidar com suas dores. Os participantes da pesquisa afirmaram que se viram com a necessidade de se mostrarem “fortes” para os outros, para poderem ser apoio para familiares, como os irmãos, e para assegurarem para si e para os outros que estavam “lidando bem com as coisas”, mesmo que, em seu íntimo, estivessem se sentindo abatidos, fragilizados.

Foi um tempo muito difícil, e eu acabei ocupando esse lugar de ser a forte, responsável, a que sabe lidar com as coisas, que entende (...). Naquele momento eu não tinha noção do quão difícil estava sendo para mim, porque era muito esse discurso de que eu era forte e, foi importante eu ter esse discurso naquele momento, para viver tudo aquilo. (Cássia)

Além de expor o quão individualizado e solitário o luto se mostrou para alguns deles, visto que apareceu nos entrevistados o entendimento de que precisavam passar por ele sozinhos, Cássia trouxe mais um elemento interessante: o papel da pessoa forte como ferramenta dos próprios adolescentes para lidar com o sofrimento do luto. Este fator é importante para se repensar a noção predominante de que a adolescência é uma fase de crises, rupturas, na qual são esperados comportamentos irresponsáveis e explosivos e que ao adolescente faltariam recursos para lidar com situações difíceis. Quem também traz uma perspectiva parecida, é Pitty:

No começo eu quis colocar na minha cabeça que eu era uma pessoa forte, que eu ia passar por tudo isso e que ia ficar tudo bem. (...) Então eu saía de casa, abraçava todo mundo, até pessoas que não eram da família eu consolava, quando eu chegava em casa eu me fechava no meu quarto e caía no choro, numa tristeza profunda, mas eu não deixava ninguém ver isso. (Pitty).

Este elemento também se mostrou comum entre os entrevistados adultos. Em outra unidade de significado, que discutiremos mais adiante, ficou explícito que, apesar da busca adolescente por mostrar-se forte à época da morte, evitando entrar em contato com a dor, em algum momento este contato acontece: após alguns anos, o sofrimento aparece e, muitas vezes, vem de forma mais aguda, mais forte.

Erasmus, como irmão mais velho, relata sobre a escolha em não demonstrar o sofrimento como forma de proteger e apoiar o irmão mais novo.

Eu também quero chorar, só que eu penso que eu não posso me ver chorando na frente do meu irmão. Eu penso que tenho que me manter forte para tentar ajudar meu irmão nessas horas. (Erasmus)

Já o irmão mais novo de Erasmus, Gilberto, diz que escolheu não falar sobre seu luto pois, quando o faz, a memória do avô era revivida, algo que para ele ainda se mostrava muito doloroso. Portanto, não falar era como tentar se desviar da dor.

Eu não gosto de falar e eu não gosto que ninguém fica (sic) falando perto de mim, eu não gosto. Quando eu vou para a casa da minha avó e eles começam a falar eu já falo para parar, tem hora que eu não aguento não. (...) Eu não gosto que fica (sic) falando assim, porque eu fico lembrando. Eu fico lembrando muito se falar, e eu não gosto de lembrar porque senão depois eu fico o dia inteiro ruim. (Gilberto)

O que se mostra entre os entrevistados é uma atitude em comum: a escolha em tentar “ser forte” e mostrar que saberiam lidar com a morte de alguém sem necessitar de ajuda, mas que surge entre eles por diferentes motivos. Erasmus o faz para tentar proteger o irmão mais novo. Pitty diz que, como adolescente na época, gostaria de mostrar que saberia lidar de uma forma melhor que a esperada pelos adultos.

O que muito se espera de uma pessoa dessa idade é que a pessoa não saiba lidar com tudo o que está acontecendo, então, mais ou menos, ali no começo eu consegui lidar muito bem. (Pitty)

Já Cássia, quando questionada se essa atitude havia sido uma escolha consciente, diz:

Não era uma escolha tão livre assim, sabe, foi uma escolha, mas foi uma escolha dentro do que me falavam, do que achavam certo, desse lance da força. (Cássia)

Portanto, Cássia, ao mesmo tempo em que compreende que foi uma escolha dela evitar o sofrimento do luto naquele momento, também tem a percepção de que havia um discurso a sua volta, principalmente dos familiares, que lhe levava a agir dessa forma, pois os adultos esperavam, desejavam – ou apenas diziam – que ela fosse forte. A mesma entrevistada também pontua o ato de esconder o sofrimento como possível consequência de pensar que, na adolescência, o olhar do outro importa mais e, portanto, sentia vergonha quando alguém lhe via como a menina que perdeu a mãe.

Uma exceção entre os entrevistados é Raul, que nos surpreendeu com uma atitude relativamente positiva após a morte da mãe e do pai, o que de forma alguma significa que seu modo de lidar seja melhor que do restante dos entrevistados, mas apenas divergente. Entendemos que, por necessidade, Raul adotou uma postura necessária para seguir sua vida, pois aos 18 anos, se encontrava sem os pais e com muitas responsabilidades em suas mãos. Mas isto não impediu que ele demonstrasse algum grau de sofrimento.

Eu estava sofrendo de uma ansiedade, que eu estava tendo problemas físicos (...) Mas eu falei “nada a partir de agora me afeta mais, independente do que acontecer, eu estou forte para o que der e vier”. Se eu cair cinco vezes, eu tenho força para me levantar cinco vezes. (Raul)

A escolha do rapaz foi de encarar a situação esperançosamente e, a partir deste contexto, Raul discursa sobre o julgamento que sentiu vindo da sociedade, que pensava que ele deveria estar em sofrimento agudo.

Chegaram em mim e falaram assim “Raul, você não está ligando para a morte dos seus pais, você está muito bem, você não chorou, não fez nada”. E eu comecei a ver como era a mente humana, e eu falei assim “tá, mas pelo luto eu tenho que chorar, é isso? Eu preciso sofrer para mostrar?” (Raul)

Outro caso que se mostrou um tanto divergente foi o de Milton. Aos 15 anos, o entrevistado viu sua irmã morrer de forma trágica. Alguém com quem ele convivia diariamente e mantinha uma relação de amor fraternal e que oferecia a ele a sensação de proteção e cuidado, faleceu em sua frente. O acontecimento trouxe para Milton alguns sintomas fóbicos e depressivos, e o próprio rapaz compreende que os fenômenos de espaço e tempo se alteraram radicalmente para ele na época da perda.

Eu tinha 15 anos, ela tinha 18, então a gente estava começando a sair... Foi impactando muito nessas questões sociais, eu fui ficando fóbico, fui restringindo meus modos de ser. Quando eu cheguei em São Paulo, a minha relação com o tempo, com o espaço, ela era muito diferente. Era tudo muito grande, era tudo muito diferente. Eu já não tinha mais a minha irmã. (Milton)

Chama a atenção outra questão que surge em comum com a maioria dos entrevistados: a sensação de haver uma demanda para que eles se tornassem mais responsáveis em um curto espaço de tempo, como consequência de terem perdido um ente querido.

Foi um momento que eu acho... Que eu acho que eu cresci mais rápido mentalmente. Até hoje tem gente que fala “acho que você é meio séria pra sua idade”. (...) Aconteceu e eu tive que lidar com isso no momento que aconteceu, então eu acho que me ajudou a crescer, digamos assim, que eu tive que criar mais responsabilidades. (Beth)

Cássia, que precisou cuidar da mãe quando ela estava adoecida em casa e que, ao mesmo tempo, estava em período de vestibular, diz:

Eu tive que ocupar essa responsabilidade (...) então eu perdi um pouco esse “aprontar” da adolescência, eu já não era muito assim, mas eu quis assumir o controle de muitas coisas (...). Acho que a situação interferiu mais na idade, do que a idade interferiu na situação. Era um momento muito intenso para mim, pensando em vestibular, pensando em todas essas coisas. (Cássia)

Quando a entrevistada diz que perdeu o “aprontar” da adolescência, mesmo já não sendo o que ela costumava fazer, penso em como a nossa sociedade espera que o adolescente seja, aprontando e fazendo coisas que talvez nem faça sentido para eles mesmos.

Mas mais do que pensar se o adolescente sabe ou não lidar com uma situação de luto, nossas entrevistas mostraram ser necessário refletir sobre o contrário: como o luto afeta o ser-adolescente. Quando Erasmo escolhe se tornar responsável pelo irmão. Quando Gilberto escolhe começar a trabalhar após a morte do avô, para não precisar pedir dinheiro ao pai. Quando Raul precisa, aos 18 anos, tomar decisões sobre terras e inventários. Quando Pitty precisa se tornar “a figura feminina” (palavras da entrevistada) em casa. Quando Milton, aos 15 anos, precisa se encontrar entre a superproteção dos pais, que surge após a morte da irmã, e a exigência por responsabilidades. Quando Jorge revê sua concepção dos “rolês” e escolhe nunca mais entrar em uma briga. Todas essas são situações que reforçam a frase de Cássia de que o luto talvez interfira mais na adolescência, do que o fato de ser adolescente interfere na forma como se vive o luto.

5.3 Ressignificando a própria vida, a morte, a temporalidade e sua relação com as pessoas: a valorização do outro, e o cuidado consigo

Como diria Heidegger (2001), é praticamente impossível não ser afetado existencialmente pela morte de um ente querido. Vivenciamos a nossa própria morte a partir da morte do outro e, com isso, foi possível perceber que alguns dos entrevistados passaram a repensar algumas questões da vida, de como agiam no mundo e com os outros e sobre a própria morte.

Parte dos participantes trouxe reflexões sobre como agiam com as pessoas amadas e como passar pela morte de uma delas fez com que se manifestasse o desejo de demonstrar mais os sentimentos e aproveitar a presença das pessoas enquanto ainda estão sendo-no-mundo fisicamente com eles.

A gente tem que dar valor quando a gente tem, porque você não sabe quando vai perder. (...) Eu tento valorizar mais, vejo quem vale a pena ter por perto. (Beth)

Se você tem um ente querido, se você gosta de uma pessoa, valorize, ame, viva intensamente, você não sabe quanto tempo você tem ou a pessoa tem. (Raul)

Porém, além de reflexões sobre o modo de ser com os outros, nascem também questionamentos sobre o próprio modo de ser consigo mesmos. Como Jorge, por exemplo, que após a morte do amigo como consequência de uma briga, decidiu nunca mais brigar.

Quando o G. morreu, naquela época eu era igual a ele, briguento. Depois que ele morreu, parece que foi um aviso. Aí eu parei, não procuro mais briga, saio longe. Fez eu abrir meu olho para eu parar de seguir o caminho que eu estava seguindo. (Jorge)

Já Raul, sentiu a necessidade de demonstrar mais gratidão à vida.

Todo dia que eu sair de casa, eu vou começar a me comportar de outra forma. Cada gesto que a gente faz em um dia é uma gratidão. (Raul)

Houve também quem demonstrasse sentimento de culpa por não ter aproveitado mais o tempo com a pessoa amada, medo da morte de si e de outros, além de cair por terra aquilo que se acreditava sobre o ciclo da vida.

Eu comecei a ter muito medo da morte (...) muito medo de perder meu pai, muito medo de perder minha irmã. (...) E desde os 17 anos uma culpa do que eu poderia ter feito, culpa que eu poderia ter ficado mais com ela. (Cássia)

Rapaz, eu tenho medo da morte. Eu fico imaginando como deve ser lá em cima, a gente morre e... eu fico com medo. (...) E pode... no dia que eu estava indo para o velório eu vi a morte, eu pensei “eita, miséria”. (Jorge)

Com relação ao ciclo da vida, os participantes comentam sobre como fica aparente e óbvia a brevidade da vida. Passar pela morte de alguém próximo é como ter “esfregado na

cara”, como diz a expressão coloquial, que o mesmo pode acontecer com você a qualquer momento, e não apenas quando se é idoso.

A qualquer momento pode acontecer, e a gente nunca sabe o que vai acontecer, do jeito que vai acontecer. (...) É um “negócio doido”, vamos supor, eu estava com o J. semana passada e hoje ele já não está mais aqui com a gente. (Jorge)

Foi muito rápido, nessas horas a gente vê o quanto que a gente não consegue ter domínio sobre várias coisas. (Milton)

Você começa a pensar na questão do ciclo da vida, se ele é aquilo mesmo que as pessoas falam, que a gente nasce, cresce, cumpre nosso propósito e morre. Você começa a pensar nas pessoas da sua idade, mais novas que minha mãe era, por que essas pessoas morrem, o que essas pessoas cumpriram? (...) A minha mãe tinha que ver o meu irmão se casar, eu me formar na faculdade, ela tinha que ajudar a cuidar dos meus filhos, do meu irmão, e por que que ela foi? (Pitty)

Estas falas mostram que, apesar de existirem inúmeros modos de isso acontecer, não há como atravessar a morte de alguém próximo sem ser existencialmente afetado e marcado. Este é um dos motivos pelos quais sempre defendo que falar de morte é falar sobre a vida, uma vez que uma atravessa a outra e, quando nos deparamos com a morte, alcançamos uma oportunidade de repensar a nossa própria vida e a forma como nos relacionamos com sua temporalidade.

A morte de alguém próximo, principalmente aquelas que ocorrem de modo repentino, fazem com que nos questionemos sobre a linearidade que acreditamos ser a vida, aquela dita pela entrevistada Pitty: nascemos, crescemos, cumprimos nossos propósitos e morremos. Sêneca (2017), ao falar sobre a **brevidade da vida**, diz que vivemos sem observar nossa própria fragilidade, sem olhar para o tempo que já escorreu por nossos dedos, desejando a tudo, depositando prazeres no futuro, como se fossemos imortais:

Tu vais ouvir muitos dizendo assim: “A partir dos cinquenta anos vou me retirar, aos sessenta me liberarei de minhas obrigações”. **E quem tomas como fiador de uma vida tão longa?** Quem irá aceitar que as coisas se passem tal como dispões? [...] Que estúpido esquecimento da condição mortal adiar para os cinquenta e os sessenta anos as decisões sensatas, e então querer começar a vida num ponto até o qual poucos chegaram! (Sêneca, 2017, p. 11, grifo meu)

Perder alguém que se ama pode ser um momento oportuno para nos questionarmos: “estou apenas observando o tempo passar, ou estou vivendo?”. Seria uma vida longa sinônimo de uma vida bem vivida? Sêneca (2017) diz que não. Que costumamos ansiar pelo futuro e pelo

passar do tempo como quem bebe rapidamente de uma fonte para tomá-la toda a água, acreditando que no fundo há ouro (este futuro incerto onde depositamos nossas esperanças), mas que se desespera quando vê a fonte secando. “Realmente, não podeis apanhar nem reter ou retardar a mais veloz de todas as coisas, contudo permitis que ela se vá como algo supérfluo ou renovável.” (Sêneca, 2017, p. 13).

Alguns dos entrevistados parecem dizer justamente isso: após a morte repentina de alguém que amam, passam a olhar com mais cuidado para as próprias fontes, intencionando saboreá-las com mais zelo, buscando sentir o sabor de cada gole, ao invés de ansiar pelo ouro ao fundo. Ou então, os que não haviam chegado à tal conclusão, relatam que passaram ao menos a olhar para a fonte de forma diferente, não como inesgotável e supérflua, mas compreendendo que seu fim pode chegar muito mais rapidamente que pensamos, e sem alcançar ouro algum.

Poderia resgatar inúmeras citações de Sêneca (2017), mas escolho finalizar este tópico com esta:

É preciso durante toda a vida aprender a viver e, o que talvez cause maior admiração, é preciso durante toda a vida aprender a morrer. [...] Ora, é fácil gerir aquilo que, apesar de exíguo, é certo; com mais cuidado se deve conservar o que não se sabe quando irá faltar. [...] Tu estás ocupado, a vida se apressa; nesse ínterim, a morte irá chegar, para a qual, querendo ou não, terás de ter tempo. (Sêneca, 2017, pp. 14-16)

5.4 A morte como negação ao enlutado da relação cotidiana e de realização de projetos futuros com o ente morto

Algo que frisei no capítulo sobre o luto é que perder um ente querido não é pura e simplesmente perder a pessoa, mas também tudo o que envolvia aquela relação nutrida por dois. Nas entrevistas com os nossos participantes foi possível perceber variadas perdas que surgiram a partir da perda da corporeidade do outro, como a adaptação à rotina sem a pessoa, a perda de alguém que era referência, alguém com quem contar em momentos que seriam específicos daquela relação e, por fim, a perda do futuro que estava planejado com a pessoa que se foi.

Os participantes que perderam pessoas com quem tinham uma relação de parentalidade, de cuidado e referência, falaram de experiências similares. Demonstraram se sentir mais “soltos” no mundo, desamparados sem alguém para lhes apoiar e aconselhar em relação aos próprios futuros.

Eu tinha 16 anos e foi em novembro, então pouco tempo depois eu já entrei no último ano do Ensino Médio, aquele negócio de faculdade, era uma coisa que eu queria que

ela me acompanhasse (...) Seria bom ter um apoio assim, minha irmã e meu pai me apoiaram bastante, mas a gente sente falta do apoio da mãe, acho que ela ajudaria nisso. (Beth)

Foi como perder um pai, porque a gente foi criado mais pelo meu avô, eu e meu irmão, porque meu pai e minha mãe tinham que trabalhar muito (...) Eu já sabia que ele ia falecer um dia, mas não ia falecer em uma fase da minha vida que meio que eu estava tomando os rumos (...) Ele partiu na hora que nós mais precisávamos dele, tanto em conselho para futebol, que meu irmão gosta, escola... Ele partiu assim, na hora de decisões. (Erasmão)

Eu falava assim “sem o meu avô eu não vou conseguir” (...) Eu ia parar até de jogar bola, porque ele que me apoiava, ele que falou que um dia ele ia me colocar em um time grande para jogar, que eu ia conseguir, porque meu avô sempre acreditava em mim. (Gilberto)

O que mais me afetou foi a situação de perder a figura materna, a mãe é o pilar de uma casa. (...) Eu acho que essa fase que eu estou vivendo agora, de reta final de faculdade, tem muita coisa que eu queria ter o apoio da minha mãe aqui e não tenho. (Pitty)

Além da perda de uma pessoa referência, os entrevistados mostram como lhes afetou o fato de não ter mais uma rotina que era muito específica daquela relação, de formas diferentes para cada um deles, o que reforça o conceito de que o luto não pode, de modo algum, ser generalizado.

Nesses momentos, principalmente com a madrasta, eu sentia falta dessa proteção materna, que ele (o pai) não ia dar conta, com o tempo eu fui percebendo isso. (Cássia)

Na primeira semana foi difícil, muito difícil, porque a gente estava junto todos os dias. (...) Ele morava na rua de cima de casa, então você já imagina o grude que era. Era um grude, e ele me defendia demais também. (Jorge)

Sempre que eu precisava de alguma coisa eu ia perguntar para o meu avô, que era meu porto seguro. (...) Sempre foi ele que ajudou a gente nos momentos tristes, quando a gente perdeu a minha bisavó, ele levou a gente pra (sic) viagem, brincou com a gente, ensinou a jogar bola. (...) Toda vez que eu passava de série, todo ano, ele falava parabéns e dava um abraço. (Erasmão)

Meu avô eu via todo dia, ele estava presente nos meus treinos, ia me ver treinar. Todo dia eu ia almoçar na casa dele. (...) Eu sempre ia viajar com o meu avô, às vezes eu saía do meu treino que era para ir viajar com ele. (Gilberto)

A minha irmã era uma super companheira, porque meus pais trabalhavam muito fora. (...) Eu fazia taekwondo e eu ia lutar fora, em outros estados, lembro que ela ficava sempre me esperando em casa, eu sempre oferecia para ela a medalha. (...) Era o mundo e a gente, a gente tinha o nosso mundo, eu e a minha irmã. (Milton)

Eu estava muito acostumada com uma rotina, eu acordava de manhã para ir para a escola e ela estava acordada fazendo café, eu chegava da escola e ela estava fazendo almoço, a tarde a gente ia juntas trabalhar, e de um dia para o outro aquilo acabou. (Pitty)

No tópico da perda de uma rotina específica da relação que se tinha com a pessoa que faleceu, os participantes entraram muito na especificidade de uma rotina que se mantinha em casa, principalmente aqueles que perderam a mãe, visto que na nossa sociedade, infelizmente, ainda é comum que a mãe seja quem assume o papel de cuidado com a casa, sobretudo na limpeza e organização.

Foi muito estranho, porque muita coisa eu não fazia aqui em casa, eu aprendi na marra a lavar roupa, essas coisas. (Beth)

Eu, meu pai e meu irmão, a gente estava perdido, a gente não sabia como lidar com uma casa e como fazer as coisas sem ela. (Pitty)

Sem mãe foi o momento que eu parei de pensar psicologicamente e entrei na parte de “vamos fazer, o que vamos fazer?”, quem que vai limpar a casa, quem que vai cozinhar (...), mas quando eu perdi meu pai foi mais difícil essa questão, porque tinha inventário de casa, tinha questão de terreno, tinha questão de bens, essas coisas para resolver (Raul)

Até então foram pontuadas especificidades de uma rotina da relação que já era conhecida e que foi de fato vivida pelos participantes. Ou seja, um passado e um presente que se tinha com a pessoa que faleceu. Mas é de grande importância salientar um outro tempo que morre também: o futuro que se idealizava a partir daquela relação específica. Todos os entrevistados, de alguma forma, levantaram esse tópico, que Pitty nos clarifica com uma de suas falas:

Eu fico colocando muito na minha cabeça que ano que vem eu vou me formar e a minha mãe não vai estar lá para ver. (Pitty)

Ou seja, quando nos relacionamentos com alguém afetivamente, não importando a ordem do afeto, tendemos sempre a nos lançar para o futuro com aquela pessoa: idealizamos coisas e eventos, planejamos ações ou acontecimentos da vida ao lado daquela pessoa, e quando ela se vai, todas essas possibilidades também se vão.

5.5 O apoio como uma rede de amparo e como rede impositiva e limitadora

A maior parte dos participantes relataram que o apoio maior que tiveram veio dos amigos, mas também houve alguns relatos sobre apoio familiar, e alguns disseram não terem sentido apoio de ninguém. A forma de oferecer apoio foi outra questão levantada pelos entrevistados, que se sentiram mais acolhidos por aqueles que de fato se fizeram presente, do que por palavras de consolo e mensagens nas redes sociais.

Penso que o apoio maior dos amigos surge porque, na adolescência, essa relação de grupo pode ser frequentemente mais evidente que em outros períodos da vida, além de ser um espaço que pode ser descontraído e, por vir de outros adolescentes, não haver julgamentos quanto aos modos viver o luto.

Os meus amigos do ensino médio, eu vi que eles me deram muito apoio, indo no (sic) velório mesmo, foi todo mundo, era uma coisa que eu não esperava, que eu achava que era só colega, e eles demonstraram muito apoio. (...) Eles facilitaram bastante isso, conseguia me sentir bem quando estava com eles. (Beth)

Eu tinha muitos amigos legais, que eu tenho até hoje e que me apoiaram muito. (Cássia)

Durante a escola, minhas amigas que estavam mais próximas de mim, viam que eu não estava legal, tinha alguma coisa errada. (Pitty).

Já a rede de apoio advinda da família foi relatada de forma que, ao mesmo tempo em que eram de grande ajuda, por vezes também se tornava algo complicado. O excesso de proteção, o costume de algumas famílias em opinar sobre as situações e, em alguns casos, dificuldades devido ao fato de que a própria família também estava enlutada.

A minha irmã, ela conseguia entender exatamente o que eu estava sentindo, e ela por ser mais velha, me ajuda muito até hoje, a gente é muito próxima e depois que aconteceu tudo isso, a gente se aproximou mais ainda. (Beth)

Acho que muito da minha família ser muito unida, foi um suporte muito grande, todo mundo ficava no hospital junto, ajudando, levando a gente para a escola, apoiando na situação com a minha irmã (que passava por problemas pessoais na época). É delicado, porque todo mundo se metendo também, julgando minha irmã, mas ao mesmo tempo dando esse suporte... é (sic) o pró e o contra da família unida (risos). (...) As pessoas estavam vivendo aquilo junto comigo, porque minha mãe era uma figura muito importante para a família, também tem muito esse sofrimento, é uma coisa que todo mundo meio que passou junto. (Cássia)

(...) a minha família acabou se unindo, mas eles fizeram meio que uma, tentaram fazer meio que uma bolha de proteção em volta de mim e eu acho que isso não me fez muito bem. (...) O cuidado que eles tinham, começaram a ter, eu via que na verdade era mais de preocupação, só que eles passavam essa preocupação de uma forma muito ansiogênica. (Milton)

Eu, meu pai e meu irmão, a gente estava perdido, a gente não sabia como lidar com uma casa e como fazer as coisas sem ela. Então nessa parte a minha família deu muito suporte, eles iam em casa, eles faziam as coisas (...) [Porém] a sociedade tem muito aquele negócio de que é muito melhor perder um pai ou uma mãe do que perder um filho, então eles tinham muito isso de que quem tinha que sofrer era minha avó, porque ela tinha enterrado uma filha. (Pitty)

Já alguns participantes sentiram falta de uma rede de apoio fortificada para falarem sobre seus lutos. Como Erasmo, que quando perguntado se havia alguém ou algum lugar onde ele pudesse desabafar, respondeu:

Que eu me lembre não. Porque deram atenção mais para o meu irmão, por ele ser mais próximo dele, ele sentiu mais que eu, aí deram atenção mais para ele. (Erasmo)

Ou também, Raul, que aponta um fato interessante e que pode ser fruto para uma discussão muito atual: o apoio *virtual*.

Todo esse apoio teve, questão de mensagem, mas poucos foram lá me dar um abraço, levar comida. Para você ver que no momento, quem está ali para te ajudar, quem está ali realmente, são pouquíssimos, mas tinha muito aquelas mensagens “estou aqui para o que você precisa”. (...) Então se for para falar que eu tive muito apoio, tive, mas que eu não considero apoio. (Raul)

O depoimento de Raul nos faz questionar o que seria o apoio a uma pessoa enlutada. Na nossa sociedade atual é rotineiro o uso das redes sociais e o uso de mensagens de apreço e apoio a pessoas enlutadas por esse meio. Conhecendo uma pessoa em luto, é comum que enviemos uma mensagem, dizendo que estaremos ali caso a pessoa precisar, mas e o *aparecer* para além do ambiente virtual? O que aconteceu com aquele apoio comunitário, onde as pessoas levavam comida, ajudavam a cuidar de necessidades pontuais, que muitas vezes ficam difíceis de serem cuidadas pela pessoa enlutada? O que aconteceu com sentar-se ao lado de alguém com quem nos importamos e deixar que ela sofra ao nosso lado?

5.6 A presentificação da ausência da pessoa amada

A morte de alguém com quem nos relacionamos implica a supressão da corporeidade deste alguém, interrompe a possibilidade de atualizar esta relação, há uma ruptura com o futuro imaginado. Mas de acordo com minha experiência pessoal já citada neste trabalho, como alguém que já passou pelas perdas de amigos e familiares e, principalmente com as falas dos entrevistados, é possível notar como a pessoa que falece continua presente nas nossas vidas. Mesmo não estando mais presentes fisicamente, ainda mantemos lembranças, fotografias, músicas que nos acendem a memória e até mesmo hábitos e crenças que adquirimos por meio daquela relação específica. O próprio ato de estar como pesquisadora em uma universidade pública é algo que compreendo como tendo grande influência de meu avô, que foi educador por toda sua vida.

Os participantes da pesquisa compartilham da experiência de grandes decisões da vida e hábitos que adquiriram para si que foram influenciadas pela pessoa que perderam, após sua morte.

Ela era essa figura muito presente, que apresentava coisas para a gente, então psicologia (o fato de Cássia ser formada em psicologia), tudo está muito ligado com a minha mãe. (Cássia)

Sinto que eu tenho que ser um pouco do que o meu avô foi para o meu irmão, tentar ser o porto seguro dele, ser a pessoa que ele confia. (Erasmão)

Erasmão também gostaria de gravar na pele o amor que sente pelo avô e, após o falecimento dele, decidiu concretizar uma tatuagem escrito “Tudo que sou hoje é graças ao meu anjo”.

Eu comecei a trabalhar, meu avô sempre deixou isso para mim, depois que ele morreu, para mim caiu a ficha, foi onde eu comecei a trabalhar. (Gilberto)

E Raul, quando perguntado se ainda carregava seus pais com ele, respondeu:

Sim, só que de uma forma muito diferente. Não com a morte, não com o esquecimento, mas sim com a vida, e do que eles me ensinaram. (...) Eles estão comigo, eles vão comigo, as atitudes também, não quero decepcionar e eu carrego dessa forma. (...) Eles continuaram comigo independente do que aconteceu. Estão comigo e eu ajo por isso. (Raul)

Outro ponto relevante neste tópico é que a maioria dos entrevistados relatou sobre como algumas coisas do mundo, fotografias, músicas, filmes e objetos diversos faziam com que eles se lembrassem do ente falecido, algo que por vezes é retratado de forma dolorosa e saudosa, mas por outras, é vivenciado como se fosse algo que eles possuem no mundo para continuarem, de alguma forma, se conectando com a presença daquele que se foi.

É uma coisa que eu lembro muito da relação com a minha mãe, é essa relação de mostrar os filmes, eu já estou emotiva... (Cássia estava chorando), mostrar os filmes, os livros, explicar sobre as coisas... (Cássia)

Já o entrevistado Jorge, ao longo da entrevista me mostrava fotos dos amigos que faleceram, explicando-as, mostrando os amigos, além de áudios no *Whatsapp* que ele ainda tinha guardados. Ele disse que a saudade vem no dia a dia, ao não poder trocar uma mensagem, e quando surgem lembranças.

A gente lembra, vê uma foto, aí já vem uma música junto... o baque é grande. (Jorge)

O avô de Gilberto e Erasmo comprou um caminhão para trabalhar pelo país adentro, um sonho de anos que se concretizou um ano antes de falecer. Os meninos costumavam viajar com ele, principalmente Gilberto, fazendo com que, na divisão dos bens da herança, ele pedisse ao pai para ficar com o caminhão, pois para ele era uma forma de manter a presença do avô.

Aquele caminhão lá, eu vou falar para você, eu cuido... Tem dias que os outros passam cedinho lá na frente e eu estou lavando o caminhão, cedinho. Ele dirigia aquele caminhão para cima e para baixo, eu cuido demais daquele caminhão. (Gilberto)

Mas além disto, o adolescente diz também de algumas lembranças que lhe causam dor.

Tem foto do meu avô entregando medalha pra (sic) mim, entregando troféu pra (sic) mim de artilheiro, um monte de coisa, eu falei que ia passar pro (sic) computador porque eu não quero isso aqui não. Se ficar no meu celular, eu estou sempre mexendo, se eu pegar uma foto dessa... do nada eu já viro outra pessoa, eu fico o dia inteiro ruim. (Gilberto)

Assim como Pitty, que diz

Às vezes eu vejo foto, escuto música e eu fico muito pior do que estava antes. (Pitty)

E Raul,

Eu estava em casa, olhava ali, olhava uma roupa, tudo lembrava que pelo menos eu tinha alguém (quando o pai faleceu a mãe já havia falecido)... Foi a primeira vez que eu vi a solidão de perto. (Raul)

Os objetos da pessoa que morreu evocam lembranças dela, que podem ser lembranças da própria morte dela, o que tematiza o sofrimento da perda da presença daquela pessoa. Penso que esta é a ausência na presença, a presença de coisas que deixam evidente a ausência daquele que não está mais aqui. Por outro lado, também pode ser reconfortante, como quando Gilberto cuida do caminhão do avô, e quando outros entrevistados dizem coisas como:

A minha irmã era a minha companheira, a gente ouvia música juntos, na verdade todo o leque musical que eu acho que tenho até hoje, eu aprendi com a minha irmã. (...) Inclusive o namorado dela (da época) casou depois e o nome da filhinha dele é P. (nome da irmã de Milton) (Milton)

Direto eu ia lá no guarda-roupa, abria e conversava como se estivesse falando com ela, eu dizia “mãe, olha, eu vou pegar essa blusa sua aqui, mas eu vou devolver depois”. Então eu peguei as coisas dela, perfume que tinha ficado eu usava... (Pitty)

Apesar de haver uma supressão da corporeidade do outro, bem como da possibilidade de vivenciar aquela relação no tempo presente e/ou no futuro, há memórias que seguem vivas e presentes no mundo e no ser-enlutado. A morte de alguém que amamos não apaga a relação vivida, apenas a altera, e é com este novo formato que precisamos nos relacionar.

5.7 A espiritualidade e a psicoterapia como meios de conforto ao luto

De acordo com Heidegger (2001), o cuidado é a estrutura que totaliza as dimensões ôntica e ontológica, ou seja, é quando Ser-aí se lança na e com as coisas e outros seres-aí. Nossa existência é pautada em encontros, em relações, e estar em uma relação é cuidar, zelar. Logo, o cuidado é a totalidade estruturante do Ser-aí. A partir disso, podemos perceber na fala de alguns entrevistados, principalmente os adultos, como eles se relacionam com algumas coisas do mundo para, de alguma forma, aliviar o sofrimento do luto, ou até para perceber o que lhes

fez bem e o que lhes prejudicou. Por exemplo, alguns dos participantes encontram conforto na religião e na espiritualidade, como Beth, que assimilou a ideia de que a mãe continua viva, de outra forma, e perto dela:

Eu sempre senti uma coisa, sempre que eu pedia alguma coisa para ela, eu era atendida, então eu nunca me senti desamparada (...) Às vezes eu me encontro com ela em sonho, e sinto que é bem reconfortante. Sempre que eu preciso de ajuda, eu acho que ela nunca vai deixar de me amparar. (Beth)

Cássia também comenta sobre como o espiritismo confortava a mãe quando estava doente, antes de falecer, e como confortou a família após o seu falecimento. Além de Jorge, que quando perguntado como foram os dias antes do falecimento do amigo, enquanto ele estava no hospital, diz:

Três dias de oração. Oração atrás de oração. Eu, que não estava indo na (sic) igreja por um bom tempo, comecei a ir. Hoje, inclusive, é a missa de sétimo dia dele. (Jorge)

Gilberto encontra conforto no sentimento de que Deus sabe de todas as coisas. Como quando diz:

Tudo é na vontade de Deus, então eu vou fazer o que? (...) A gente tem dia para nascer e para morrer, isso eu tenho em mente e eu tenho certeza, porque Deus sabe tudo das nossas coisas, ele sabe o dia que a gente vai nascer e o dia que a gente vai morrer. (Gilberto)

Este é um elemento que presenciei na minha vida pessoal: muitas pessoas costumam encontrar conforto no pensamento de que se a pessoa faleceu naquele momento, é porque era sua hora, planejada previamente por Deus. Algo muito presente nas religiões cristãs. Mas outra crença confortante, não apenas na situação de luto, mas também para pensar a própria morte, é de que a morte não é o fim. Esta não é uma crença apenas das religiões cristãs, mas de pessoas espiritualistas, independente da modalidade religiosa e do formato que isto leva. Nas entrevistas, isso apareceu de variadas formas, um exemplo está na fala de Raul, um jovem que se identifica como católico:

Ali para mim não é o fim, eu vou encontrar eles um dia, para mim é isso. (...) Eu tenho o Espírito Santo que me deixa muito forte, cada dia eu acordo cedo, rezo, vai me deixando mais forte. (...) Ir na (sic) igreja, ver gente, me sentir bem nesse local, isso também foi me deixando mais forte (Raul)

Mas além da religião, o próprio processo de psicoterapia foi algo citado entre alguns entrevistados como algo que lhes ajudou. Não apenas estar em psicoterapia, mas também identificar a necessidade, perceber que precisavam de ajuda, estar atentos a si mesmos e a como estavam sofrendo.

Eu me orgulhava muito desse lugar (de pessoa forte), mas depois de um tempo eu fui vendo que me trazia, e ainda traz, bastante sofrimento, mas eu fui mudando isso ao longo do tempo. (...) Tudo muito no processo de terapia, de encarar esse luto, (antes) eu não conseguia falar sobre a minha mãe. (Cássia)

Cássia compartilha sobre como o processo de terapia foi importante para que ela compreendesse que pode se permitir chorar e sofrer, e que isto abriu possibilidades para que ela elaborasse outras questões, fazendo com que atualmente ela se lembre da mãe de uma forma mais tranquila, com mais saudade do que sentimento de culpa, por exemplo. Quem também compartilha uma história parecida é Milton, que até certo período vinha suavizando seus sintomas com remédios, mas que depois de alguns anos sentiu necessidade de buscar pela psicoterapia:

Quando eu fui buscar um tratamento psicológico, eu pude dar vazão, falar sobre essas questões da minha irmã. (...) Depois que eu comecei a vivenciar essas questões em terapia, eu comecei a me estruturar melhor e a ter condições de voltar a viver normalmente. (Milton)

Assim como Cássia e Milton, Pitty também compartilha de uma experiência positiva com a psicoterapia após a perda de sua mãe

Eu decidi falar com a minha madrinha, ela é enfermeira, eu falei para ela que eu queria procurar terapia, ela me ajudou e eu fui para a terapia. Eu fiz acho que deve ter sido uns seis meses de terapia, foi um período muito bom pra (sic) mim. (...) Eu aprendi muito disso que se eu estou mal, eu tenho que sofrer sim, e não guardar isso pra (sic) mim, porque eu mesma sei o quanto guardar as coisas pra mim me fez sofrer, e traz consequências até hoje, então sempre que eu preciso chorar eu choro, eu grito, e quando eu preciso de ajuda eu procuro alguém. (Pitty)

Portanto, quando Erasmo, aos 17 anos, diz:

Às vezes a falta de conversa atrapalha muito no dia a dia, e acho que atrapalhou um pouco (...) Tem vez que eu acordo, que eu sonhei com ele, eu choro, vou para fora, e eu fico pensando, acho que se eu tivesse o mesmo acolhimento eu não estaria passando por isso. (Erasmus)

Penso se ele, no momento da entrevista, não estaria identificando a necessidade de alguma forma de acolhimento, de ajuda, de terceiros que pudessem lhe ajudar com este cuidado necessário na vida. Talvez esta identificação seja o primeiro passo para se chegar aonde chegaram Cássia, Milton e Pitty, por exemplo, que quando mais velhos buscaram ajuda profissional e percebem seus benefícios. Aliás, poderia ser benéfico se, já na adolescência, os jovens enlutados buscassem pela psicoterapia.

5.8 A impossibilidade de uma superação do luto

Entre os quatro participantes que na entrevista já eram adultos, mas vivenciaram a morte de alguém afetivamente importante para eles durante a adolescência, surge algo compartilhado: a conclusão deles é que não há como superar o luto, tendo aqui a palavra superar seu sentido literal de vencer algo, se curar, “deixar para trás”. Este é um constituinte importante para a nossa pesquisa, visto que contradiz alguns conceitos teóricos e acadêmicos que configuram o luto como patológico caso passe de um tempo específico.

Apesar da intensidade do luto se transformar ao longo dos anos, bem como os próprios sentimentos advindos dele, nossa pesquisa mostrou que o luto, em si, não acaba nunca, justamente pelo aspecto irreversível da morte, mas o que percebemos é que se cria uma nova relação entre o enlutado e seu próprio luto, sendo que esta relação também se transfigura com o passar do tempo. Mas acredito que neste momento, quem melhor explica isso através de suas próprias vivências, são nossos quatro entrevistados, todos em diferentes momentos da vida e de seus lutos, mas com relatos parecidos.

Eu fiquei muito revoltada por um tempo, mas conforme foi passando o tempo eu fui aprendendo a lidar com isso. A gente nunca supera, mas a gente aprende a lidar. (...) Até hoje eu sinto muita falta, é uma coisa que só aumenta, mas é uma coisa que eu já aprendi a lidar, de certa forma. (Beth)

Faz dez anos... Bastante tempo, mas nem parece. Porque ainda é forte, apesar de eu lidar diferente, é muito forte pra (sic) mim. (...) Foi uma experiência que me marcou mesmo, marcou quem eu sou, a minha construção. (Cássia)

Às vezes as pessoas me falam “nossa, você não superou ainda, sua irmã morreu há não sei quantos anos”, esse tipo de coisa não adianta porque cada um percebe o fenômeno de uma forma. Eu nunca vou poder julgar a dor de uma pessoa. (...) Foi uma coisa que me marcou muito mesmo, eu tenho as imagens fortes até hoje da morte da minha irmã, da relação que eu tinha com ela. (Milton)

Parece que pouco a pouco, ano a ano, a ficha vai caindo mais ainda, esse ano faz cinco anos e eu achei que em cinco anos eu estaria muito melhor que antes, mas não, é uma coisa que a cada ano que passa que ela piora um pouco. (...) O que a gente aprende é acostumar com a saudade e com a dor, só que a dor nunca sai daqui, vai muito além de dor física, só que você aprende a conviver com ela e ela acaba fazendo parte do seu dia. (Pitty)

O luto é o que fica após a morte de alguém que se ama, mas quanto tempo ele irá durar, como ele será, quais aspectos e sentimentos surgirão dele, se um dia ele deixará de existir, essas são perguntas sem respostas prontas. O luto, quando acontece, surge como uma nova relação. O luto é a própria nova relação que se cria com a pessoa que se foi, com o que fica dela, e essa relação irá se transformar ao longo do tempo, como ondas que frequentemente alteram sua intensidade, às vezes invadem as praias e estragam cadeiras, acessórios e fazem as pessoas voltarem para suas casas, mas às vezes são tão calmas que conseguimos nadar no mar com fluidez, paciência e até prazer e alegria. Superar o luto seria possível apenas através do esquecimento, da absoluta falta de lembranças com a pessoa amada e, portanto... Não há como dizer que o luto tem cura, se não há o que ser curado.

É possível pensar então, que não há uma relação de causa e efeito, não há um motivo específico e único que leve os adolescentes a escolher lidar com seu luto sozinhos. Franco (2011) diz que “buscar uniformidade no significado e na experiência de morte e luto, não só no caso brasileiro, incorreria perder uma larga riqueza multicultural, impressa por valores, crenças e práticas” (p. 111). Esta citação de Franco fez com que eu me voltasse para mim mesma, pois confesso que cá estava eu, buscando artigos que pudessem explicar por que os adolescentes escolhiam não falar sobre seus lutos, sendo que eles mesmos, através de seus discursos, estavam nos dizendo como percebiam essa escolha, cada um à sua maneira. Tentei buscar uma lógica que compreendesse e abarcasse o silêncio de um enlutado, perpassando por ideais do capitalismo, da individualidade na modernidade, entre outras possíveis explicações. Claro que todas essas questões podem estar relacionadas, mas também pode ser que não, e de qualquer forma, jamais seria possível reduzir a multiplicidade de vivências dos nossos entrevistados a tais questões sociais.

O que há em comum, de fato, é que os entrevistados adultos falam de um “prejuízo a longo prazo” que lhes ocorreu por não falarem sobre seu luto enquanto adolescentes. Todos relatam danos à própria saúde mental, de uma dor que, eventualmente, os alcança, principalmente Milton, um dos únicos entrevistados que relata de fato não ter encontrado espaço onde pudesse falar sobre seu sofrimento. Mas essa escolha que eles fazem durante a adolescência, de agirem como pessoas “fortes”, não se mostra, como diz Cássia, como uma escolha tão deliberada, sendo na verdade, apenas uma das possibilidades que se mostravam em seu horizonte. Tanto ela quanto Pitty relatam que a família demonstrava apoio dessa forma, dizendo às meninas o quão fortes elas eram e precisavam ser naquele momento e, talvez por hábito, tendemos a considerar que ser forte é suportar nossas dores sozinhos, calados, escondendo nossas vulnerabilidades de olhos alheios.

Esta é apenas uma das questões que fez com que levássemos em demasiada a consideração de uma afirmação de nossa entrevistada Cássia: “*acho que a situação interferiu mais na idade do que a idade interferiu na situação*”.

Como colocado no capítulo *Sobre a adolescência*, encontramos diversos estudos que reforçavam o ser-adolescente como ser-em-crise, com características de uma fase turbulenta e confusa. É típico do nosso pensamento adulto e por vezes até cientificista, pensar que o adolescente não possui repertório emocional para lidar com uma situação difícil e, além disso, que seria uma fase naturalmente de crises, fazendo com que um acontecimento emocionalmente difícil, como perder alguém que se ama, seja agravante. Porém, nossos entrevistados nos

mostram que não há muito fundamento que embase uma crença como esta, ao menos não de forma determinista.

Além da postura de “pessoa forte” que a maioria optou por adotar no momento de luto agudo, grande parte dos nossos entrevistados relataram ter tido de adquirir mais responsabilidade sobre algumas questões. Gilberto passou a trabalhar após a morte do avô; Erasmo se viu mais responsável por si mesmo e pelo irmão mais novo; Cássia, Beth e Pitty passaram a cuidar mais da casa, bem como Raul, que aos 18 anos, também precisou lidar com inventários e terra; Jorge decidiu parar de brigar; Milton se viu “entre a cruz e a espada”, como diria o senso comum, estando em sofrimento agudo, mas também em um momento em que a família passou a lhe exigir mais responsabilidade; Cássia e Beth focaram no vestibular. Todos eles relatam sofrimento a partir de seus lutos, mas não há como determinar que o fato de serem adolescentes influenciou diretamente na forma como esse sofrimento foi vivenciado, e muito menos que o fato de serem adolescentes fez com que eles vivenciassem seu luto por meio de crises e rupturas. O que podemos ver com mais clareza, na verdade, é que a forma como perder alguém que se ama influencia na forma como se vive a adolescência.

Mas há, inclusive, até mesmo um possível questionamento do que seria vivenciar a adolescência. O que nosso horizonte histórico coloca como forte possibilidade, ao determinar a adolescência em um lugar de bagunça, crises e rebeldia, é que ser-adolescente seja isto: aprontar. E o que alguns de nossos entrevistados colocam é que a experiência de luto fez, na verdade, com que precisassem ocupar um lugar de maior seriedade diante de suas vidas. Mas, não coincidentemente, estes são aqueles que perderam alguém que preenchiam um lugar de cuidado para com eles. Todos falaram sobre sentir que precisaram “amadurecer” mais rapidamente, antes do que seria esperado. Pois já que estavam sem aquela pessoa, precisaram sozinhos decidir o que seria melhor para si e se responsabilizarem por suas escolhas, o que torna mais difícil que a adolescência possa ser **apenas** isso: uma fase de experimentações sem grandes compromissos.

Beth, por exemplo, diz em seu relato que até os dias atuais algumas pessoas a consideram “séria demais” para a idade que possui. Ela diz: “aconteceu e eu tive que lidar com isso no momento que aconteceu, então eu acho que me ajudou a crescer, eu tive que criar mais responsabilidades”. E Cássia, que por um tempo antes de a mãe falecer, precisou cuidar dela, e relata que quis assumir o controle de algumas coisas, o que a fez se colocar com mais responsabilidade, perdendo, segundo ela, o “aprontar” da adolescência. O que é interessante aqui, é que Beth e Cássia, por exemplo, relatam que já não fazia parte de suas vidas este “aprontar” sem desmedida, mas as próprias entrevistadas colocam isso como algo exaltado após

a morte das mães, visto que é o que a sociedade coloca como resposta possível. Ou seja, a sociedade espera que o adolescente apronte, e as meninas falam como se tivessem parado de aprontar após a morte das mães, mesmo não sendo pessoas que aprontavam antes disso.

Resgatando novamente o que trouxemos no capítulo *Sobre a adolescência*, este período da vida, mais que qualquer outro, é visto como uma fase de transição, o que muitas vezes faz com que não validemos alguns sentimentos, pensamentos e crenças dos adolescentes, principalmente quando dizem de seus sofrimentos, que comumente são vistos como algo passageiro, que ao amadurecermos, simplesmente passam. Contudo, ouvindo nossos entrevistados adultos, vemos o quanto uma experiência de luto deixa claro que a adolescência não é apenas uma fase de transição. Todos eles relatam não apenas não ter esquecido seu sofrimento pelo luto, como de, na verdade, tê-lo sentido de forma ainda mais aguda alguns anos depois, já no período adulto.

A vivência de perder alguém que se ama durante a adolescência, portanto, deixa muito claro que aquilo que vivenciamos neste período da vida não fica apenas “para trás”, mas sim, segue sendo parte intrínseca do mesmo ser-aí. São como fios em nosso tear. Podem ser os primeiros fios, aqueles que dão início à obra que se constrói, mas eles seguem lá quando ela começa a tomar mais forma e a crescer através de outros fios. Adicionar fios ao nosso tear não faz com que os outros já entrelaçados desapareçam.

Tendemos a associar também que, sendo o adolescente teoricamente um ser-em-formação, que vivenciar uma dor como a de perder alguém que se ama seria prejudicial a esta formação. Que romperia com aquela linha reta que traçamos em nossa mente para representar a existência, e que na verdade não passa de uma ilusão humana para tentar simplificar a vida. O luto, então, atrapalharia esta formação? Retardaria a entrada do adolescente na fase adulta? Complicaria sua vivência de aprendiz de ser-adulto? Como um erro que acontece em meio à fabricação de um produto? Não é isto que mostram os nossos entrevistados. O que vemos, na verdade, são seres-aí buscando conciliar a dor do luto com aquilo que continua se apresentando na vida que segue acontecendo apesar da dor, como seria em qualquer período da vida. Uma possível diferença é apenas que os elementos que se apresentam nesta vida que segue podem ser diferentes dos elementos que se apresentam em outras idades.

Como exemplo, vemos Cássia e Beth tentando adaptar a dor do luto por suas mães à fase de vestibulares e preocupação com a faculdade. Vemos Gilberto se perguntar como continuar investindo na carreira de jogador de futebol sem a presença do avô. Vemos Erasmo, Milton e Pitty relatar sobre a vivência escolar que continua acontecendo mesmo enquanto sofrem. Vemos Jorge se preocupando com os *rolês*, e como estes seriam sem a presença de dois

amigos queridos. Como poderíamos pensar, por exemplo, em um adulto buscando conciliar sua dor pela perda de alguém com o trabalho que não para, como inclusive faz Raul, aos 18 anos.

Tendo tudo isso em mente, não há como não se deparar com a ideia de como a morte de alguém que amamos se torna algo absurdamente pessoal. Aqui, não utilizo estas palavras à toa. Utilizo a palavra absurdamente, pois a ideia da morte de uma pessoa de nosso convívio, de alguém que se entrelaça com nossos afetos, com nossa existência, se torna isto: um absurdo. E pessoal, pois como diria Heidegger (2001), através da morte do outro nós vivenciamos um pouco de nossa própria morte, o que possibilita repensarmos toda nossa existência e estar ainda mais próximos dela.

O nosso afastamento ante a nossa condição de seres finitos faz com que seja quase absurda a ideia de assimilar a ausência de alguém que faz parte de nossas vidas, sem chance de retorno. Principalmente no que diz respeito às **mortes repentinas**. É possível fazer uma diferenciação no que concerne à idade do falecido e no motivo da morte, mas o que os nossos entrevistados mostram é: Gilberto e Erasmo perdem o avô, já idoso, por uma parada cardíaca, e sentem o choque da ausência tanto quanto Jorge, que perde dois amigos jovens, um para um assassinato e outro para um acidente de moto. Nessa questão, me lembro de minha experiência pessoal, quando ao perder dois amigos, um aos 15 anos e outro aos 22, costumava dizer que se os visse andando pela rua, isso não me assustaria, tal era o tamanho do absurdo pensar na credibilidade de suas mortes.

No capítulo *Sobre a Morte*, discorri sobre como nos afastamos da morte ao longo dos tempos, seja por medo, por repulsa, ou até mesmo indignação. É comum que não pensemos em nossa própria morte ou das pessoas que amamos. Neste mesmo capítulo, busquei mostrar como esse afastamento ocorre tanto pela falta quanto pelo excesso. Ou seja, tanto por não falarmos ou pensarmos sobre ela, quanto pela sua espetacularização. Ambos nos trazem a ideia de que a morte está distante de nós, de nossa realidade.

Isso se mostra nos relatos de nossos entrevistados, que demonstram a sensação de choque, não apenas por perderem alguém que amavam, mas pela ideia da morte em si. A maioria fala sobre “não cair a ficha”. Me lembro que essa foi uma sensação muito presente para mim, tanto quanto perdi um amigo aos 15 anos, vítima de um acidente, quanto ao perder outro amigo, já aos 22 anos, ingressa no mestrado, estudando sobre a morte e o luto. Porém, ao perder meu avô, a sensação foi diferente: não houve choque, apenas uma grande tristeza. Isto não porque meu avô era idoso, mas porque estava doente há muito tempo. Há anos sofria cada vez mais com o Alzheimer e o Parkinson.

Nos relatos dos nossos entrevistados também presenciamos a diferença desta sensação de choque pelas mortes repentinas. Nossa única entrevistada que não cita tal sentimento é Cássia, que presencia a mãe doente pelo câncer por um ano, cuidando da mesma. Já os outros, até mesmo Erasmo e Gilberto, que perderam o avô, demonstram dificuldade em acreditar na morte do ente querido. Ou seja, a diferenciação aqui se dá não pela idade do falecido, mas pela forma como morreram, inesperadamente.

É claro que, pensando humanamente, é perfeitamente comum que não esperemos a morte de alguém que amamos. Mas, se somos seres mortais, seres-para-morte como diria Heidegger, por que não levamos em consideração a **possibilidade**? Quando a morte passou a este lugar de tabu, quando ela perde sua naturalidade? E aqui não digo de uma naturalidade que diz que devemos ser passivos e aceitar todas as mortes de bom grado. Compreendo a importância de debatermos sobre mortes que acontecem a partir de violências sociais, por exemplo, como do amigo de Jorge, que morre vítima de assassinato por arma de fogo após uma briga. Nesses casos, entendo que a morte passa a um lugar de banalidade, e essa não é minha intenção. Minha intenção é refletir sobre nossa finitude. Aquilo que nos faz morrer: o simples fato de sermos mortais, como diria Bauman (1998), “a causa de todas as causas” (p. 194).

Isso também não quer dizer que não deveríamos ficar tristes, até mesmo inconformados, com a morte de alguém que amamos. Afinal, é desolador pensar em não se ter mais presente uma pessoa tão importante, mas o choque, a incredibilidade, são frutos do nosso afastamento, do “por que comigo, com esse ser que amo?”. Esquecemos que morremos porque somos mortais, porque nos esquecemos de nossa mortalidade.

O que é algo que falamos também sobre a mediação da morte. As mortes que passam em notícias, em telejornais, e que são sempre a morte do outro, aquele outro bem distante de mim, que eu não conheço, e que eu automaticamente, ou de modo impróprio, como diria Heidegger (2001), passo a justificar sua morte, de uma forma ou de outra, em uma tentativa de me convencer de que não acontecerá comigo.

A questão é que quanto mais nos afastamos da morte, mais também nos afastamos da **vida** em si. Visto que a nossa finitude é o fio mais grosso de nosso crochê, é aquilo que nos tece, é o que nasce conosco e se mantém até o último suspiro, é o fio do qual não há para onde correr, se esconder, não há como queimar, retirar da costura. Se fôssemos um prédio, por exemplo, nossa finitude seria a base sem a qual não há construção.

Contudo, nos tornamos máquinas profissionais em fingir sua imortalidade, como diria Bauman (1998) e, sendo assim, não costumamos admitir nossa finitude nem para nós mesmos. Porém, quando alguém que amamos morre, não há muito mais para onde fugir. Quando alguém

que amamos morre, somos abalados pela morte em um nível pessoal. Somos envolvidos pela tristeza. Nos deparamos com um **fim** muito palpável, muito real. Topamos sem armaduras com a finitude da vida, pois algo em nosso tear mudará para sempre. Alguém com quem costumávamos conviver, conversar, rir, planejar, brigar, não está mais aqui, não podemos mais fazer todas essas coisas com aquela pessoa, tudo o que podemos fazer é **lembrar** daquilo que já foi feito. Isso me parece um fato difícil de ignorar, de levar em um nível superficial de pensamento. Não. Somos profundamente afetados.

Nada deixa mais evidente a finitude da vida que estar em luto por alguém que se ama. Inclusive porque quando alguém com quem convivemos morre, é habitual que participemos dos rituais que estão envolvidos na morte: o velório, o enterro, ou uma missa de sétimo dia, a depender da religião dos envolvidos. Estes rituais também costumam deixar a morte bem evidente diante de nós e, apesar de ser comum ouvirmos pessoas dizendo que não gostam de participar de funerais, presenciamos também o oposto: a complexidade para aqueles que não participam dos rituais de alguém que amam, como Pitty, que por estar internada, não pôde participar do velório da mãe. O fato gerou sentimentos contraditórios na entrevistada, pois ela relata ter se sentido culpada em não estar junto à família naquele momento, mas que, por um outro lado, se alegra em lembrar da mãe apenas através de seu corpo vivo, apesar de, justamente por isso, ter tido dificuldade em acreditar na concretude de sua morte.

Heidegger (2001) diz que vivenciamos a nossa própria morte a partir da morte do outro, como mencionado, visto que, quando de fato morreremos, não teremos mais consciência para pensar sobre isso. Nunca de fato vivenciamos nossa própria morte, já que para vivenciar algo é preciso vida, e a morte é seu total oposto no sentido biológico. Sendo assim, vivenciar a morte de alguém que amamos, de alguém com quem convivemos, com quem somos-no-mundo, pode fazer com que a gente passe a refletir sobre a nossa própria morte, e conseqüentemente sobre a nossa própria vida. Gilberto é um exemplo claro: o futebol, que costumava ser uma atividade rotineira, automática, que o menino não se questionava se continuaria jogando ou não, não havia mais tamanha reflexão, passa a ocupar outro lugar após a morte do avô. A ausência daquele que era seu grande apoiador faz com que Gilberto retorne à reflexão, se questione sobre o papel do futebol em sua vida, se faz sentido para ele seguir com a carreira.

Além disso, podemos ponderar sobre a possibilidade de que outros entes morram, e assim refletirmos sobre as nossas relações e a forma com que nos relacionamos. Os nossos entrevistados mostram isso claramente a partir de seus relatos. Beth e Raul, por exemplo, relatam que a morte de seus entes queridos fez com que os jovens passassem a querer valorizar mais o **tempo** que eles ainda possuem com outras pessoas que amam, que ainda estão vivas.

Além disso, Raul demonstra também o desejo de valorizar mais a **própria vida**, refletindo sobre a forma como vive seus dias. Jorge, que perdeu um amigo vítima de assassinato, passa a refletir sobre o seu próprio estilo de vida, muito parecido com o do amigo na época, sendo comum acabar em brigas. Após a morte do amigo, Jorge se depara com a possibilidade de sua **própria morte**, já que ele fazia coisas que o amigo também fazia, e a morte do amigo foi justamente a partir de uma briga. A partir de então, Jorge decide não brigar mais.

Porém, quando nos deparamos com a possibilidade de nossa morte, não são apenas reflexões profundas e positivas que podem surgir. Pode ser ressaltado também o **medo** e a **culpa**. A culpa por não ter “valorizado como deveria” o tempo que se tinha com a pessoa, enquanto ainda estava viva e que agora não voltará mais. O medo de perder outras pessoas que se ama, o medo da própria morte, do que será depois, como será. Cássia, por exemplo, relata não apenas a culpa por sentir que poderia ter aproveitado mais o tempo com a mãe, mas também o medo de perder outros entes queridos, como o pai e a irmã, e o medo da própria morte. Assim como Jorge.

Sendo assim, o que não podemos negar é que perder alguém que amamos nos arranca brutalmente da nossa falsa sensação de imortalidade do cotidiano. Nos deparamos com a verdadeira brevidade da vida, e não apenas isso, mas também sua exorbitante aleatoriedade. Descobrimos com espanto que não são apenas idosos ou jovens desconhecidos que morrem. Os nossos também se vão. E nós também iremos. Qualquer sensação de controle se esvai como fumaça.

Em momentos como este, costumamos buscar no mundo algo que nos traga algum eixo, em uma forma de autocuidado, para que não nos sintamos tão desamparados, tão soltos no mundo, como já somos ontologicamente. De acordo com Heidegger (2001), o Cuidado ou *Sorge* é a estrutura totalizante do ser-aí, é através dele que nos relacionamos com o mundo, com os objetos, com os outros seres-aí. Heidegger diz que somos sempre Cuidado, pois estamos sempre em relação com aquilo que vem ao nosso encontro no mundo, sejam outros seres-aí, sejam entes. Visto que a psicoterapia se dá pelo encontro, por exemplo, ela também é uma modalidade de cuidado. Se, para Heidegger, ser-no-mundo é sempre um ser-com, então o ser é cuidado essencialmente.

O que podemos ver com nossos entrevistados, portanto, é que eles comumente se ocupam de algumas coisas do mundo para lidar não apenas com a dor do luto, mas também as possíveis contemplanções que surgem em relação à própria vida. As duas principais formas encontradas nos seus relatos são a religião e a psicoterapia. O interessante é que, mesmo com os entrevistados que se ocupam da religião, por exemplo, além da diferença entre as religiões,

cada um o faz de uma maneira singular. Cássia se sentiu confortada pelo Espiritismo, logo após o falecimento da mãe. Jorge conta que, antes do amigo de fato falecer, quando estava internado, se ocupava com as orações que podia fazer por ele. Gilberto se deleita no pensamento de que Deus sabe de todas as coisas, e que se o avô faleceu foi porque era sua hora, planejada por Deus.

Outro conforto que as religiões costumam trazer diante da morte é que através delas podemos pensar que a morte não é um fim absoluto, mas apenas uma passagem para outro plano existencial. Como quando Raul diz que se sente mais forte rezando todos os dias, e que sabe que um dia irá reencontrar os pais. Neste sentido, a religião pode ser também uma forma de lidar com a angústia ante o saber que o Ser-aí não é agarrado a nada, que nada o determina a não ser seu caráter enquanto poder-ser e os sentidos que atribui a si e ao seu mundo. As diversas religiões podem auxiliar na produção de tais sentidos, que podem ser validados e assumidos, ou não. Mas que são, essencialmente, uma forma de sentir que estamos amparados por algo ou alguém superior à vida mundana.

Uma outra forma significativa de dar vazão ao seu sofrimento diante do luto por alguém que se ama foi a psicoterapia. Cássia diz que, apesar de se orgulhar do papel de pessoa forte que ocupou quando a mãe faleceu, eventualmente percebeu que essa forma de estar no mundo estava lhe trazendo sofrimento. Através da psicoterapia, Cássia passou a demonstrar seu sofrimento, chorando, sentindo sua tristeza, conseguindo dar vazão àquilo que sentia, permitindo até mesmo que passasse a se lembrar da mãe mais com saudade do que com culpa pelo que deixou de fazer por ela. Antes da psicoterapia, Cássia menciona que não conseguia falar sobre a mãe.

Quem compartilhou algo parecido foi Milton, que relatou muitas questões psicológicas após a morte da irmã, e que só através da terapia passou a dar um outro sentido, tendo “condições de voltar a viver normalmente” (palavras do entrevistado). Bem como Pitty, que relata ter aprendido na terapia que não deve guardar seu sofrimento para si e que pode pedir ajuda quando precisa, pois o tanto que guardou lhe traz consequências até hoje, conforme afirma. E podemos ver como isso faz falta por vezes, quando Erasmo relata que a falta de conversa atrapalha muito em seu dia a dia, pois vez ou outra gostaria de falar com alguém sobre sua dor e não encontra retorno.

Michel e Freitas (2021), em uma pesquisa sobre como mães enlutadas por seus filhos vivenciaram o seu processo terapêutico, chegaram a uma conclusão importante e muito parecida com o que relatam nossos entrevistados:

A possibilidade de expressar sofrimento, fraqueza e desânimo também revela a abertura encontrada por elas na psicoterapia, permitindo que se sentissem livres, sem a cobrança por uma melhora ou por uma superação da condição de enlutadas. Essa postura propiciou o desvelar de novos sentidos e possibilidades, percebido por elas como algo positivo. (Michel & Freitas, 2012, p. 12)

Mas além deste autocuidado que encontramos nas coisas do mundo, é essencial pensarmos em como podemos reencontrar o conforto do grupo, das relações com os outros seres-aí que habitam em nossa convivência. A maioria dos relatos falam de um apoio confortante vindo dos amigos. É possível pensar na possibilidade de que, em nosso horizonte histórico, como falei no capítulo *Sobre a adolescência*, os adolescentes podem encontrar maior conforto estando em meio a outros adolescentes, visto que no meio adulto muitas vezes encontram julgamentos sobre suas dores. A rede de apoio familiar surge como algo “agridoce”: há muito apoio principalmente no que diz respeito às funções necessárias do dia a dia, como cuidar da casa, fazer refeições, entre outros, mas encontram também certo julgamento e, às vezes, superproteção. Outro ponto interessante é o que diz Raul sobre as mensagens recebidas no celular, através de redes sociais como o *Whatsapp*, que ele não sentiu como verdadeiro apoio, mas sim como palavras vãs, distantes.

No filme *A Garota Ideal* (Gillespie, 2007), podemos perceber uma questão muito forte com o grupo e o apoio sem julgamentos. Lars, que idealiza em uma boneca uma mulher real, tendo um relacionamento com ela, causa nas pessoas da comunidade um certo choque, percebido por alguns como “louco”, porém eventualmente a própria comunidade decide se unir e se adaptar à nova realidade de Lars, tratando a boneca como se ela fosse, de fato, alguém real. Até que ela fica “doente” e Lars se mostra muito entristecido. Neste momento vemos uma cena belíssima, onde três senhoras da comunidade vão fazer companhia ao Lars, levando-lhe comida e apenas **estando** ali com ele. Então elas dizem “Nós viemos lhe fazer companhia. É isso que as pessoas fazem em uma tragédia. Elas se fazem companhia”. Lembro-me de me emocionar com essa cena, não apenas pela sensibilidade das senhoras da comunidade de entrarem na fantasia de Lars, mas também pela valorização de um “simples” ato como apenas estar junto em um momento de tristeza, não tentando fazer com que Lars se alegrasse, aniquilasse sua tristeza, mas suportando seu sofrimento **junto** a ele. Em um momento de luto, não há nada que possamos fazer para reverter o sofrimento da pessoa enlutada, mas tentamos. Tentamos dizer coisas que pensamos que podem fazer a pessoa se sentir melhor, tentamos mudar de assunto, falar de outras coisas, de coisas alegres. Tudo isso em uma dificuldade tremenda de fazer o que essas três senhoras fazem por Lars: **suportar o sofrimento do outro junto a ele**. Algo que

agora, de acordo com Vaccaro (2021) podemos encontrar também no ambiente virtual, visto que nosso horizonte histórico oferece tal possibilidade.

Algo interessante da vivência do luto pelo adolescente, é que a maioria dos nossos entrevistados relatam que esse tipo de apoio, da simples presença, veio dos amigos. Entendo que, tratando-se de adolescentes, tendemos a pensar que seja “natural” da fase que eles queiram se separar dos adultos e viver apenas ali, entre eles, entre amigos. Mas gosto de pensar que nada nessa vida, fenomenologicamente falando, é total e simplesmente “natural”. No capítulo *Sobre a adolescência* falei muito sobre como os adultos tendem a tratar os adolescentes com julgamentos ou desvalorização do sofrimento. Penso, portanto, que este agrupamento que os adolescentes fazem entre si se dá justamente por uma compreensão mútua. Pode haver julgamentos entre eles, claro, não há como garantir que não haverá, mas é muito mais comum encontrarmos adolescentes que se sintam mais compreendidos por aqueles em um período parecido com o seu. Tanto que, quando os entrevistados falam do apoio recebido da família, esse apoio tendeu a parecer um tanto quanto contraditório. A família foi muito importante para ajudar com as coisas práticas, da casa, do dia a dia. Quem nos relata isso é Beth, Cássia e Pitty, as meninas que perderam as mães.

É importante ressaltar que não há regras em como a família age ou deixa de agir. Mas é interessante a percepção de que, sendo alguém da família que se vai, não há apenas o luto das meninas, mas o próprio luto da família, e isso se mostra de diferentes maneiras. Por exemplo, Beth e Cássia relatam uma aproximação grande com as irmãs após a morte da mãe, apesar de terem de lidar também com o luto delas. Já Raul relata o oposto, que ele e o irmão, que já não eram tão próximos, de início até se unem, mas acabam por se afastar novamente sem os pais para uni-los. E Pitty, por exemplo, relata que a família foi muito importante em um momento em que precisavam de ajuda com a casa, com as funções da casa, mas que eles também cerceavam muito seu sofrimento, não deixando que ela demonstrasse seu luto perto da avó, pois de acordo com eles era mais sofrido perder uma filha que a mãe.

Milton, que perde a irmã mais velha, fala de como foi complicado viver com os pais, também enlutados. Tendo perdido uma filha em um acidente, os pais de Milton passam a ser superprotetores com ele, e o garoto entende isso como algo que o deixou mais ansioso, mais amedrontado da vida. Os pais resolvem mudar de cidade após o falecimento da filha, por ser muito dolorosa a visão de seu quarto vazio, e com os pais trabalhando, Milton se sentia muito solitário. Esta é uma vivência comum aos meninos, na verdade. Erasmo também relata solidão, explicada por ele como algo que surge a partir da atenção que davam mais ao irmão mais novo.

Mas Gilberto também relata não se apoiar em ninguém, sendo, de acordo com ele, por escolha própria, por não querer.

Podemos pensar se não poderia ser também uma questão de gênero, relacionada à masculinidade. Todos os entrevistados do gênero masculino são meninos cis heterossexuais, ensinados pela sociedade que devem ser fortes, e que se for para sofrer, que sofram calados, sem demonstrar sua vulnerabilidade a ninguém. Já as meninas, por mais que também tenham relatado sua postura em se manter forte na época do luto mais agudo, quando recebem este apoio conseguem de fato, **recebê-lo**.

Outra questão interessante, e que não podemos deixar de abordar em um estudo sobre o luto na nossa época, no nosso horizonte histórico, atravessado pelo uso constante e regente das redes sociais. É o que nos traz Raul, quando diz que recebeu muitas mensagens via *Whatsapp*, mas que poucos foram até sua casa, lhe dar um abraço, levar comida. Raul não considera essas mensagens como um apoio real, mas como algo muito superficial, que não foi relevante como foram os abraços que recebeu pessoalmente. Porém, atualmente, é muito comum vermos o compartilhamento da dor do luto através das redes sociais.

Primeiro, é essencial diferenciarmos algumas questões: assim que perdemos alguém que amamos, muitas pessoas enviam mensagens. O que antes, em uma época sem redes sociais, seria uma ida à casa do enlutado, com comida em mãos, hoje se torna uma mensagem escrita em um minuto, enviada em um segundo, e sem necessariamente uma continuidade na conversa. Mas por um outro lado, a grande maioria dos enlutados da atualidade encontram certo conforto em compartilhar nas redes sociais o seu sentimento de luto. Compartilhando fotos com aqueles que perderam, escrevendo legendas que expressam sua dor, seu pesar (Vaccaro, 2021). E isso pode ser, de certa forma, reconfortante também, encontrar esta rede de apoio através das redes sociais. Vaccaro (2021), nos mostra que, quando o próprio enlutado escolhe compartilhar sobre seu luto em suas redes sociais, ele pode sim encontrar um acolhimento grupal.

(...) Os/as entrevistados/as encontraram no ambiente virtual uma forma de transcender as barreiras do tempo e do espaço que se apresentam de maneira tão imperiosa no mundo *offline*. Isso porque, na internet, não só obtiveram o reconhecimento que necessitavam, mas o obtiveram de maneira imediata e por parte de pessoas que sofreram perdas semelhantes às suas e que, muitas vezes, se encontram em locais geograficamente distantes. Ambos fatores contribuíram significativamente para que o ambiente virtual passasse a ser visto e escolhido pelos/as enlutados/as como um *lócus* privilegiado para a vivência do luto, o que possibilitou o surgimento de uma nova forma de expressão do luto na contemporaneidade, agora não mais restrita ao ambiente doméstico e familiar, mas compartilhada publicamente nos dispositivos digitais. (Vaccaro, 2021, pp. 121-122)

Heidegger (2001) diz que o ser-aí está lançado sempre em um horizonte histórico que já é dado. E não há como negar que as tecnologias e a internet são dominantes no nosso horizonte histórico atual.

Desse modo, quando investigamos a forma como uma pessoa vivencia seu luto, por exemplo, temos acesso não só a sua vivência singular, particular, idiossincrática, mas também e, simultaneamente, aos valores sociais e culturais que podem estar envolvidos na vivência do luto em uma determinada época. (Vaccaro, 2021, p. 64)

E a nossa época, mais uma vez, não há como negar, é a época das redes sociais.

Porém, todo este autocuidado e a rede de apoio que encontramos no outro, apesar de terem uma grande potência de apaziguar a angústia e a dor de perder alguém que amamos, não faz, de modo algum, com que deixemos de nos **enlutar**. Pois a partir desta morte, perdemos tantas outras coisas e espaços que jamais nos retornarão.

Se, como dito anteriormente, faz parte da nossa constituição enquanto seres-no-mundo o fato de que somos ser-com, de estarmos em constante relação com os outros seres-do-mundo, faz com que a gente constitua laços. Ou seja, se nos lançamos ao futuro, nos lançamos com os outros seres-aí com os quais nos relacionamos, e não sozinhos. O que muitas vezes não consideramos, é a possibilidade de um desses seres-aí morrer antes que este futuro planejado ou imaginado se concretize.

As adolescentes que perderam as mães, Pitty, Cássia e Beth, falam, por exemplo, da faculdade. De como gostariam e imaginaram que, quando estivessem na faculdade, teriam a companhia da mãe, seus conselhos, seu apoio, e que isso foi perdido quando as mães faleceram, deixou de existir a possibilidade de concretização desta imaginação. Mas é importante ressaltar que isso não é uma regra. Entende-se que se as meninas sentiram falta deste cuidado das mães, é provável que era assim que se constituía a relação entre elas, então.

Pitty, que na época de sua entrevista ainda não havia se formado na faculdade, disse, por exemplo, que ficava imaginando sua formatura, onde veria as colegas acompanhadas das mães, mas que a sua não estaria lá, algo que ela jamais havia imaginado que poderia acontecer, estar em sua formatura sem a presença da mãe. r

Erasmus e Gilberto falaram também da perda deste apoio e cuidado que imaginavam que teriam do avô. Erasmus ressaltou que estava em um período de tomada de decisões, finalizando a escola, e que imaginou que teria neste breve futuro a companhia e a ajuda do avô. Já Gilberto, como citado anteriormente, pensou em não jogar mais futebol, pois imaginou um futuro no

esporte no qual o avô estaria junto para apoiá-lo, levá-lo às viagens necessárias para jogos, entre outras possibilidades.

Vemos através do relato de Gilberto que algumas dessas possibilidades só aparecem para nós como tais justamente através de uma relação específica. O menino não se via jogando futebol sem o avô, e precisou do apoio de outras – novas – pessoas, para não parar de jogar, pois sem o avô, ser jogador já não parecia mais possível. Isso mostra também que, quando perdemos alguém, não perdemos apenas o presente, mas precisamos também reinventar um futuro que estava planejado considerando que aquela pessoa estaria viva e conosco.

Muitas vezes, esta é a parte mais dolorosa. E esta é uma das razões pelas quais não é possível falarmos sobre uma cura do luto. Pois este futuro está constantemente acontecendo e precisando ser reinventado. Se um dia Pitty se casar, como ela expressa, mesmo 10 anos após a morte da mãe; se um dia Gilberto se tornar um jogador profissional 7 anos após a morte do avô; quando o ex-cunhado de Milton tem uma filha e coloca o nome de sua irmã, tantos anos após sua morte; quando Cássia se forma na faculdade alguns anos após a morte da mãe. Ou seja, mesmo anos e anos após a morte de um ente querido, algo pode acontecer e nos fazer lembrar daquela perda, muitas vezes de forma aguda e muito dolorosa.

Portanto, há também a perda de coisas que já existiam que eram específicas daquela relação. Uma forma específica de ser-no-mundo que se dá com o outro já não existe mais, a relação não pode mais ser vivenciada a não ser através de lembranças. É interessante perceber como aqueles que perderam figuras familiares possuem um sentimento em comum de se sentirem mais “soltos” no mundo, sem aquela figura que era de apoio. Não necessariamente isso acontece com toda e qualquer figura familiar, creio que tenha sido uma gratificante coincidência que todos os nossos entrevistados que perderam familiares tinham essa relação específica de muito apoio, cuidado e aconselhamentos.

Sendo assim, é utópico acreditar que a morte de alguém significa o desaparecimento daquela pessoa de nossas vidas. Para além de sua presente-ausência que segue através de lembranças, é muito comum que lidemos com aquela morte presentificando a pessoa de outras formas, já que seu corpo não está mais aqui. Nisso, os entrevistados mostram que a pessoa que perderam segue muito presente em outros formatos, como objetos que ficam, músicas que lembram, fotos, vídeos, e até mesmo hábitos e valores vitais que adquiriram através daquela relação específica. Tais coisas podem tanto aparecer como conforto, quanto como coisas doloridas. É a presença que fazemos mesmo na ausência, mas também a ausência que se mostra na presença.

Como colocado no capítulo *Sobre o luto*, quando alguém com quem nos relacionamos morre, não morre apenas a pessoa, mas também um modo de ser específico que tínhamos com ela. Morre um “nós” (Freitas, 2013). Por exemplo, se uma mãe perde um filho, que era filho único, morre junto a ele o modo dela de ser mãe. Ela segue sendo mãe, mas sem um filho para quem maternar. Aquela relação única e exclusiva entre mãe e filho não pode mais ser atualizada: de quem seguirá sendo mãe, se o filho não se faz mais presente? Ou até mesmo quando se perde um amigo, ainda que se tenha outros amigos, aquela relação era única, exclusiva entre dois seres-aí que se relacionavam de uma forma específica. O enlutado ainda pode ser amigo de outros seres-aí, mas nunca da forma como era com aquele que morreu.

Isso traz perdas referentes àquela relação. Tal como Erasmo, que diz de uma sensação de desamparo, principalmente por estar em uma fase de decisões para a vida, pois tinha com o avô uma relação de apoio, aconselhamento e cuidado. Pitty fala sobre uma solidão, pois tinha com a mãe uma relação de companhia constante, além de coisas de sua vida que compartilharia apenas com a mãe. Beth, por exemplo, cita essa especificidade quando diz que, apesar de seguir tendo o apoio da irmã e do pai com a faculdade, sentia falta do apoio que tinha especificamente da mãe. Há também a perda de uma rotina que se mantinha especificamente com aquela pessoa, como Jorge, que quase todos os dias estava com o amigo, que morava muito perto de sua casa. Erasmo, que sempre contava com o avô para responder seus questionamentos, para ir contar quando tirava uma nota alta, quando passava de ano, e assim receber seus parabéns. Gilberto via o avô todos os dias, sempre almoçava com ele, além de viajarem juntos com frequência. Milton lembra de ouvir música com a irmã, de chegar de uma luta e receber sua comemoração, entregar a medalha a ela, se permitir ser cuidado por ela. Pitty via sua mãe o tempo todo, tinham uma rotina diária de tomar café, almoçar, até trabalhavam juntas. Ou seja, toda uma rotina que se costumava ter com a pessoa, após sua morte, também desaparece.

Como diz a música “Naquela Mesa” de Nelson Gonçalves (1974), a presença de uma mesa lembra ao filho da ausência de seu pai, que nela costumava se sentar e contar histórias. Ou seja, um objeto do mundo, que segue presente, lembra ao filho do pai que faleceu. Sendo assim, é a ausência que se mostra na presença. Esse jogo entre presença-ausência é muito comum após a perda de alguém que amamos.

Atualmente isso se torna ainda mais significativo, com a tecnologia que temos: ficam muitas vezes fotos, vídeos, e até mesmo mensagens e áudios da pessoa que faleceu. Na música, Nelson fala de forma triste, que a presença dos objetos faz clara a ausência do pai e a saudade aperta. Mas muitas vezes, o que acontece também é que presentificamos a pessoa através desses objetos, justamente como forma de lidar com a sua ausência. Não só através de objetos na

verdade, mas também de hábitos, de coisas que seguimos fazendo na vida, que advém daquela relação, seja como forma de honrar a pessoa que se foi ou como forma de mantê-las conosco.

Como por exemplo Cássia, que diz que o curso de Psicologia escolhido no vestibular teve grande influência de sua mãe, além dos livros que ainda lê, dos filmes que ainda vê. E Erasmo que, para honrar o avô, quis ser para o irmão o que ele compreende que o avô era: seu porto seguro. O menino também fala em fazer uma tatuagem, eternizando a presença e a vida do avô em sua pele. E Raul, que diz que mesmo com os pais não estando mais aqui, tudo que ele faz ele pensa neles, a forma como age é em razão de não decepcionar os pais, mesmo não estando mais vivos.

Mas ainda que os objetos possam ter esse poder de nos lembrar da pessoa amada que se foi, seja de forma dolorosa, evocando saudade, seja de forma positiva, evocando aquela nostalgia gostosa, uma forma de lembrar, pode haver um “efeito contrário”. Jorge, por exemplo, em sua entrevista, me mostra fotos e áudios dos amigos falecidos no *Whatsapp*, e o faz de forma saudosa, sorrindo ao lembrar dos amigos e das coisas que faziam juntos. Mas diz que muitas vezes essas mesmas coisas são capazes de deixá-lo mais triste. Ouvir os áudios é gostoso, mas quando Jorge se depara com o fato de que se ele mandar uma nova mensagem o amigo não responderá, isso pode ser desolador.

Como forma de honrar a morte do avô, Gilberto escolhe, por exemplo, ficar com o caminhão dele, que não ficaria com eles através da herança, mas que o garoto fez questão de pedir ao pai que ficasse, sabendo não apenas o quão importante era o veículo para o avô, mas também pelas viagens que o próprio menino fez com ele naquele caminhão. O entrevistado diz que cuida com todo seu carinho do caminhão, lavando, deixando sempre limpo. Mas por um outro lado, fala das fotos, e do quanto fica mal quando as vê, pensando até mesmo em passá-las a um computador onde as veria menos do que onde estão, no celular.

Assim como Pitty e Raul. Pitty diz que quando ouve uma música que lhe lembra a mãe, se sente triste. Raul diz que se deparar com os objetos do pai e da mãe pela casa, depois que os dois já haviam falecido, lhe evocou o sentimento de intensa solidão. Por outro lado, como conforto, como forma de manter a pessoa presente, Milton diz que ainda ouve as músicas que ouvia com a irmã, justamente para sentir sua presença. Bem como Pitty, que usava alguns objetos da mãe e seguia lhe pedindo permissão, mesmo a mãe não estando mais ali fisicamente para ouvir.

Ou seja, fica claro com todos esses exemplos dos nossos entrevistados que a morte de alguém que amamos não apaga a relação, não faz com que ela deixe de existir de forma alguma. Então como seria possível falar em uma cura? Não é uma ferida que se cicatrizará, mas mais

parecido com como se nos passasse a faltar um membro: teremos de aprender a viver com aquela nova ausência para o resto de nossas vidas. O membro não voltará, mas também jamais nos esqueceremos de como era quando ainda o tínhamos. Mas é necessário dar um novo significado, um novo sentido, a essa nova relação, mediada através da falta da corporeidade do outro, uma relação que não podemos *atualizar*, mas que continua **existindo**. É possível pensarmos então, que o luto acontece através da lembrança, e com a projeção ao futuro em que se percebe a ausência da pessoa falecida. Mas enquanto lembramos daquele que se foi, seguiremos enlutados, mesmo que os sentimentos advindos deste luto não sejam sempre os mesmos, nem sejam sentidos sempre com a mesma intensidade.

Compreendemos que esta é uma pesquisa realizada com jovens brasileiros, cisgêneros, sendo que nenhum deles se enquadraria em uma situação econômica de extrema vulnerabilidade e, portanto, não é possível dizer que a vivência de nossos oito entrevistados dita a regra de como todo e qualquer adolescente vivencia um luto. Porém, encontramos pontos importantes que atravessariam um fenômeno como este. Entre eles, acredito que o maior legado que esta dissertação pode deixar é a forma como olhamos para os adolescentes, não os enquadrando jamais às determinações sociais e científicas que deles falam, o que fez com que pudéssemos desvelar o fenômeno da forma como este apareceu para nós, abarcando toda a riqueza que os entrevistados tinham a nos mostrar.

Sendo assim, são as palavras de Silva (2018) que me atravessam neste momento de conclusão, como se falassem por mim:

Tendo a questão-bússola como norteadora, a pesquisa se constrói na medida em que é trilhada. E, nesse percurso, não se almeja chegar a um lugar pré-determinado, nem se tem como fixo o caminho a percorrer. Assim, cada momento da pesquisa vai se delineando ao longo do pesquisar. [...] Por fim, torna-se pertinente apontar que o sentido de uma pesquisa fenomenológica hermenêutica nunca se esgota, podendo ser compreendido mais uma vez, por outro olhar. O que nos sinaliza que a tarefa hermenêutica, em forma de espiral, está em constante movimento e resiste ao obscurecimento pela generalização do fenômeno. (Silva, 2018, pp. 152-157)

7 Considerações Finais

Acredito que fique claro, desde o início, que esta pesquisa surgiu a partir de um lugar muito pessoal. Não me lembro de uma época em que a morte não esteve presente em minha vida, já que sempre pensei muito nela. Desde o primeiro momento em que alguém com quem eu tinha uma relação morreu, me tornei uma pessoa enlutada. Desde então, me deparei com outras mortes, que me tocaram profundamente. No mestrado, inclusive, perdi um amigo muito querido, e me enlutei também pelo meu avô, Seu Mané. Mas foi aquela perda que me atravessou quando eu tinha 15 anos que verdadeiramente inspirou esta pesquisa.

Não sei se haverá algum dia em que me esquecerei do dia em que recebi a notícia que um amigo havia falecido em um acidente, ou dos sentimentos que surgiram a partir disto. Temos consciência que as pessoas morrem, sabemos que acidentes acontecem todos os dias, mas nunca acreditamos que será conosco ou com os nossos. Naquele dia foi com um dos meus. Tamanho espanto não me cabia: caminhei de forma automática até a escola, mas, chegando lá, só fazia chorar. O que ficou ali, como uma pulguinha atrás da orelha, é que ninguém se aproximava. Pareciam fingir que não me viam, mesmo os adultos. Daí surgiu a hipótese citada em um capítulo anterior, de que os adolescentes não falariam sobre seus lutos por não encontrarem espaço para que esse “desabafo” aconteça. Graças à redução fenomenológica, pude observar para muito além de minha experiência pessoal, me deparando com a vivência de nossos entrevistados, na qual a maioria, na verdade, **escolhe** não falar, mesmo que haja espaço para tal.

Falar sobre a adolescência também não deixou de vir de um lugar pessoal em mim. Por ter passado por situações difíceis durante minha adolescência, mas que foi, ao mesmo tempo, muito bem vivenciada – eu diria –, não me conformava com a forma como os adultos falavam sobre esta etapa da vida. É como se minha adolescência fosse ainda muito viva em mim, me sentindo, confesso, até hoje um pouquinho adolescente. Afinal, como citado diversas vezes nesta pesquisa, os períodos da vida não são apenas salas que abandonamos e esquecemos, mas sim fios que constituem nossa trama existencial. Bom, sou tecida por muitos fios de minha adolescência, uma época que por muito tempo resenti, mas que hoje compreendo o quanto me constitui enquanto ser humano.

Foi muito prazeroso, portanto, escrever o capítulo sobre a adolescência e poder, cientificamente, mas também fenomenologicamente e de forma um tanto quanto poética, desafiar as teorias regentes que determinam o adolescente em um certo lugar, sem escapatória, sem saída de emergência. Por isso, poder utilizar a fenomenologia-hermenêutica para interpretar o livro de Perosa (1997) foi tão importante. Compreendo que, no livro, o autor

intenciona falar sobre algo em comum: a descoberta de si mesmo, como o próprio título diz; mas o mais interessante é que, para isso, ele traz diferentes crônicas, com vivências diversas, com tonalidades diferentes, nos mostrando que existem inúmeras formas de ser-adolescente e de descobrir a si mesmo.

Justamente por isso, apesar de ser uma pesquisa muito pessoal, minha única e singular vivência jamais seria o suficiente para uma dissertação de mestrado. O que me levou a tal caminho foi ter a oportunidade de, na aula ministrada pela Prof.^a Dr.^a Mariele Rodrigues Correa, observar fora de mim, lendo artigos que falava sobre o luto na adolescência. Ter me deparado com a fenomenologia e o existencialismo foi a “cereja do bolo”, como diz o senso comum. Tal abordagem me permitiu olhar tanto para a adolescência quanto para a experiência de luto de forma mais livre. Pude me desapegar de determinismos, eles que tanto me incomodavam, e parar para questionar, para olhar as diversidades não como erros ou exceções, mas apenas como **vivências**, tão válidas quanto quaisquer outras.

À vista disso, podemos perceber a importância de uma entrevista aberta, com apenas uma questão que abra espaço para o discurso livre, precisamente para que não haja um direcionamento específico na pesquisa, fazendo com que fosse possível desvelar o fenômeno da forma como ele apareceu. O tom de diversidade que adquire uma pesquisa como essa me pareceu extremamente rico. Poder, ao mesmo tempo, falar de pontos em comum das entrevistas, mas também abarcar as singularidades de nossos entrevistados foi, realmente, precioso.

Visto que tanto o conceito de adolescência, quanto o de luto, são muito estudados pela Psicologia, foi possível perceber que muitos desses estudos perpassam pela **questão da técnica** (Heidegger, 2007). O filósofo se refere à técnica enquanto um meio utilizado pelo ser humano para se alcançar um fim, meio este que o ser deseja dominar, utilizar com maestria, ou seja, a técnica é vista na modernidade como mero instrumental. Nas palavras de Braz (2018), que também discute a técnica a partir de Heidegger:

Ora, a modernidade isola completamente a essência da técnica, atendo-se unicamente ao instrumental; a natureza é depósito de energias e a humanidade torna-se recurso para ser dominada e explorada como qualquer outro material; ou mesmo como algo infinito. O esquecimento do Ser dá sinais de soberania. (Braz, 2018, p. 162).

A Psicologia e seus estudos, apesar de estarem voltados para aquilo que é referente ao ser humano, não escapam à técnica. Assim a Psicologia ganha notoriedade e seriedade lá em seu início e, assim, se insere como ciência: categorizando, generalizando e tentando dominar e controlar o ser humano. Mas hoje, e tanto a fenomenologia quanto o existencialismo são

grandes aliados nisto, buscamos cada vez mais compreender aquilo que Heidegger (2007) chamaria de **essência** da técnica, ou seja, aquilo que está encoberto pela técnica instrumental, pois como diz Oliveira (2016, p. 31): “Quanto mais técnica, ‘menos pessoa’”.

Foi justamente isso que busquei fazer nesta pesquisa com os conceitos de luto e adolescência: desvelar aquilo que estava encoberto pela técnica. Como já dito, costuma-se categorizar a adolescência enquanto uma fase da vida que tem início a partir da puberdade, e um fim quando se alcança a idade adulta. Tal fase é costumeiramente tida enquanto uma etapa de crises, rebeldia e ruptura com as figuras familiares e de autoridade, além de uma confusão interna que aconteceria com os adolescentes. Já o luto, na ciência de perspectiva biomédica, é aceito enquanto um período de pesar após a morte de alguém que amamos, mas não suportando o sofrimento humano, esta ciência o coloca sob uma perspectiva de que eventualmente ele deve ser findado, ou seja, uma cura deve ser conquistada.

Em 2022, o luto prolongado passou a ser considerado um transtorno mental na nova versão do manual de diagnósticos de transtornos mentais da Associação Americana de Psiquiatria (APA) e também na Classificação Internacional de Doenças (CID-11), elaborada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) [...] O luto prolongado possui sintomas semelhantes aos da depressão e da ansiedade. A diferença é o fator motivador para o sofrimento. No luto prolongado, a perda sempre será o gatilho. (Martins, 2022).

A reportagem da qual retirei o excerto acima traz também possibilidades de **tratamento** para quem recebe o diagnóstico do luto prolongado.

Mas o que percebemos ao desvelarmos as diferentes vivências de nossos entrevistados é que tanto não é possível determinar como se vivencia a adolescência, quanto o luto não deve ser percebido a partir de uma possibilidade de cura, visto que para pensar em uma “cura”, seria necessário que o enlutado não mais se doesse pela perda daquele que se ama.

Se pudéssemos falar em uma conclusão, diria que a maior delas foi alcançada pela entrevistada Cássia, quando ela diz que vivenciar a perda de alguém que amamos influencia mais na forma como se vive a adolescência, do que o contrário. Tantos artigos encontrados categorizam esta etapa da vida enquanto uma onde temos dificuldade em lidar com as questões da vida, principalmente as emocionais. O que compreendemos da fala de Cássia e do que é desvelado a partir da vivência dos outros entrevistados é que não há como garantir que a adolescência seja tão crítica e difícil, assim como não há modo correto ou adequado de como alguém vivencia o seu luto. Se há aspectos universais, ligados a uma cultura ou tempo histórico, não podemos deixar de considerar que há singularidades individuais que as permeiam. Não há como ter certeza de que será através de agressividade, de confusão.

Pelo contrário, os entrevistados mostram que perder alguém será sempre algo que nos atinge em um nível tão pessoal que sobreporá qualquer idade. Quando perdemos alguém que amamos ficamos um pouco mais sozinhos no mundo. E isso não é diferente para os adolescentes. Eles precisam, bem como qualquer adulto, lidar com a vida que continua acontecendo mesmo após aquela grande falta. Mesmo com uma nova ausência se fazendo presente.

Espero, com esta pesquisa, ter conseguido abarcar um pouco do que é a complexidade de uma vivência como essa. Além de ter instigado você, leitor, a repensar a forma como encara a adolescência, e até, talvez, olhar para o que tenha sido sua própria adolescência e como ela, hoje, ainda te constitui. Espero ter mostrado também que o luto, essa dor que diz de uma vida que é finita, mas opulenta de amor, não deve jamais ser cobrado uma cura. Ou seja, que possamos respirar, e olhar para estas duas palavras: adolescência e luto, não como conceitos, mas como vivências, complexas, diversas, humanas, não esquecidas.

Destaco também a importância de uma pesquisa como esta para o campo da ciência e da Psicologia. Que ele seja mais uma fonte para que falemos sobre morte e luto também com os adolescentes, como bem defende Maria Julia Kovács (2005) quando diz sobre a educação para a morte. Além disso, acredito que esta dissertação possa ter contribuído para um processo psicoeducativo sobre o luto, que segue sendo tão importante e ainda necessário.

E, por fim, que este possa ser não um encerramento, mas um convite para outros que se interessem em continuar esta jornada. Afinal, “o fim sempre se mostra como abertura; abertura para o novo; abertura para o desconhecido; o fim também é descoberta, é novo começo.” (Braz, 2018, p. 165).

Referências

- Albuquerque, R. N., & Silva, M. M. R. (2020). Aspectos socioemocionais envolvidos na transexualidade: um estudo de caso. *Revista Brasileira de Sexualidade Humana*, Vol. 31, Nº. 2. Recuperado de: < https://www.rbsh.org.br/revista_sbrash/article/view/638/851>
- Alcântara, C. V. M. (2016). A adolescência vivida no próprio corpo: interrogações fenomenológicas e psicanalíticas a partir dos estudos de Merleau-Ponty, Freud e Lacan. *X Anais do Colóquio Internacional Educação e Contemporaneidade – Educon*, Vol. 10, Nº. 01, pp. 1-16. Recuperado de: < https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/8949/3/A_adolescencia_vivida_no_proprio_corpo_interrogacoes_fenomenologicas.pdf>
- Almario, J. F. (2022). *Una mirada existencial a la adolescencia*. Editorial El Manual Moderno.
- Almeida, S. (2019). *Racismo Estrutural* (feminismos plurais). Polen Editorial.
- Amatuzzi, M. M. (2009). Psicologia fenomenológica: uma aproximação teórica humanista. *Estudos de psicologia*, Vol. 26, Nº. 1, pp. 93-100. Recuperado de: < <https://www.scielo.br/j/estpsi/a/d7q943CpJXHtqVyMtysjdt/?format=pdf&lang=pt>>
- Antunes, A. (1985). Não vou me adaptar (Música). *Televisão – Titãs* (Álbum). Warner Group Music.
- Arendt, H. (2000). A crise na educação. In. H. Arendt, *Entre o passado e o futuro*, 5 ed., pp. 221-247. São Paulo: Perspectiva.
- Ariès, P. (2003). *História da morte no Ocidente: da Idade Média aos nossos dias*. Ediouro Publicações.
- Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (ABGLT) (2016). Secretaria de Educação. *Pesquisa Nacional sobre o Ambiente Educacional no Brasil 2015: as experiências de adolescentes e jovens lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais em nossos ambientes educacionais*. Curitiba: ABGLT. Recuperado de: < <https://www.grupodignidade.org.br/wp-content/uploads/2016/03/IAE-Brasil-Web-3-1.pdf>>
- Auden, W. H. (1936). Funeral Blues. *The Ascent of F6: A tragedy in Two Acts*. Faber & Faber, limited.
- Aversa, V. P. (2018). A “morte” na doutrina espírita de Allan Kardec: um comparativo aos invariantes culturais propostos por Maurice Godelier. *Revista Último Andar*, Nº. 32. Recuperado de: < <https://revistas.pucsp.br/index.php/ultimoandar/article/view/40671/27403>>
- Azevedo, A. K. S., & Pereira, S. M. A. (2013). O luto na clínica psicológica: um olhar fenomenológico. *Clínica & Cultura*, Vol. 2, Nº. 2, pp. 54-67. Recuperado de: < <https://periodicos.ufs.br/clinicaecultura/article/view/1546/1695>>

- Bandeira, L. C. C. (2010). A morte e o culto aos ancestrais nas religiões afro-brasileiras. *Revista Último Andar*, Nº. 19. Recuperado de: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/ultimoandar/article/view/13304/9809>>
- Bauman, Z. (1998). *O mal-estar na Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Ben Jor, J. (1965). Deixa o menino brincar (Música). *Big Ben* (Álbum). Universal Music.
- Benevides, B. G. & Nogueira, S. N. B. (2021). *Dossiê dos assassinatos e da violência contra travestis e transexuais brasileiras em 2020*. São Paulo: Expressão Popular, ANTRA, IBTE. Recuperado de: <<https://antrabrasil.files.wordpress.com/2021/01/dossie-trans-2021-29jan2021.pdf>>
- Benevides, B. G. (2023). *Dossiê: assassinatos e violências contra travestis e transexuais brasileiras em 2022*. Brasília, DF: Distrito Drag, ANTRA. Recuperado de: <<https://antrabrasil.files.wordpress.com/2023/01/dossieantra2023.pdf>>
- Bock, A. M. B. (2007). A adolescência como construção social: estudo sobre livros destinados a pais e educadores. *Psicologia Escolar e Educacional*, Vol. 11, pp. 63-76. Recuperado de: <<https://www.scielo.br/j/pee/a/LJkZzRzQ5YgbmhcnkKzVq3x/?format=pdf&lang=pt>>
- Braga, R. O. G., & Fernandes, A. O. (2021). Construção de subjetividades em adolescentes negras: a agência do racismo cotidiano. *Perspectivas em Diálogo: Revista de Educação e Sociedade*, Vol. 8, Nº. 16, pp. 296-308. Recuperado de: <<https://periodicos.ufms.br/index.php/persdia/article/view/10883/8787>>
- Brandão, T., Saraiva, L., & Matos, P. M. (2012). O prolongamento da transição para a idade adulta e o conceito de adultez emergente: especificidades do contexto português e brasileiro. *Análise Psicológica*, Vol. 30, Nº. 3, pp. 301-313. Recuperado de: <https://repositorio.ispa.pt/bitstream/10400.12/3336/1/AP_30_301-313.pdf>
- Brasil (2021). Secretaria de Vigilância em Saúde – Ministério da Saúde. Boletim epidemiológico. *Mortalidade por suicídio e notificações de lesões autoprovocadas no Brasil*. Vol. 52. Recuperado de: <https://www.gov.br/saude/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/boletins/epidemiologicos/edicoes/2021/boletim_epidemiologico_sv_s_33_final.pdf>
- Brasil, Ministério dos Direitos Humanos. (2018). *Letalidade infanto-juvenil: dados da violência e políticas públicas existentes*. Brasília, DF. Recuperado de: <<https://www.gov.br/mdh/pt-br/centrais-de-conteudo/consultorias/conada/letalidade-infanto-juvenil-dados-da-violencia-e-politicas-publicas-existent>>
- Braz, S. C. L. (2018). Sobre a questão da técnica em Heidegger. *Argumento*, Nº. 14, pp. 157-166.
- Buarque, C. & Gil, G. (2020). Copo Vazio (Música). Single. Gege Produções Artísticas.
- Buarque, C. & Possi, Z. (1978). Pedaco de mim (Música). *Chico Buarque* (Álbum). Phillips Records – Atual Universal Music.
- Butler, J. (2019). *Vida precária: os poderes do luto e da violência*. Autêntica Business.

- Calligaris, C. (2000). *A adolescência*. São Paulo: Publifolha.
- Caputo, R. F. (2008). O homem e suas representações sobre a morte e o morrer: um percurso histórico. *Revista Multidisciplinar da Uniesp – Saber acadêmico*, Nº. 6, pp. 73-80. Recuperado de: <https://uniesp.edu.br/sites/_biblioteca/revistas/20180403124306.pdf>
- Carlos, R. & Carlos, E. (1974). Despedida (Música). *Roberto Carlos – 1974* (Álbum). Gravadora CBS.
- Carneiro, S. V. (2017). *O luto na contemporaneidade à luz da fenomenologia existencial de Jean-Paul Sartre*. (Tese de doutorado). Universidade de Fortaleza, UNIFOR, Fortaleza, PE, Brasil. Recuperado de: <http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UFOR_74f1e45468b0333295e520e0a8b9db67>
- Carvalho, B. (1993). Silêncio. (Música). *Canta o samba de São Paulo* (Álbum). Gravadora Velas.
- César, M. R. D. A. (1998). *A invenção da “adolescência” no discurso psicopedagógico*. Dissertação de mestrado, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, Brasil.
- Coimbra, C., Bocco, F., & Nascimento, M. L. (2005). Subvertendo o conceito de adolescência. *Arquivos brasileiros de psicologia*, Vol. 57, Nº. 1, pp. 2-11. Recuperado de: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/arb/v57n1/v57n1a02.pdf>
- Costa, E. F., & Oliveira, P. A. (2019). O sofrimento psíquico causado pelo racismo e o seu impacto na subjetividade. *Revista Uninga*, Vol. 56, Nº. 1, pp. 114-130. Recuperado de: <<https://revista.uninga.br/uninga/article/view/444/1889>>
- Cristóvão, S. C. (2010). Hermenêutica e literatura: aportes para a interpretação e compreensão do mundo. *PerCursos*, Vol. 11, Nº. 1, pp. 73-86. Recuperado de: <<https://revistas.udesc.br/index.php/percursos/article/view/1604/1592>>
- Cunha, V. (1999). A morte do outro: Mudança e diversidade nas atitudes perante a morte. *Sociologia, problemas e práticas*, Nº. 31, pp. 103-128. Recuperado de: <<https://repositorio.iscte-iul.pt/bitstream/10071/879/1/5.pdf>>
- Dantas, J. B., Sá, R. N., & Carreiro, T. C. O. (2009). A patologização da angústia no mundo contemporâneo. *Arquivos brasileiros de psicologia*, Vol. 61, Nº. 2, pp. 1-9. Recuperado de: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672009000200010>
- Dias, E. T. D. M. (2011). Adolescência e morte: representações e significados. *Psicologia Escolar e Educacional*, Vol. 15, pp. 273-281. Recuperado de: <<https://www.scielo.br/j/pee/a/sCwp8JNWDZdmWcskCxcs7C/?format=pdf&lang=pt>>
- Domingos, B., & Maluf, M. R. (2003). Experiências de perda e de luto em escolares de 13 a 18 anos. *Psicologia: reflexão e crítica*, Vol. 16, Nº. 3, pp. 577-589. Recuperado de: <<https://www.scielo.br/j/prc/a/YKFR3CBTZDssv844TGHDKcr/?lang=pt&format=pdf>>
- Dutra, E. T., Busnello, L. A., Bossle, N. F., Reguly, P. F. S. & Lang, C. S. (2014) Luto na adolescência: uma abordagem da psicologia de base psicanalítica e da psicologia de base existencial. *Anais da Mostra de Iniciação Científica do Curso de Psicologia da FSG*, Vol.

- 1, Nº. 1, pp. 225-244. Recuperado de: <
<https://ojs.fsg.edu.br/index.php/ampsic/article/view/1416/pdf>>
- Eller, C. (2015). Ausência. (Música). *O espírito do som, Vol. 1: Segredo* (Álbum). Coqueiro Verde.
- Fedeger, A. M., Guimarães, M. N. S., Castanharo, R. T., & Schneider, W. (2021). A vulnerabilidade e o desempenho ocupacional de adolescentes vítimas de LGBTfobia no Brasil. In: Marcelo, F. F. S. (2021). *Políticas públicas e mobilidade urbana: uma compreensão científica da atualidade*. Editora Científica Digital.
- Feijoo, A. M. L. C. & Dhein, C. F. (2014). Uma compreensão fenomenológico-hermenêutica das compulsões na atualidade. *Fractal: Revista de Psicologia*. Vol. 26, Nº. 1, pp. 165-178. Recuperado de: <
<https://www.scielo.br/j/fractal/a/MJLdSkVNHR5hDzHgpcRDwkS/?format=pdf&lang=pt>>
- Franco, M. H. P. (2021). *O luto no século 21: uma compreensão abrangente do fenômeno*. 1 ed. São Paulo: Summus.
- Freitas, J. D. L. (2013). Luto e fenomenologia: uma proposta compreensiva. *Revista da Abordagem Gestáltica*, Vol. 19, Nº. 1, pp. 97-105. Recuperado de: <
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672013000100013>
- Freitas, J. D. L. (2018). Luto, pathos e clínica: uma leitura fenomenológica. *Psicologia USP*, Vol. 29, pp. 50-57. Recuperado de: <
<https://www.scielo.br/j/pusp/a/7XBPBJQ4PLgrXc9pTyCDSTw/?format=pdf&lang=pt>>
- Garnica, A. V. M. (1997). Algumas notas sobre pesquisa qualitativa e fenomenologia. *Interface-comunicação, saúde, educação*, Vol. 1, Nº. 1, pp. 109-122. Recuperado de: <
<https://www.scielo.br/j/icse/a/CMZhfgQZbFHBdTjg9fFWpkd/?format=pdf&lang=pt>>
- Gil, G. (1989). Toda Saudade (Música). *The Eternal God of Change* (Álbum). Warner Music Brasil Ltda.
- Gillespie, C. (2007). *A Garota Ideal* (Filme). Metro-Goldwyn-Mayer.
- Goldberg, L. A. E. (2019). *Atitudes perante a morte nos websites de redes sociais: um estudo sobre o luto*. (Tese de Doutorado). Universidade de São Paulo, USP. São Paulo, SP. Recuperado de: <
https://teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47134/tde-25062019-100641/publico/goldberg_do.pdf>
- Gonçalves, J. D. M. (2015) Adolescência como inauguração de escolhas! (Monografia de pós-graduação). PUC São Paulo. São Paulo, SP. Recuperado de: <
<https://www.psicologiaemacao.com.br/arquivos/artigo-adolesc%C3%Aancia-como-inaugura%C3%A7%C3%A3o-de-escolhas.pdf>>
- Gonçalves, N. (1974). Naquela mesa [Música]. *Passado e Presente* [Álbum]. RCA Rio de Janeiro.

- Gonçalves, R. (2012). De antigas e velhas loucas: Madres e Mães de maio contra a violência de Estado. *Lutas Sociais*, Nº. 29, pp. 130-143. Recuperado de: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/ls/article/view/18502/13695>>
- Heidegger, M. (2001). *Ser e tempo (Parte 1 e 2)*. Petrópolis: Editora Vozes.
- Heidegger, M. (2003). *A caminho da linguagem*. Ed. Universitária São Francisco.
- Heidegger, M. (2007). A questão da técnica. *Scientiae Studia*, Vol. 5, Nº. 3, p. 375-398. Recuperado de: <<https://www.revistas.usp.br/ss/article/view/11117/12885>>
- Hilário, L. C. (2016). Da biopolítica à necropolítica: variações foucaultianas na periferia do capitalismo. *Sapere aude*, Vol. 7, Nº 12, pp. 194-210. Recuperado de: <<https://periodicos.pucminas.br/index.php/SapereAude/article/view/P.2177-6342.2016v7n13p194/9735>>
- Holanda, A. (2006). Questões sobre pesquisa qualitativa e pesquisa fenomenológica. *Análise psicológica*, Vol. 3, Nº. 24, pp. 363-372. Recuperado de: <<http://publicacoes.ispa.pt/index.php/ap/article/view/176>>
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2010). *Censo 2010 – Amostra Religião*. Recuperado de: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pesquisa/23/22107>>
- Kovács, M. J. (2005). Educação para a morte. *Psicologia Ciência e Profissão*, Vol. 25, Nº. 3, pp. 484-497.
- Kovács, M. J. Educadores e a morte. (2012). *Psicologia Escolar e Educacional*, Vol. 16, Nº. 1, pp. 71-81. Recuperado de: <<https://www.scielo.br/j/pee/a/gvYZXXFXmV89Jq66KmvcWJf/?format=pdf&lang=pt>>
- Lírio, L. C. (2012). A construção histórica da adolescência. *Anais do Congresso Internacional das Faculdades EST*, Vol. 1, pp. 1675-1688. <<http://anais.est.edu.br/index.php/congresso/article/view/14>>
- Malta, D. C., et al. (2021). Mortalidade de adolescentes e adultos jovens brasileiros entre 1990 e 2019: uma análise do estudo Carga Global de Doença. *Ciência & Saúde Coletiva*, Vol. 2, pp. 4069-4086. Recuperado de: <<https://www.scielo.br/j/csc/a/sVhCTzxtptn8frtTHTDyNLS/?format=pdf&lang=pt>>
- Maranhão, R. A. (2020). Os cientistas sociais no combate ao coronavírus e contra a necropolítica: primeiras batalhas. *Boletim de conjuntura (BOCA)*, Vol. 2, Nº. 5, pp. 01-14. Recuperado de: <<https://revista.ioles.com.br/boca/index.php/revista/article/view/126/124>>
- Martins, F. (2022). Luto prolongado é um transtorno mental, segundo Organização Mundial da Saúde. *Notícias Ministério da Saúde – Saúde Mental*. Recuperado de: <<https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2022/setembro/luto-prolongado-e-um-transtorno-mental-segundo-a-organizacao-mundial-da-saude>>
- Martins, J., Boemer, M. R., & Ferraz, C. A. (1990). A fenomenologia como alternativa metodológica para pesquisa algumas considerações. *Revista da Escola de Enfermagem da*

- USP, Vol. 24, 139-147. Recuperado de: <https://www.scielo.br/j/reecusp/a/wfHN6qH33k7WK5nBfYgTtYy/?format=pdf&lang=pt>
- Mbembe, A. (2018). *Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção e política da morte*. São Paulo: n-1 edições.
- Medeiros, E. S. (2019). Necropolítica tropical em tempos pró-Bolsonaro: desafios contemporâneos de combate aos crimes de ódio LGBTfóbicos. *Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde*, Vol. 13, Nº. 2. Recuperado de: <<https://www.reciis.icict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/1728/2271>>
- Meireles, I. O. (2016). O luto na fase adulta: um estudo sobre a relação apego e perda na teoria de John Bowlby. *Revista Ciências Humanas*, Vol. 9, Nº. 1, pp. 92-105. Recuperado de: <<https://www.rchunitau.com.br/index.php/rch/article/download/274/188/980>>
- Meles, M. C. (2014). *O adolescente vivenciando o luto pela morte de um dos genitores: repercussões na esfera escolar* (Tese de Doutorado) Universidade de São Paulo. Ribeirão Preto, SP. Recuperado de: <<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/22/22131/tde-06022015-182834/publico/MARINACANDIANIMELES.pdf>>
- Melo, A. D. (2016). A morte como produto e objeto do desejo: uma abordagem publicitária. In: L. Martins; M. L. Correia; P. Bernardo Vaz & E. Antunes (Eds.), *Figurações da morte nas mídias e na cultura: entre o estranho e o familiar*, pp. 247-264. Braga: CECS. Recuperado de: <https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/43360/1/AM_2016_figuracoes-morte.pdf>
- Merleau-Ponty, M. (1945). *Phénoménologie de la perception*. Paris: Gallimard.
- Michel, L. H. F., & Freitas, J. D. L. (2021). Psicoterapia e luto: a vivência de mães enlutadas. *Psicologia: Ciência e Profissão*, Vol. 41, Nº esp. 3, pp. 1-15. Recuperado de: <<https://www.scielo.br/j/pcp/a/JrWpmChzV7r8rZNF64rHL7g/?format=pdf&lang=pt>>
- Minayo, M. C. D. S. (2012). Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. *Ciência & saúde coletiva*, Vol. 17, Nº. 3, pp. 621-626. Recuperado de: <<https://www.scielo.br/j/csc/a/39YW8sMQhNzG5NmpGBtNMff/?format=pdf&lang=pt>>
- Mota, M. M. D. A. (2008). *O luto em adolescentes pela morte do pai: risco e prevenção para a saúde mental*. (Tese de Doutorado). Universidade de São Paulo. São Paulo, SP. Recuperado de: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47133/tde-30032009-103843/publico/monica_doutorado.pdf>
- Nascimento, M. (2002). A lágrima e o rio (Música). *Pietá* (Álbum). Gravadora Savoy Jazz.
- Natarelli, T. R. P., Braga, I. F., Oliveira, W. A. D., & Silva, M. A. I. (2015). O impacto da homofobia na saúde do adolescente. *Escola Anna Nery*, Vol. 19, Nº. 4, pp. 664-670. Recuperado de: <<https://www.scielo.br/j/ean/a/r6XgDz4MBBZtTGjYDrK64bP/?format=pdf&lang=pt>>
- Negrini, M. (2010). *A morte no horário nobre: a espetacularização da notícia no telejornalismo brasileiro*. (Tese de Doutorado) PUC RS, Porto Alegre, RS. Recuperado de: http://tede.pucrs.br/tde_busca/arquivo.php.

- Oliveira, F. R. (2016). A psicoterapia fenomenológica como horizonte de cuidado (Sorge) na era da técnica. (Dissertação de mestrado). Universidade Estadual de Maringá. Maringá, PR. Recuperado de: < <http://www.ppi.uem.br/teses-e-dissertacoes-recuperadas/fabricio-ramos-de-oliveira-a-psicoterapia-fenomenologica-como-horizonte-de-cuidado-sorge-na-era-da-tecnica>>
- Oliveira, M. C. S. L., Pinto, R. G., & Souza, A. D. S. (2003). Perspectivas de futuro entre adolescentes: universidade, trabalho e relacionamentos na transição para a vida adulta. *Temas em Psicologia*, Vol. 11, Nº. 1, pp. 16-27. Recuperado de: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2003000100003>
- Ozella, S., & Aguiar, W. M. J. (2008). Desmistificando a concepção de adolescência. *Cadernos de pesquisa*, Vol. 38, Nº. 133, pp. 97-125. Recuperado de: <<https://www.scielo.br/j/cp/a/vNqg6DJKX7zBLbv57dwpJR/?format=pdf&lang=pt>>
- Parkes, C. M. (1998). *Luto estudos sobre a perda na vida adulta*. São Paulo: Summus editorial.
- Paula, C. C.; Souza, I. E. O.; Cabral, I. E. & Padoin, S. M. M. (2012). Movimento analítico-hermenêutico heideggeriano: possibilidade metodológica para pesquisa em enfermagem. *Acta Paulista de Enfermagem*, Vol. 25, Nº. 6, pp. 984-989. Recuperado de: < <https://www.scielo.br/j/ape/a/mZVcpt6B7CBxvRZd4NdNWBQ/?format=pdf&lang=pt>>
- Peres, F., & Rosenburg, C. P. (1998). Desvelando a concepção de adolescência/adolescente presente no discurso da saúde pública. *Saúde e Sociedade*, Vol. 7, Nº. 1, pp. 53-86. Recuperado de: < <https://www.scielo.br/j/sausoc/a/GJnf66dyWgZZRJNxpXQV4Sc/?format=pdf&lang=pt>>
- Perosa, M. (1997). *Descobrimo a si mesmo: a passagem para a adolescência*. Brasília: Editora Moderna.
- Peruzzo, A. S., Jung, B. M. G., Soares, T., & Scarparo, H. B. K. (2007). A expressão e a elaboração do luto por adolescentes e adultos jovens através da internet. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, Vol. 7, Nº. 3, pp. 449-461. Recuperado de: < http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812007000300008>
- Pitty & Emicida (2013). Hoje cedo (Música). *O glorioso retorno de que nunca esteve aqui* (Álbum). Laboratório Fantasma.
- Pratta, E. M. M., & Santos, M. A. D. (2007). Família e adolescência: a influência do contexto familiar no desenvolvimento psicológico de seus membros. *Psicologia em estudo*, Vol. 12, pp. 247-256. Recuperado de: < <https://www.scielo.br/j/pe/a/3sGdvzqtVmGB3nMgCQDVBgL/?format=pdf&lang=pt>>
- Rebouças, M. S. S. & Dutra, E. (2018). A hermenêutica heideggeriana na pesquisa em clínica. *Revista Pesquisa Qualitativa*, Vol. 6, Nº. 11, pp. 192-211. Recuperado de: <<https://editora.sepq.org.br/rpq/article/view/183/117>>
- Rodrigues, C. (2020). Por uma filosofia política do luto. *O que nos faz pensar*, Vol. 29, Nº. 46, pp. 58-73. Recuperado de: < <https://oquenosfazpensar.fil.puc-rio.br/oqnf/article/view/737/634>>

- Rodrigues, J. C. (2006). *Tabu da morte*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ.
- Rodrigues, J. C. (2013). Publicidade, silêncio, personalização, espetáculo: representações da morte no Ocidente. *Revista ALCEU*, Vol. 13, Nº. 26, pp. 5-26. Recuperado de: <http://revistaalceu-acervo.com.puc-rio.br/media/artigo1_26.pdf>
- Rodriguez, C. F. (2010). *Falando de morte na escola: o que os educadores têm a dizer?* (Tese de Doutorado) Universidade de São Paulo, São Paulo/SP. Recuperado de: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47131/tde-22072010-083807/publico/rodriguez_do.pdf>
- Rodriguez, C. F., & Kovács, M. J. (2005). Falando de morte com o adolescente. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, Vol. 5, Nº 1, pp. 127-143. Recuperado de: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812005000100009>
- Sartre, J. P. (1943/2011). *O ser e o nada: ensaio de ontologia fenomenológica* (P. Perdigão, Trad.). Petrópolis, Brasil: Vozes.
- Schoen-Ferreira, T. H., Aznar-Farias, M., & Silves, E. F. D. M. (2010). Adolescência através dos séculos. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, Vol. 26, Nº. 2, pp. 227-234. Recuperado de: <<https://www.scielo.br/j/ptp/a/MxhVZGYbrsWtCsN55nSXszh/?format=pdf&lang=pt>>
- Seibt, C. L. (2010). Temporalidade e propriedade em Ser e Tempo de Heidegger. *Revista de Filosofia Aurora*, Vol. 22, Nº. 30, pp. 247-266. Recuperado de: <https://www.researchgate.net/publication/325161683_TEMPORALIDADE_E_PROPRIEDADE_EM_SER_E_TEMPO_DE_HEIDEGGER>
- Seixas, R. (1973). A hora do trem passar (Música). *Krig-há, Bandolo!* (Álbum). Phillips Records – Atual Universal Music.
- Sêneca (2017). *Sobre a brevidade da vida*. São Paulo: Editora Penguin-Companhia das Letras.
- Silva, B. A. S. (2019). A espetacularização da vida e da banalização da morte como processo social. *Anais de Resumos Expandidos do Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais*, Vol. 1, Nº. 2. Recuperado de: <<https://midiaticom.org/anais/index.php/seminario-midiatizacao-resumos/article/view/754/731>>
- Silva, C. R., & Lopes, R. E. (2009). Adolescência e juventude: entre conceitos e políticas públicas. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional da UFSCar*, Vol. 17, Nº 2. Recuperado de: <<https://www.cadernosdeterapiaocupacional.ufscar.br/index.php/cadernos/article/view/100/65>>
- Silva, E. D. R., Silva, M. V., & Tamanini, P. (2019). A morte no ocidente: considerações sobre a história da morte no ocidente e suas representações históricas. *Anais do IV Congresso Nacional de Educação, Conedu*. Recuperado de: <<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/35481>>
- Silva, E. F. G. (2018). Pesquisa qualitativa em psicologia clínica: uma possibilidade metodológica em diálogo com a fenomenologia hermenêutica. *Revista Pesquisa*

Qualitativa, Vol. 6, Nº. 11, pp. 145-159. Recuperado de: <
<https://editora.sepq.org.br/rpq/article/view/176/115>>

Simonelli, C. E. (2017). *A vivência da ambiguidade: um estudo fenomenológico da adolescência*. (Dissertação de mestrado) PUC-Campinas, Campinas/SP. Recuperado de: <
https://repositorio.sis.puc-campinas.edu.br/bitstream/handle/123456789/16014/ccv_ppgpsico_me_Carlos_ES.pdf?sequence=1&isAllowed=y>

Vaccaro, M. M. (2021). *O luto no ambiente virtual: um estudo a partir da vivência de pessoas enlutadas*. (Tese de Doutorado) Universidade Estadual de Maringá, Maringá/PR. Recuperado de: <
<http://repositorio.uem.br:8080/jspui/bitstream/1/2373/1/000177988.pdf>>

Veloso, C. & Gil, G. (2015). Não tenho medo da morte [Música]. In *Dois amigos, um Século de Música*. Gege Edições / Preta Music (EUA & Canadá).

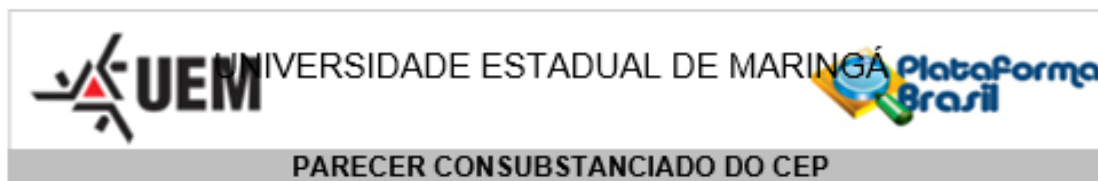
Vinuto, J. (2014). A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. *Temáticas*, Vol. 22, Nº. 44, pp. 203-220. Recuperado de: <
<https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/tematicas/article/view/10977/6250>>

Viola, D. T. D., & Vorcaro, A. M. R. (2015). O problema do saber na adolescência e o real da puberdade. *Psicologia USP*, Vol. 26, pp. 62-70. Recuperado de: <
<https://www.revistas.usp.br/psicousp/article/view/97602/96473>>

Waiselfisz, J. J. (2012). *Mapa da violência 2012: a cor dos homicídios no Brasil*. Rio de Janeiro: Cebela, Flasco; Brasília: SEPPIR/PR.

Anexos

Anexo A – Parecer Consubstanciado do Comitê de Ética em Pesquisa



DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: A vivência do luto na adolescência

Pesquisador: Lucia Cecilia da Silva

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 40809920.7.0000.0104

Instituição Proponente: Universidade Estadual de Maringá

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 4.505.361

Apresentação do Projeto:

Trata-se de projeto de pesquisa proposto por pesquisador vinculado à Universidade Estadual de Maringá.

Objetivo da Pesquisa:

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, que através da abordagem fenomenológica buscará pelos sentidos que os adolescentes atribuem à sua experiência do luto.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Avalia-se que os possíveis riscos a que estarão submetidos os sujeitos da pesquisa serão suportados pelos benefícios apontados.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Pretende-se que oito adolescentes de 12 a 18 anos, recrutados pela técnica snowball, sejam entrevistados. As entrevistas serão analisadas e delas serão extraídas unidades de significado que se referam aos variados aspectos das vivências narradas. Por fim, será elaborada uma síntese compreensiva acerca do luto dos adolescentes.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Apresenta Folha de Rosto devidamente preenchida e assinada pelo responsável institucional. O cronograma de execução é compatível com a proposta enviada. Descreve gastos sob a responsabilidade do pesquisador. O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido contempla as garantias mínimas preconizadas. Apresenta as autorizações necessárias.

Endereço: Av. Colombo, 5790, UEM-PPG, sala 4

Bairro: Jardim Universitário

CEP: 87.020-900

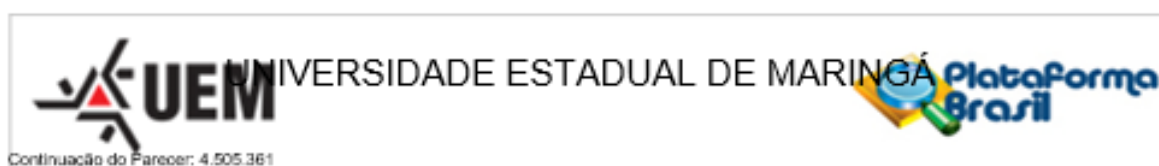
UF: PR

Município: MARINGÁ

Telefone: (44)3011-4597

Fax: (44)3011-4444

E-mail: copep@uem.br



Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

O Comitê Permanente de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da Universidade Estadual de Maringá é de parecer favorável à aprovação do protocolo de pesquisa apresentado.

Considerações Finais a critério do CEP:

Face ao exposto e considerando a normativa ética vigente, este Comitê se manifesta pela aprovação do protocolo de pesquisa em tela. Alerta-se a respeito da necessidade de apresentação de relatório final no prazo de 30 dias após o término do projeto.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1675021.pdf	07/12/2020 17:41:13		Aceito
Outros	Autorizacao_Justificativa.pdf	07/12/2020 17:37:38	Lucia Cecilia da Silva	Aceito
Outros	Resposta.pdf	07/12/2020 17:35:09	Lucia Cecilia da Silva	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TALE.pdf	07/12/2020 17:34:08	Lucia Cecilia da Silva	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	07/12/2020 17:33:47	Lucia Cecilia da Silva	Aceito
Outros	Roteiro_de_entrevista.pdf	04/12/2020 19:28:48	Lucia Cecilia da Silva	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto.pdf	04/12/2020 19:27:48	Lucia Cecilia da Silva	Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_rosto_assinada.pdf	04/12/2020 19:28:40	Lucia Cecilia da Silva	Aceito

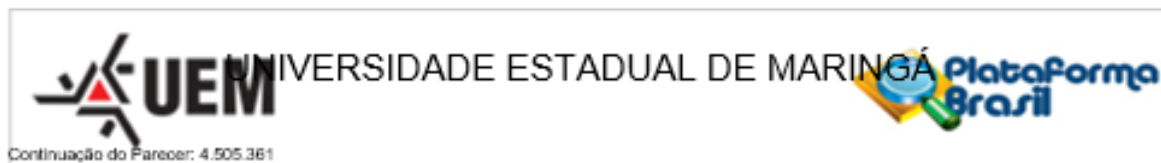
Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Endereço: Av. Colombo, 5790, UEM-PPG, sala 4
Bairro: Jardim Universitário **CEP:** 87.020-900
UF: PR **Município:** MARINGÁ
Telefone: (44)3011-4597 **Fax:** (44)3011-4444 **E-mail:** copep@uem.br



MARINGÁ, 21 de Janeiro de 2021

Assinado por:
Ricardo Cesar Gardiolo
(Coordenador(a))

Endereço: Av. Colombo, 5790, UEM-PPG, sala 4
Bairro: Jardim Universitário **CEP:** 87.020-900
UF: PR **Município:** MARINGÁ
Telefone: (44)3011-4597 **Fax:** (44)3011-4444 **E-mail:** copep@uem.br

Anexo B – Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE)

TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Gostaríamos de convidá-lo(a) a participar da pesquisa intitulada **A VIVÊNCIA DO LUTO NA ADOLESCÊNCIA: UMA COMPREENSÃO FENOMENOLÓGICA**, proposta por mim, Camila do Vale Almeida, RG 1687107, mestranda no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Estadual de Maringá (UEM), sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Lucia Cecilia da Silva, docente voluntária do Programa de Pós-Graduação de Psicologia desta Universidade. Esta pesquisa tem como objetivo *compreender como o adolescente vivencia o luto causado pela morte de alguém afetivamente importante para ele, além de tentar entender que impacto esse fenômeno possui na vida do enlutado, e quais espaços se abriram para que ele pudesse se expressar.*

Assim, para que este objetivo possa ser atingido será necessário obtermos relatos de adolescentes que tenham perdido alguém afetivamente importante para ele durante sua adolescência. À vista disto, será realizada uma entrevista individual com uma questão norteadora com os adolescentes, desde que eles concordem em participar da pesquisa de maneira voluntária e seus pais ou responsáveis assinem o termo de consentimento autorizando sua participação. A entrevista terá duração de aproximadamente 60 minutos e terá questões relativas ao luto vivido pelo adolescente.

Informamos que, por tratar de conteúdos referentes às vivências pessoais, você poderá se sentir desconfortável ou inseguro/a para compartilhar algumas considerações. Caso isso ocorra, a entrevista poderá ser interrompida e será dada continuidade posteriormente se lhe for conveniente. Assim, gostaríamos de esclarecer que sua participação é totalmente voluntária, como mencionado, podendo você recusar-se a participar ou mesmo desistir a qualquer momento, sem que isto acarrete qualquer obrigação ou prejuízo à sua pessoa. Informamos ainda que as informações serão utilizadas somente para os fins desta pesquisa e serão tratadas com o mais absoluto sigilo e confidencialidade, de modo a preservar a sua identidade.

Para o registro das entrevistas, prevê-se a utilização de um aparelho celular, para que assim, essas possam ser posteriormente transcritas na íntegra, com o devido cuidado para preservação do sigilo e proteção de sua identidade e, após o término da pesquisa, esses arquivos serão apagados. Caso concorde ou não com a gravação, você deverá assinalar sua opção ao final deste documento, em campo específico.

Enquanto benefício, esperamos que a pesquisa colabore com a compreensão sobre as vivências de luto durante a adolescência, produzindo conhecimento para as diversas áreas de atenção ao adolescente, como a educação, psicologia, saúde pública, entre outras. Esperamos que esse estudo colabore para a maior reflexão e discussão sobre o luto, principalmente na adolescência, para eventualmente provocar novas reflexões e críticas, com a intenção de quebrar a lógica do silêncio sobre o sofrer.

Caso você tenha outras dúvidas ou necessite maiores esclarecimentos, poderá nos contatar nos endereços a seguir ou procurar o Comitê de Ética em Pesquisa envolvendo Seres Humanos da UEM, cujo endereço também consta neste documento. Este termo deverá ser preenchido em duas vias de igual teor, sendo uma delas devidamente preenchida, assinada e entregue a você. Além da assinatura, nos campos específicos, pela orientadora, pelo pesquisador e por você, solicitamos que sejam rubricadas todas as folhas deste documento. Isto deve ser feito por todos (pelo orientador, pela pesquisadora e por você, como sujeito de pesquisa) de tal forma a garantir o acesso ao documento completo.

Eu, _____, declaro que fui devidamente esclarecida e concordo em participar **voluntariamente** da pesquisa proposta pela mestranda em Psicologia Camila do Vale Almeida e orientada pela Prof.^a Dr.^a Lucia Cecilia da Silva.

Declaro também que **CONCORDO** **NÃO CONCORDO** que a entrevista seja gravada.

Assinatura do entrevistado(a)

Data: ____/____/____

Eu, **Camila do Vale Almeida**, declaro que forneci todas as informações referentes ao projeto de pesquisa supra-nominado.

Camila do Vale Almeida

Mestranda em Psicologia

Data: ____/____/____

Prof.^a Dr.^a Lucia Cecilia da Silva

Docente-Orientadora

Qualquer dúvida com relação à pesquisa poderá ser esclarecida com os pesquisadores, conforme o endereço abaixo, respectivamente informados:

Camila do Vale Almeida E-mail: camiladovale18@gmail.com – Telefone: (67) 99978-7661

Prof.^a Dr.^a Lucia Cecilia da Silva E-mail: luciacecilia@hotmail.com

Qualquer dúvida com relação aos aspectos éticos da pesquisa poderá ser esclarecida com o Comitê Permanente de Ética em Pesquisa (COPEP) envolvendo Seres Humanos da UEM, no endereço abaixo:

COPEP/UEM - Universidade Estadual de Maringá.

Av. Colombo, 5790. Campus Sede da UEM. UEM-PPG, sala 4.

CEP 87020-900. Maringá-Pr.

Tel: (44) 3011-4444/ (44) e 3011-4597 E-mail: copep@uem.br

Anexo C – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Gostaríamos de convidá-lo(a) a autorizar a participação de seu filho(a) na pesquisa intitulada **A VIVÊNCIA DO LUTO NA ADOLESCÊNCIA: UMA COMPREENSÃO FENOMENOLÓGICA**, proposta por mim, Camila do Vale Almeida, RG 1687107, mestranda no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Estadual de Maringá (UEM), sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Lucia Cecilia da Silva, docente voluntária do Programa de Pós-Graduação de Psicologia desta Universidade. Esta pesquisa tem como objetivo *compreender como o adolescente vivencia o luto causado pela morte de alguém afetivamente importante para ele, além de tentar entender que impacto esse fenômeno possui na vida do enlutado, e quais espaços se abriram para que ele pudesse se expressar.*

Assim, para que este objetivo possa ser atingido será necessário obtermos relatos de adolescentes que tenham perdido alguém afetivamente importante para ele durante sua adolescência. À vista disto, será realizada uma entrevista individual com uma questão norteadora com os adolescentes, desde que eles concordem em participar da pesquisa de maneira voluntária e seus pais ou responsáveis assinem o termo de consentimento autorizando sua participação. A entrevista terá duração de aproximadamente 60 minutos e terá questões relativas ao luto vivido pelo adolescente.

Informamos que, por tratar de conteúdos referentes às vivências pessoais, ele(a) poderá se sentir desconfortável ou inseguro/a para compartilhar algumas considerações. Caso isso ocorra, a entrevista poderá ser interrompida e será dada continuidade posteriormente se lhe for conveniente. Assim, gostaríamos de esclarecer que a participação dele(a) é totalmente voluntária, como mencionado, podendo ele(a) recusar-se a participar ou mesmo desistir a qualquer momento, sem que isto acarrete qualquer obrigação ou prejuízo à sua pessoa. Informamos ainda que as informações serão utilizadas somente para os fins desta pesquisa e serão tratadas com o mais absoluto sigilo e confidencialidade, de modo a preservar a sua identidade.

Para o registro das entrevistas, prevê-se a utilização de um aparelho celular, para que assim, essas possam ser posteriormente transcritas na íntegra, com o devido cuidado para preservação do sigilo e proteção de sua identidade e, após o término da pesquisa, esses arquivos serão apagados. Caso concorde ou não com a gravação, você deverá assinalar sua opção ao final deste documento, em campo específico.

Enquanto benefício, esperamos que a pesquisa colabore com a compreensão sobre as vivências de luto durante a adolescência, produzindo conhecimento para as diversas áreas de atenção ao adolescente, como a educação, psicologia, saúde pública, entre outras. Esperamos que esse estudo colabore para a maior reflexão e discussão sobre o luto, principalmente na adolescência, para eventualmente provocar novas reflexões e críticas, com a intenção de quebrar a lógica do silêncio sobre o sofrer.

Caso você tenha outras dúvidas ou necessite maiores esclarecimentos, poderá nos contatar nos endereços a seguir ou procurar o Comitê de Ética em Pesquisa envolvendo Seres Humanos da UEM, cujo endereço também consta neste documento. Este termo deverá ser preenchido em duas vias de igual teor, sendo uma delas devidamente preenchida, assinada e entregue a você. Além da assinatura, nos campos específicos, pela orientadora, pelo pesquisador e por você, solicitamos que sejam rubricadas todas as folhas deste documento. Isto deve ser feito por todos (pelo orientador, pela pesquisadora e por você, como sujeito de pesquisa) de tal forma a garantir o acesso ao documento completo.

Eu, _____, declaro que fui devidamente esclarecida e concordo em participar **voluntariamente** da pesquisa proposta pela mestranda em Psicologia Camila do Vale Almeida e orientada pela Prof.^a Dr.^a Lucia Cecilia da Silva.

Declaro também que **CONCORDO** **NÃO CONCORDO** que a entrevista seja gravada.

Assinatura do entrevistado(a)

Data: ____/____/____

Eu, **Camila do Vale Almeida**, declaro que forneci todas as informações referentes ao projeto de pesquisa supra-nominado.

Camila do Vale Almeida
Mestranda em Psicologia

Data: ____/____/____

Prof.^a Dr.^a Lucia Cecilia da Silva

Docente-Orientadora

Qualquer dúvida com relação à pesquisa poderá ser esclarecida com os pesquisadores, conforme o endereço abaixo, respectivamente informados:

Camila do Vale Almeida E-mail: camiladovale18@gmail.com – Telefone: (67) 99978-7661

Prof.^a Dr.^a Lucia Cecilia da Silva E-mail: luciacecilia@hotmail.com

Qualquer dúvida com relação aos aspectos éticos da pesquisa poderá ser esclarecida com o Comitê Permanente de Ética em Pesquisa (COPEP) envolvendo Seres Humanos da UEM, no endereço abaixo:

COPEP/UEM - Universidade Estadual de Maringá.

Av. Colombo, 5790. Campus Sede da UEM. UEM-PPG, sala 4.

CEP 87020-900. Maringá-Pr.

Tel: (44) 3011-4444/ (44) e 3011-4597 E-mail: copep@uem.br